



Divaldo Franco
Nilson Pereira

Exaltação à
VIDA

Diversos
Espíritos



Exaltação à Vida

1* Edição

Do 1º ao 10º milheiro

DIVALDO PEREIRA FRANCO

Súmula

Exaltação à Vida - Joairna de Ângelis	7
Anotações oportunas - Nilson de Souza Pereira	11
Perturbação espiritual	15
Luiz Carlos Gomes	19
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
Maria Filoména de Jesus	25
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
Lydia Mesquita Salviano	: 31
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
André Luiz Mugnai Neves	41

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Carmosina Coutinho Politano 49

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Márcio Ricardo Pinto 57

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Allan Kardec Fernandes Pereira 79

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Leonardo Perazzo de Almeida 87

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Christian Eduardo Tupiná95

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Luciede Petersen B. da Silva e

Edlúcio Petersen B. da Silva 103

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Amenayde de O. Bahia Monteiro 111

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Walter Perazzo Filho 115

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Rita Maria Ribeiro Carletto 121

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos

Renê Oliva Strang lijjWfe&jfc..... : 127

Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
Edmar Alexandrino Trindade	139
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
Américo Palermo	145
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
Sérgio Lourenço	153
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
Ana Maria Fernandes de Oliveira	163
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	
Guraracy Paraná Vieira	169
Dados biográficos - Mensagem - Depoimentos	

Exaltação à Vida

Por que buskais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou.

Lucas: 24: 5 e 6

As sombrias exéquias fúnebres e a inumação cadavérica, após o fenômeno biológico da morte, de forma alguma coroam a desintegração da vida.

As transformações que a organização somática experimenta em processu morte traduzem que nada desaparece nem se consome.

A vida passa por sucessivas manifestações de aprimoramento no

corpo e fora dele.

Á matéria de que o Espírito se reveste para aprender e desenvolver as aptidões inatas é transitória, sujeita aos inevitáveis mecanismos de aglutinação molecular e desagregação como parte da sua realidade transformadora.

Destituída de espontaneidade, é acionada pela vontade de ser que a comanda, e, quando deixa de atender aos impulsos que procedem da mente nela reencamada, de maneira nenhuma anula a sua causalidade.

Sem a morte, a vida física perderia o seu significado, derrapando no absurdo da perenidade da forma, em detrimento da essência que a mantém.

Sendo o mundo objetivo a condensação da energia, periodicamente as moléculas retomam às suas origens como resultado do vaivém das Leis Universais, não constituindo, por isso mesmo, o real, mas sim, o perecível.

O Espírito é o dínamo que preserva e aciona a organização física.

Quando os equipamentos que o constituem, por esta ou aquela razão, dissociam-se ou desarmonizam-se, o Espírito liberta-se, continuando a viver com o patrimônio que armazenou durante o

período que se encerrou.

A imortalidade, desse modo, é a mais bela conquista do ser, que mergulha na matéria e dela emerge sempre vivo e estuante.

No corpo, temporariamente perde algo da imensa capacidade de perceber, que recupera, quando dele se emancipa.

Em uma câmara mortuária, competindo com os que pranteiam o morto ou ali realizam um ato social ou de solidariedade, a movimentação da vida é surpreendente.

Familiares desencarnados, amigos afetuosos,, cooperadores do Bem, confraternizam em júbilo, recepcionando o recém-desencamado, caso ele se tenha havido em vinculação com os ideais de enobrecimento, com o autoburilamento, com a elevação moral, com os elevados princípios da vida... Do contrário, hordas asselvajadas de seres perturbadores, inimigos que a morte não aniquilou, aguardam ou recebem o egresso da Terra, arrebatando-o dos despojos e comprazendo-se em afiigi-lo.

Tal vida, qual morte — assevera o brocardo popular.

Conforme a existência corporal, traça-se o prosseguimento além-da-forma, em natural continuação de experiência evolutiva.

Não cessa a vida!

No presente livro desfilam os imortais, narrando as suas

experiências no além-túmulo, sobretudo demonstrando a sobrevivência da vida à morte.

Preocupados em fazer-se identificar, reuniram detalhes e fatos da existência, objetivando comprovar a identidade, a fim de consolar os seres amados que ainda permanecem no orbe terrestre.

Ansiedades e surpresas, reencontros queridos, apoios inesperados, revelações carinhosas, constituem o painel das afirmações que lenificam as saudades, retiram o desespero e confortam os que se encontravam em agonia ante os infaustos sucessos das desencarnações dos seres amados.

Multiplicam-se as Obras escritas com estas características na atualidade, parecendo desnecessárias outras mais. No entanto, como a morte prossegue na condição de milenário ponto de interrogação sem aparente resposta, de adversária cruel da felicidade, de terrível destruidora, livros como este nunca serão demasiados, antes fazem-se necessários.

Aqueles que finem a alegria de conhecer o Espiritismo não mais necessitam destes depoimentos para acreditarem no triunfo da imortalidade.

Dedicamo-lo àqueles que se sentem desnorteados, sem esperança, revoltados pela ignorância da vida espiritual, a fim de

que, da mesma forma que estas mensagens alegraram os seus destinatários, também os alentem e consolem, libertando-os da depressão, do pessimismo e da rebeldia, propondo-lhes reflexões e esperanças de reencontros com os seus afetos desencarnados, porém vivos.

Retomando com júbilo, todos cantam um hino de exaltação à vida, abrindo espaço para a alegria, após a tristeza e para a plenitude, depois da aflição.

Recordando Jesus Ressuscitado saudando Maria, que O foi homenagear no sepulcro, onde já não estava, pedimos-Lhe que nos abençoe e ampare no limiar da imortalidade para onde marcham as criaturas e onde já nos encontramos.

Salvador, 17 de março de 1993.

Joanna de Ângelis

Anotações Oportunas

Acompanhando a trajetória mediúnica de Divaldo Pereira Franco, num período superior a quarenta anos de atividades, assinalamos diferentes fases que lhe caracterizam a variedade de recursos, no processo de evolução do seu mediunato. ;

Inicialmente vimos surgir as páginas evangélicas de consolação espírita, entremeadas de sonetos e quadras de diversos autores espirituais. Posteriormente vieram as *revelações*

de além-túmulo e os profundos estudos da obsessão/desobsessão. Nesse ínterim, participamos do surgimento dos romances assinados por Victor Hugo, e, por fim, uma fusão de especificidades de estilos com as cartas probantes da sobrevivência, que os desencarnados vieram oferecer aos seus familiares e amigos, em memoráveis reuniões públicas e particulares repassadas de emotividade, lágrimas e sorrisos.

Acompanhando-o em contínuas viagens, vimo-lo demonstrar a auditórios cépticos, no País como no Exterior, que o Espírito sobrevive à morte física, sem haver mantido qualquer contato com os presentes.

Utilizando-se de intérpretes nos Estados Unidos, África do Sul, em inglês, ou em países de língua germânica, tais a Suíça (Zürich), Áustria, Alemanha, ou em francês, também na Suíça (Genebra) e França, o médium baiano recebeu mensagens auditivas, psicofônicas e psicográficas que sensibilizaram todos quantos participavam das reuniões, nas quais ocorreram os fenômenos.

Como demonstração da legitimidade desses fatos, os convites sucedem-se, solicitando-lhe o retorno aos mesmos lugares e a outros onde chegam essas informações, hoje somando quarenta e cinco países diferentes.

Em língua espanhola, além desses fatos, Divaldo psicografou o livro *Hacia las estrellas*, o primeiro no gênero, de que temos notícia, trazendo à atualidade companheiros desencarnados, em diferentes nações, onde mourejaram e puderam ser identificados após a morte, através da psicografia do querido médium.

No presente livro, que a Mentora Joanna de Ângelis denominou *Exaltação à vida*, diversos missivistas vieram trazer a sua contribuição demonstrativa da imortalidade da alma e sua comunicabilidade, mediante detalhes, narrações e caligrafias reconhecidas pelos familiares que lhe confirmam a autenticidade.

As mensagens não estão colocadas na ordem em que foram

psicografadas, e a nossa classificação objetiva facilitar o entendimento do leitor menos afeito a este tipo de leitura.

Desde um suicida arrependido a um espírita feliz, multiplicam-se as páginas ricas de informações e esclarecimentos, consolações e esperanças, convidando à reflexão e à paz.

Reunimos documentos dos familiares dos missivistas da imortalidade, confirmando os dados apresentados pelos signatários das correspondências e a influência que as referidas cartas passaram a exercer em suas vidas a partir daquele momento memorável.

Não é este um livro a mais no gênero, senão uma excelente contribuição à afirmação da **universalidade do ensino** dos Espíritos, a que se reportou Allan Kardec, de quem extraímos os tópicos referentes à **perturbação espiritual** e inserimos na abertura deste trabalho. (Questões 163 a 165, de O **Livro dos Espíritos**.)

Dando por concluída a tarefa que nos foi confiada pelos Benfeitores Espirituais, exoramos a proteção de Deus para todos nós, espíritos imortais que somos.

Mansão do Caminho, outono (21 de março) de 1993.

Nilson de Souza Pereira

Perturbação Espiritual

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

"Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação. "

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

“Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria. ”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“Influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem. ”

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despeitou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à

morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado fiituro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na

forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo. Esse

fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não creem dormir. É que têm o sono por sinônimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e vêem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo inopinadamente. Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranqüilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tomam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.

(Extraído de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, 29.* edição da FEB.)

LUIZ CARLOS GOMES

(Dados Biográficos)

Luiz Carlos Gomes nasceu no dia 17 de novembro de 1943, na cidade de Ibiá, no Estado da Bahia, e desencarnou em acidente automobilístico, na BR-116, próximo à cidade de Manoel Vitorino, igualmente no Estado da Bahia, no dia 26 de julho de 1986. Era filho de Martiniano Gomes da Silva e D. Almira Galvão da Silva. Diplomou-se em engenheiro agrônomo, casando-se com a Dra. Evanir Ribeiro Gomes, e desse consórcio nasceram Kaliandra, Thaís e Luiz Carlos.

(Explicações)

Na noite de 5 de janeiro de 1991, durante a reunião pública do Centro Espírita Caminho da Redenção, enquanto os expositores abordavam o tema de estudos, que versava sobre Deus, o médium Divaldo Franco psicografou de um só jato uma mensagem de Luiz, para surpresa e agrado geral, particularmente da família, que se encontrava presente e anelava por notícias do ser querido.

Banhada de lágrimas, a família agradeceu a dádiva superior do Alto.

(Depoimentos da Família)

Comentando a página, a Dra. Evanir afirmou haver encontrado o esposo vivo e real nas palavras, no estilo e mesmo na assinatura.

Toda uma série de fatos, totalmente desconhecidos do médium, encontra-se relatada na mensagem, demonstrando ser o missivista conhecedor dos problemas e preocupações da família.

Apresentada a amigos outros, estes identificaram o Luiz,

igualmente emocionados.

Leiamos a mensagem:

(Mensagem)

Minha querida Evanirí¹, meus filhos amados,
deixo-me dominar por uma onda de emoção, ao desfrutar da
bênção de poder escrever-lhes.*

*Venho aguardando esta oportunidade com o coração ansioso,
tanto quanto vocês a têm aguardado.*

*Busquei crescer em espírito, a fim de poder lograr o ensejo, e
hoje, na data do aniversário do meu filho, do nosso filho Luizinho, a
misericórdia de Deus me proporciona a felicidade de poder afirmar-
lhes que estou feliz.*

*No começo tudo me foi inquietante, tormentoso, envolto em
névoas, para depois dar-me conta da realidade nova e libertadora,
que me proporcionou começar a entender as Leis de Deus, a que eu
não dera o devido valor, quando me movimentava no corpo.*

*A morte, ao fíes separar fisicamente, não conseguiu apagar as
nossas emoções, os sentimentos de amor profundo, que ainda me
comovem até as lágrimas.*

No íntimo eu sabia que a minha vida terrena não seria longa. Vez que outra era assaltado por um estranho temor de que não viveria o suficiente para criar os filhos e conviver com a amada esposa quanto eu desejava. Uma tristeza súbita então me assaltava.¹ Procurava reagir, mas, o coração sabia.

Constatando que continuamos a viver, sou tomado de uma grande alegria e não tenho como expressar todo este júbilo.

Tenho-a acompanhado, querida Evanir, especialmente durante aqueles primeiros dias mais difíceis em Jequié² (, quando a surpresa com a minha partida lhe dominou todas as fibras.

Você, porém, foi extraordinária.

Sem experiência comercial⁽⁵⁾, você tem sabido conduzir as responsabilidades que lhe foram delegadas com a minha morte, e, graças a isto, tem podido manter a nossa família.

Profissional responsável, você tem feito da Medicina um sacerdócio, e embora tímida, valorizando o trabalho, você vem conseguindo ajudar e ajudar-se.

Agradeço a sua resistência moral, a sua coragem de fé e a dedicação aos nossos filhos.

A vida é um permanente desafio, e a juventude nos exige

compreensão e amor, ternura e bondade.

As atrações são muito fortes e as facilidades sè multiplicam fascinantes. É natural que a mocidade deseje entregar-se ao prazer, inexperiente e ansiosa, para arrepende-se depois. Aos adultos cumpre o dever de ajudar sem cansaço, nem desânimo.

Você é mãe extraordinária, e, muitas vezes, quando em dificuldade para resolver algum problema doméstico, eu tenho procurado inspirá-la, protegê-la.

Oro a Deus para que Ele a ampare afetuosamente, a fim de que a sua marcha seja menos áspera. Até esse momento, renove-se, acalme-se e confie.

Estamos juntos e seguiremos confiantes, amparados por Deus.

Queridos filhos, Thaís, Kaliandra e Luiz Carlos, o paizinho que os ama pede-lhes que estudem e procedam bem. O futuro é feito de ações presentes e a dignidade é uma conquista de toda hora, que começa na infância e jamais termina.

Demos-lhes, sua mãe e eu, os melhores exemplos, e vocês têm todo o porvir para desfrutar. Agora, preparem-se e cresçam para o bem e para Deus.

Parabenizo o Luizinho, e rogo a Deus que o faça um homem de bem, um verdadeiro cristão.

Rogo a Thaís e Kaliandra que sejam meigas com a mamãe e a RaildaP\ nossa querida amiga e cooperadora, que tanto nos amam.

A vida de amor é rica de experiências abençoadas. Saber aproveitá-las é forma de sabedoria.

Aqui estão comigo, abraçando todos vocês, os nossos Dona Cecília e esposo, abençoando a família sempre querida. “Seu” EvaristoW encontra-se em ação do bem, sempre procurando crescer.

Envolvendo-os, a querida esposa Evanir, os filhos amados Thaís, Kaliandra e Luiz Carlos em um só abraço, sou o pai devotado e amigo, que os não esquece e procura protegê- los em paz,

Luiz

Luiz Carlos Gomes⁽¹⁰⁾

(Identificações)

- 1) Evanir — Nome da esposa.
- 2) Hoje, data do aniversário do meu filho, do nosso filho Luizinho — Dados corretos e confirmados.
- 3) Uma tristeza súbita então me assaltava — Dra. Evanir afirmou que sempre o surpreendia nesse estado, e, ao perguntar-lhe, ele prometia dizer ou escrever depois, o que não concretizou.

4) Em Jequié r-* Cidade, na Bahia, onde a família residia.

5) *Sem experiência comercial* Dado exato.

6) *Thaís, Kaliandra e Luiz Carlos* — Nomes dos filhos. Note-se a grafia dos mesmos. Kaliandra é nome de uma planta, porém, escrito com C que o genitor substituiu por K propositalmente.

7) *Railda* — Nome da auxiliar doméstica, que reside com a família há mais de dez anos e não se encontrava presente na reunião.

8) *Dona Cecília* S Mãe da Dra. Evanir, já desencarnada.

9) “*Seu* ” *Evaristo* — O missivista não o conheceu, porém, referia-se ao sogro nominando-o *Seu*...

10) *Luiz Carlos Gomes* — Grafia e nome corretos. Quando alguém escrevia o seu nome, fazia-o com a letra *s* e ele corrigia: “o meu Luiz é com *z*”. A letra é igual à assinatura que tinha, quando encarnado.

Maria Filoména de Jesus

(Dados Biográficos)

D. Maria Filoména de Jesus desencarnou em 30 de março de

1984, vitimada pelos efeitos de uma queda que lhe flaturou a bacia e a reteve acamada por quase dois anos, na cidade de Uberlândia, MG, onde viveu.

Além dos filhos que gerou, adotou Eurípedes Fagundes Lima, que não distinguia dos demais.

Viúva e modesta, trabalhava, costurando até altas horas, para manter a família, com abnegação até o cansaço, a exaustão.

(Explicações)

Estando de visita a Salvador, na noite de **28** de dezembro de 1988, Eurípedes participou da sessão pública do Centro Espírita Caminho da Redenção.

Divaldo encontrava-se participando das atividades doutrinárias e psicografou com celeridade, enquanto o expositor abordava o tema programado para estudos e reflexões.

Ao terminar a reunião, Divaldo leu a mensagem, que transcrevemos a seguir, após os comentários do destinatário.

Depoimentos da família

Examinando a mensagem, Eurípedes identifica a mãe- zinha

adotiva e ressalta: a frase *filho do coração* é dela indiscutivelmente, e a dizia muito quando encarnada, por ser eu seu filho adotivo e ela ter muita afinidade comigo, afirmando: *não é meu filho do sangue, mas é filho do coração. Também o chamava de meu neguinho.*

Esclarece que o conforto que experimentou excede a qualquer expectativa.

Mensagem

Nego⁽¹⁾, meu filho,

estou suplicando à Mãe de Jesus que nos abençoe, a fim de podermos permanecer fiéis aos compromissos que abraçamos.

O túmulo não é prisão para uma mãe que ama, nem a morte é o fim dos sentimentos que ligam os seres.

Após escrever-lhe, ainda marcada pelas impressões do corpo, cansado de uma existência muito longa, posso retomar amparada pelo benfeitor Alfredo Júlio e pelo FranciscoM a fim de dizer a você do amor que permanece unindo-nos.

*Não foi o acaso que trouxe você para nossa Casa. Hoje eu sei que você era o filho do coração*que ficou no passado e a carne não pôde receber, no entanto, não sendo menos amado do que os outros.*

As ligações do Espírito, meu filho, são fortes vínculos que nos prendem uns aos outros nas viagens da evolução, ajudando-nos no crescimento para Deus.

Por esta razão, tenho estado em casa e convivido com os nossos familiares, procurando ajudar a Marieta, a Julieta, o João, a Antonieta⁽⁵⁾, sem me esquecer da nossa Tereza⁽⁶⁾, a querida nora, que vem conduzindo o seu fardo conforme a vontade de Deus.

O nosso Adolfo[^] já se encontra renovado e, agora, menos sofrido, porque compreende os desígnios do Pai e se submete a eles, preparando-se para auxiliar melhor e mais a família.

O filho chegou aqui muito aflito, e o seu pai, com o apoio dos Guias Espirituais, trabalhou para acalmá-lo e fazê-lo compreender a realidade para a qual não estava preparado.

Hoje, felizmente, tudo está normalizado e bem.

Acompanho você, meu neguinho, nas suas tarefas de amor e sinto-me feliz por haver sido a sua mãezinha da alma e ter recebido da sua fé as lições, as palavras que me alertaram⁽¹⁰⁾ para a vida espiritual. Deus sabe quanto elas me foram úteis e como as recordo até hoje!

Prossiga, meu filho, na sua tarefa de demonstrar a imortalidade

e consolar os sofredores do mundo.

A vida, na Terra, é uma conquista para ser gozada depois. Sábio é aquele que se utilize com elevação de todas as oportunidades, porque nenhuma delas ficará perdida.

Continue trabalhando com esse entusiasmo que Deus lhe deu e arrebanhe os corações para a fé.

Eu abençoo a nossa Mônika³ e as crianças, agradecendo a Nosso Pai pela felicidade da família que lhe concedeu.

Permaneça, quanto possível, apoiando os seus irmãos e familiares, e, sempre que houver ocasião, fale do amanhã do Espírito, que é a certeza maior da vida, de que ninguém foge.

O João Francisco⁽¹²⁾ abençoa o seu coração generoso e pede para que eu informe que, além do nosso amado Alfredo Júlio, estão com a nossa caravana uberlandense, entre outros trabalhadores do bem, os nossos “seu” Toninho e Dona Maria Rezende, a Profa. Angélica Alessandre⁽¹³⁾ e sua mãe, a veneranda senhora Risoleta, de Monte Alegre⁽¹⁴⁾, que me fazem portadora de carinhos aos seus familiares e aos trabalhadores da luz. Também faz parte do nosso grupo a irmã Dona Ondina⁽¹⁵⁾, de Araguari, que continua como

missionária do amor e da caridade, cada vez mais feliz.

Meu nego, chega o momento de interromper esta carta. Nunca pensei que na minha pobreza eu viesse a escrever como venho fazendo. Mulher humilde e simples, não estava acostumada com esta arte.

Perdoe, portanto, a sua mãezinha, se acaso não escreveu bonito e certo, procurando ler, além das palavras, o que está no meu íntimo e ainda não aprendi a exteriorizar.

Abraçando você, a Mônica, os netinhos, a Marieta, o João, a Antonieta e a Julieta num só amplexo, beija você, meu filho, a sua pobre mãe,

Filoména

Maria Filoména de Jesus⁽¹⁶⁾

(identificações)

- 14) 1) Nego |gi Expressão com que chamava o filho adotivo.
- 15) 2) Alfredo Júlio -9 Espírito abnegado que realizou uma obra meritória na cidade de Uberlândia (MG).
- 16) 3) Francisco — Filho desencarnado.
- 17) 4) Filho do coração - 9 Expressão habitual e carinhosa

onforme referido.

- 18) 5) Marieta, Julieta, Antonieta — Filhas de João João Francisco Lima 9 - desencarnado há sessenta anos aproximadamente.
- 19) 6) Tereza — Esposa de Adolfo, já desencarnado, em 04/12/85.
- 20) 7) Adolfo — Conforme referido no item acima.
- 21) 8) Não estava preparado — Adolfo era muito católico.
- 22) 9) Meu neguinho — Forma carinhosa confirmada.
- 23) 10) As palavras que me alertaram — Eurípedes confirmou que lhe falava sobre a imortalidade, quando da sua demorada doença.
- 24) 11) Mônica — Esposa de Eurípedes.
- 25) 12) João Francisco — Filho, já referido no item 3.
- 26) 13) Toninho e Dona Maria Rezende, a Profit. Angélica Alessandre — Trabalhadores espíritas desencarnados da cidade de Uberlândia (MG).
- 27) *Senhora Risoleta, de Monte Alegre* -Ig Verdadeira missionária do bem, na cidade citada, já desencarnada.
- 28) *Dona Ondina, de Araguari* — Senhora dedicada ao bem, na cidade referida, igualmente desencarnada.

29) *Maria Filoména de Jesus* — Nome correto da missivista.

Lydia Mesquita Sa

(Dados Biográficos)

A Dra. Lydia Mesquita Salviano nasceu em 4 de junho de 1943, na cidade de Aracaju, em Sergipe, onde fez os diversos cursos de formação cultural, diplomando-se pela Faculdade de Medicina local.

Consoziada com o Dr. João Fernando Salviano, tomou-se mãe de duas crianças, uma menina e um menino.

No dia 28 de março de 1984, para estupor de toda a comunidade, foi cruelmente assassinada, no seu próprio apartamento, por desconhecidos.

O crime permaneceu envolto em dificuldades e mistérios.

Menos de quatro meses depois, seus familiares visitaram o médium Divaldo Franco, na Mansão do Caminho, em Salvador, onde foi realizada uma sessão especial por orientação de Joanna de Ângelis, sua mentora, em cuja oportunidade a Dra. Lydia ditou por psicografia a mensagem que segue adiante.

(Explicações)

Sobre a veracidade da mensagem, sua irmã Clese Mary Mesquita Cerqueira assim se expressou, em carta que nos dirigiu:

(Depoimentos da Família)

“A forma dolorosa como se deu a partida de Lydia deixou a família desarvorada.

“A mensagem psicografada por Divaldo, à nossa querida família, veio trazer, na inesquecível tarde do dia 13 de julho de 1984, um bálsamo para as nossas dores e ansiedades.

A notícia de que Lydia continuava viva, em recuperação, consciente do que lhe acontecera, inclusive perdando os responsáveis por tão horrendo crime e, ainda mais, orando por eles, amenizou a nossa dor.

A autenticidade da mensagem é impressionante: a flor que sua filha Scheillinha colocara no seu retrato no dia que seria seu aniversário (4 de junho); as visitas feitas por mamãe, semanal mente, ao cemitério, levando-lhe flores; o silêncio sofrido de papai; a forma como se dirigiu à Scheillinha “Minha Fofólete” e a Marquinho “Minha Paixão” e “Mulheres” (!) uma forma carinhosa que sempre

usou em relação às irmãs, atestam-lhe a identidade.

Abençoadas sejam as mãos de Divaldo, que impediram, com esta carta, que os pais enlouquecessem de angústia e de dor, conseguindo colocar um bálsamo em nossos sofrimentos.

Que Jesus proteja o mediano Divaldo, para que ele continue distribuindo consolações aos corações aflitos e sem esperanças.”

(Mensagem)

Minha querida mamãe, meu querido papai, meus filhinhos amados e minhas queridas irmãs,

estou suplicando a Deus que nos conforte e sustente nas lutas da nossa redenção.

Já *consigo recapitular sem muito sofrimento as ocorrências daquela quarta-feira, dia 28 de março passado.⁽¹⁾ Eu me encontrava feliz, em pleno trabalho, embora no íntimo algo parecesse prenunciar-me sofrimento impenetrável.*

Fazia poucos dias, eu reorganizara a minha vida, arrumando roupas e objetos como se fosse viajar...

Sai do trabalho para ir ao apartamento, o que não era um

hábito, como se as mãos do Destino estivessem conduzindo-me. Ao chegar, estranhei a porta entreaberta e sinais de desarrumação. Dirigi-me ao interfone para comunicar-me com a portaria, quando tudo aconteceu, colhendo-me de surpresa. Nenhuma palavra, além do choque pelo inesperado e os disparos da arma de fogo, que me alcançaram, fazendo-me rodopiar e sentir a inconsciência que, de súbito, me fez adormecer...

Confesso que não senti nenhuma dor. Não houve tempo de pensar em nada.

Dessa forma, somente vim a tomar conhecimento, vagamente, quando despertei num como Hospital a que fui recolhida.

No começo, tive a impressão que havia escapado à agressão, sentindo-me atordoada. Uma senhora bondosa, sorriu e procurou tranquilizar-me, dizendo que tudo estava bem. Não a pude identificar de pronto. Voltei a dormir, e assim permaneci, por tempo que não pude medir...

Posteriormente, despertei com menos indisposição e, naquele ambiente agradável, dei-me conta que não estava internada no nosso Cirurgia de Aracaju, o que me causou surpresa.

Foi então que se adentraram, sorridentes, a Dra. Laura Amazonas e vovó, saudando-me com alegria... Fiquei estarecida,

acreditando tratar-se de uma alucinação pós- operatória. No entanto, aguçada na lucidez mental, compreendí o que se passara e prorrompi em pranto... Pela memória, naquele momento, pareceu que a minha vida tpdá, arquivada no inconsciente, desenrolasse uma película cinematográfica mágica, e vi-me a repassar todos os acontecimentos dali até ao berço, numa espécie de avaliação automática.

É impossível descrever o que se passou em mim. As interrogações bailavam na minha mente, num calidoscópico de respostas incompletas, que eram abafadas pela perturbação emocional

Não demorou muito esse estado, porque vovó se acercou de mim e procurou confortar-me, dizendo-me que tudo estava bem...

Mas a incerteza do que acontecera e das razões do ocorrido angustiavam-me, ao tempo em que pensava em todos os seres amados da minha alma.

Tranqüilizada, quanto possível, retomei ao repouso...

Assim, a pouco e pouco, fui-me assenhoreando dos acontecimentos, e, da inquietação inicial passei à conformação confiante em Deus.

Apesar de não haver tido uma íntima formação religiosa, e fosse

muito racional, compreendí, evocando o que lera e ouvira a respeito do Espiritismo, quanto era verdadeira a sobrevivência do ser, o que me deu mais tranquilidade e consolo.

A partir daí, fui reagindo, sob a orientação de bondosos médicos que me atenderam e, inclusive, de alguns professores meus que ali se encontravam, de cujo reencontro desfrutei grande bem-estar.

Simultaneamente, em razão das minhas preocupações com todos vocês, fui sendo orientada a respeito do novo comportamento que eu deveria assumir, recebendo notícias tranqüilizadoras.

Agradeço, mamãe e papai queridos, o esforço em equilibrar-se pensando em sua filha, especialmente quando comecei a captar o pensamento de mamãe indo ao cemitério levar-me flores e ao apartamento, numa tentativa de carinho de que somente a ternura feminina é capaz.

A resignação doída de papai e a sua confiança em Deus constituíram-me uma forma de anestésico na ferida da saudade, confortando-me. No entanto, quando me recordava dos meus filhinhos, cujos pensamentos me alcançavam em chamados sofridos, as lágrimas me afligiam e as resistências cediam. Desejava levá-los e deitar-me, juntos, a dormir, conversando e rindo, brincando e

cantando como antigamente.

A presença dos amados Scheillinha e Marquinho^m nos painéis da minha mente é semelhante ao perfume na pétala da rosa, que nem o triturar consegue separar um da outra.

Ouvia as suas perguntas e chorava com as suas lágrimas, desejando consolá-los sem poder.

Mas, o carinho por você, minha Fofote e por você, minha Paixão⁽¹⁰⁾, permanece em estímulo para que eu lute e cresça para Deus, a fim de podermos reunir-nos, novamente, mais tarde, quando vocês concluírem suas atividades na Terra...

No dia 4 de junho passado⁽¹¹⁾, recebi sua rosá, minha filhinha, recordando-se do meu aniversário e no último dia 3 deste julho⁽¹²⁾, orei por você e roguei ao Senhor que a proteja de todo o mal.

Não tenho como agradecer à Clese e à Rose⁽¹³⁾ pela sua afeição, esse amor imenso que sempre nos uniu e que se tomou maior, indestrutível, após o acontecido...

Todo o esforço que têm mantido para superar as mágoas resulta em bênçãos para mim, no meu estado atual.

As suas preces me alcançam como se fossem telefonemas de luz, penetrando-me o espírito em forma de bálsamo que alivia as

saudades.

...Não nos preocupemos com as notícias deprimentes⁽¹⁴⁾, que são inevitáveis.

Agora, pouco importa muita coisa que fica mesmo na Terra, com as mesquinhas e as paixões que o túmulo desintegra.

As divinas leis alcançam a todos os infratores, e ninguém foge indefinidamente dos resgates que nos chegam como veículo para a paz.

Perdoo, com a alma e o coração, aos envolvidos nas ocorrências infelizes e hoje oro por eles.

A Justiça de Deus tem-me ensinado nova forma de compreender a vida.

Nada mais, na atualidade, restaurará o corpo e recomporá o que antes havia. Não obstante, continuamos em nosso imenso amor que jamais será interrompido. Quando amamos, somos felizes.

Recordem os nossos momentos alegres e esqueçamos o mais...

Fui muito feliz, na Terra. Deus me deu de tudo: pais excelentes e carinhosos — os melhores do mundo! irmãs admiráveis, que constituíamos um trio interligado; filhos abençoados e únicos; sobrinhos e amigos incomuns, constituindo um tesouro invulgar.

Gozei de saúde e da alegria de viver. Os poucos problemas fazem parte da existência humana e foram todos superados.

Ficaram amigos e beneficiários do meu carinho, em número maior do que os outros... E temos o futuro formoso pela frente, chamando-nos a avançar.

Recordo-me, muito agradecida, da viagem à Europa com Rose e da última com Clese.⁽¹⁵⁾ Como fomos felizes, não, mesmo, mulheres?!⁽¹⁶⁾ Então, expulsemos as sombras da nossa mente e coração.

Foi uma atitude feliz e acertada haver limpo o apartamento⁽¹⁷⁾, dali retirando o que já não justificava ficar.

Agora, juntos como antes, vida nova!

Já não sofro. Amo e compreendo, mais afetuosamente do que antes, e sempre juntos como antigamente.

...Chega o momento de dizer: até mais tarde! Não é um ponto final, mas sim uma ligeira interrupção.

Sejam nobres, minha Paixão e minha Fofolete, estudando e atendendo aos seus deveres. Cresçam para o bem! Beijo- os e embalo-os nos braços com carinho e conto histórias, cantando outra vez.

No mundo dos sonhos nos encontraremos em clima de felicidade. Até já, meus amores!

Clese e Rose, prossigam felizes, sem traumas, nem mágoas.

Vocês têm muito que fazer na Terra e estão

convidadas para uma longa e abençoada jornada. Abraço

Franco, Enaldo, Neydinha, Fábio, Enaldo Filho, Diana, Raimundo e

Patrícia⁽¹⁸⁾ com o mesmo carinho de sempre.

Estamos unidos e rogaremos para que a fada felicidade teça o manto da nossa permanente união.

A você, mamãe querida, cuja luta de amor tem sido ímpar e a você, papai querido, o herói da resignação silenciosa, o profundo amor e toda a devoção de sua filha reconhecida e sempre a mesma.

Deus nos inspirará quanto ao futuro das crianças. Aguardemos, porque elas estão nas melhores mãos do mundo, as mais dignas e as mais carinhosas.

A filha, a mãe, a irmã, a cunhada, tia e tia-avó de sempre, a todos abraçando num imenso gesto de saudade, carinho e gratidão,

Lydia⁽¹⁹⁾

(identificações)

- 1) Quarta-feira, dia 28 de março passado — Dado confirmado pela família.
- 2) Saí do trabalho para ir ao apartamento — Informação verdadeira.
- 3) Ao interfone para comunicar-me com a portaria — Dado exato.
- 4) Arma de fogo — Foi assassinada a tiros.
- 5) Cirurgia — Nome do Hospital de Cirurgia, onde a missivista trabalhava em Aracaju.
- 6) Dra. Laura Amazonas — Dentista e trabalhadora espírita sergipana desencarnada.
- 7) Vovó — Avó materna Esmera Figueiredo de Albuquerque, desencarnada.

- 8) *Ao cemitério levar-me flores* — D. Neyde afirmou o fato.
- 9) *Scheillinha e Marquinho* — Scheilla e Marcos, nomes dos filhos da comunicante.
- 10) *Fofote e Paixão* — Apelidos carinhosos dos filhos, que foram confirmados.

4 de junho — Data de aniversário da missivista.

3 deste julho — Data de aniversário de Scheilla.

- 11) *Clese e Rose* — Irmãs da desencarnada.
- 12) *Notícias deprimentes* — A Imprensa explorou o assassinato de forma cruel e injusta.
- 13) *Viagem à Europa com Rose e da última com Clese* — Fato verdadeiro que a família confirmou.
- 14) *Mulheres* — Expressão carinhosa com que chamava as irmãs.
- 15) *Limpo o apartamento* — Realmente a família teve esse cuidado e o executou.
- 16) *Franco, Enaldo, Neydinha, Fábio, Enaldo Filho, Diana, Raimundo e Patrícia* — Nomes de familiares: cunhados, sobrinhos e sobrinha-neta.
- 17) *Lydia* — Conforme grafava o nome.

André Luiz Mugnai

(Dados Biográficos_)

André Luiz Mugnai Neves nasceu no dia 20 de julho de 1981.

Seus pais eram Wladimir das Neves e Siomara Berlanga Mugnai Neves.

Foi matriculado na Escola Estadual de Primeiro Grau Avamor Berlanga Mugnai. Chegou a freqüentar apenas o pré- primário, pois tinha seis e meio anos quando desencarnou. A professora chama-se Dona Loly e raramente chamava André Luiz pelo nome, preferindo chamá-lo de Deco.

Deco era uma criança alegre, extrovertida, simpática e bondosa. Tinha prazer em ajudar as outras crianças, presentando-as com os seus pertences, sem nunca fazer distinção entre os vários amiguinhos que possuía. Era um irmão amoroso e muito atencioso, especialmente com o irmão João Francisco que, à época, tinha pouco mais de dois anos de idade. O carinho não era menor em relação à irmã Camila. Ambos brincavam em perfeita harmonia, dada a proximidade das idades, isto é, por possuírem quase a mesma idade.

Desencarnou no dia 31 de janeiro de 1988, em acidente automobilístico.

(Explicações)

Divaldo viajava pelo interior do Estado de São Paulo

acompanhado por Dr. Miguel de Jesus Sardano, em tarefa doutrinária do Espiritismo.

Depois de proferir conferência na cidade de Osvaldo Cruz, na noite de 17 de setembro de 1990, Dr. Izaías Claro levou-o a conhecer a Comunidade Espírita Joanna de Ângelis, por ele criada com um grupo de abnegados trabalhadores espíritas. Durante a reunião matinal, DivaMo começou a psicografar, e, para surpresa e agrado geral, a mensagem era dirigida a duas cooperadoras da Obra e firmada por Deco.

(Depoimentos da Família)

Dona Siomara Berlanga Mugnai Neves declarou-nos, por escrito, o que se segue:

“Como mãe do Deco (André Luiz Mugnai Neves), gostaria de dizer que nunca havia conversado com Divaldo Pereira Franco.

O médium desconhecia completamente a situação ou os problemas vividos em virtude da desencarnação inesperada de meu filho, em 31 de janeiro de 1988. Em realidade, Divaldo não tinha conhecimento algum a nosso respeito, meu e de minha família.

Sendo espírita e acreditando na continuidade da vida de meu filho, fiquei extremamente feliz em receber sua mensagem, em

circunstâncias absolutamente seguras, quando de uma reunião nas dependências da Comunidade Espírita Joanna de Ângelis (Lar de Meninas), em Osvaldo Cruz, presidida pelo Dr. Izaías Claro, espírita militante na região, promotor de justiça na comarca de Osvaldo Cruz. A esta reunião compareceram quase uma centena de pessoas que, como eu, ficaram profundamente tocadas com o acontecimento feliz!

Dentre muitos aspectos que eu poderia destacar, particularmente chamou-me a atenção a frase seguinte: “a alegria das férias e as lágrimas da tristeza.” O médium desconhecia o fato de que a família, por ocasião do acidente, passava férias na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, sendo que tudo aconteceu na rodovia, na viagem de retomo a Pacaembu. Saliento que o Deco estava no interior do veículo dirigido por minha irmã Maria Isabel, tia do comunicante. Daí a observação feita por ele de recordar-se do desespero da tia.

Destaco, por importante, outra anotação feita por Deco: “Depois do silêncio demorado e do sono, despertei amparado por um homem bondoso que me consolou e depois me disse que era o *Vô Avamor*”... Também este ponto confirma a autenticidade do fenômeno, pois que anteriormente eu recebera uma mensagem dele, em reunião realizada no Centro Espírita Amor e Verdade de Pacaembu, onde ele dizia ter sido acolhido e amparado por seu avô Avamor.

Deco comenta sobre o modo de pensar de seu pai, que compreende. Ocorre (e isto é preciso dizer para enfatizar a autenticidade do fenômeno) que o seu genitor tem dúvidas a respeito da existência e sobrevivência da alma após o decesso celular.

Dois outros pontos precisam ser destacados. O primeiro está no fato de que André Luiz (Espírito) raramente utilizava o próprio nome, preferindo usar o apelido de Deco. Mesmo na escola era conhecido pelo pseudônimo. A escola do pré-primário assim o identificava. E mesmo quando atendia os telefonemas, o próprio André Luiz se identificava por “Deco”. O segundo, reside na circunstância de que o “Deco” fala dos irmãos João Francisco e Camila, que não se encontravam presentes à reunião onde a mensagem foi psicografada. Também estes fatores confirmam a autenticidade do fenômeno.

Finalizando, desejo externar minha gratidão a todos os que, de uma ou de outra maneira concorreram para a obtenção da mensagem, especialmente a Espiritualidade Amiga representada pela amada mentora Joanna de Ângelis, e por Divaldo Pereira Franco, Seareiro dedicado ao bem de todos. Agradecida a Deus e a Jesus, e com a esperança de prosseguir na tarefa do bem que abracei, rogo a Eles permitirem que a carta

de meu filho — sempre vivo! — ajude a outros pais que passam por situações semelhantes, para que também prossigam confiantes e alegres na certeza de que hão de vencer as tempestades do momento!
!”,.

(Mensagem)

...PASSOU A NOITE E BRILHA O NOVO DIA...

Queridas Mãezinhas Mara e Maria Isabel,

passou a noite e brilha o novo dia para o amor imortal.

Tudo foi tão rápido! A alegria das férias e as lágrimas da tristeza. Assim, porém, deveria ser, pois estava escrito desde antes do berço.

Eu retomei do seio amoroso da nossa família para concluir compromissos que haviam ficado interrompidos.

Lamento, somente, as dores que causei involuntariamente.

O importante, no entanto, é a nossa felicidade de hoje, desde que aquelas horas são o resgate, que trouxe outras bênçãos: a fé, a coragem para a luta, a alegria para o bem.

Não sojri. Somente me recordo do desespero da querida tia, depois que me transferei de carro, e a queda no abismo.

Depois do silêncio demorado e do sono, despertei amparado

*por um homem bondoso que me consolou e depois me disse que era o Vô Avamor*⁴*, que eu não havia conhecido. Com ele, e o carinho de diversos corações, recuperei-me, vim trazido à nossa casa e encontrei-a em dor profunda. Procurei falar, dizer que estava vivo e não consegui.*

Lentamente, nos sonhos, voltei a aparecer, buscando tranquilizar a família.

Agora, agradeço a Deus tudo quanto aconteceu, que foi transformado em luz e paz.

Estou feliz e emocionado.

O nosso amor não diminuiu e eu espero os paizinhos, os irmãozinhos, as almas queridas aqui, depois da grande jornada que devem realizar em favor do seu progresso.

Deus os abençoe, almas amadas!

Desejo beijar os avós queridos e envolver em ternura o paizinho, a quem muito amo, e compreendo a sua forma de pensar.⁽⁵⁾

Sempre que posso retomo ao nosso lar e vivo as novas alegrias da família.

Abraço e beijo o João Francisco e a Camila⁽⁶⁾, com carinho profundo.

Querida tia-mãe e amada mãezinha Mara, estou ajoelhado e de mãos juntas, agradecendo o seu amor.

Seu jilhinho de ontem, de hoje e de amanhã, que as ama como estrelas do céu e nunca as esquecerá, abraçando, também, o paizinho e todos da família,

Deco

Em tempo: esta cartinha foi escrita sob o comando da mãezinha Joanna de Ângelis,

Deco.

(Identificações)

Deco: André Luiz Mugnai Neves Nascimento: 20 de julho de 1981

Desencarne: 31 de janeiro de 1988 Causa do desencarne: acidente automobilístico

1) *Mara* — Siomara Berlanga Mugnai Neves, mãe do (Deco)

André Luiz.

Maria Isabel — Maria Isabel Berlanga Mugnai —" tia do André Luiz.

Estavam no mesmo veículo sinistrado.

2) *Alegria das férias* — a família passou 15 dias em Florianópolis. O acidente ocorreu na viagem de retorno à casa.

3) *O desespero da querida tia* — fato real.

4) *Vô Avamor* -^Avamor Berlanga Mugnai, avô materno desencarnado em 06 de março de 1964.

5) *Paizinho* — Wladimir das Neves, pai de André Luiz.
Compreendo sua forma de pensar — o pai não acredita na existência da alma e na sua sobrevivência à morte. *Avós paternos*: Aldeneia Cavichioli Neves e Osvaldo Vicente Neves.

Avó materna: Emene Mustafã.

6) *João Francisco* -9 João Francisco Mugnai Neves, irmão de André Luiz.

Camila -9 Camila Mugnai Neves, irmã de André Luiz.

Carmosinha Coutinho Potitano

(Dados Biográficos)

Carmosina Coutinho Politano (Mosinha), nasceu em 17 de dezembro de 1948, na cidade de Maracás—Estado da Bahia, indo logo após viver em Itiruçu (cidade próxima), até os oito anos de

idade. Após o falecimento do seu pai, Álvaro Coutinho, foi entregue por sua mãe, Jovelina Lima Coutinho, aos cuidados da Profª. Edith Vital, conceituada educadora em Salvador, que a criou como verdadeira e única filha. Sua verdadeira mãe, Dona Jovelina Lima Coutinho, ainda é viva e mora em; Itiruçu. Ela entregou quase todos os filhos para outras pessoas criarem, devido às dificuldades financeiras enormes que a família passou, após o falecimento do Sr. Álvaro Coutinho.

Mosinha devotava a sua mãe de criação um amor imensurável e não entendia por que havia tantas dificuldades burocráticas para a adoção de crianças pobres. Achava que, após o trauma da separação, havia sido recompensada por Deus em possuir uma genitora perfeita, embora não fosse de seu sangue. A enorme diferença de idade entre Mosinha e sua mãe adotiva, Edith Vital, fez com que ela tivesse paciência e ternura com pessoas idosas, sendo até hoje lembrada por todas as velhinhas da rua Rio de São Pedro, no bairro da Graça, onde conviveu toda a infância e adolescência. Sempre dizia que tinha mais pena dos velhos que das crianças, pois estas últimas sempre possuem um pouquinho de proteção, enquanto os primeiros são abandonados e algumas vezes até detestados.

Em 1972, formou-se como Professora Primária na Escola N. Sa.

de Lourdes, no bairro de Nazaré — Salvador. Em 1973 fez um curso de extensão para ensinar no ginásio na mesma escola. Em 1974 uniu-se com Carlos Eduardo Politano. Em 1977 nasceu da união Leonardo Coutinho Politano que se encontra atualmente com nove anos de idade. Em 1982 nasceu Bruno Coutinho Politano, com cinco anos atualmente.

Em 8 de agosto de 1985 foi acometida de um derrame cerebral devido ao rompimento de um aneurisma. Levada, às pressas, para o Hospital Jorge Valente, voltou a si dois dias depois, dando fortes esperanças de pronto restabelecimento, No dia 11, na UTI, voltou a ter fortes dores de cabeça, padecendo outra hemorragia da qual não se recuperou mais. No dia 16, à lh55m da madrugada, desencarnou. Suas últimas palavras, segurando as mãos do marido, foram Bu-bu, apelido carinhoso que se referia ao caçula Bruno.

Durante sua passagem pela vida material foi uma excelente amiga, mãe, esposa, filha, nora, irmã, enfim, tudo o que um ser possa possuir de bom. Era extremamente sentimental, sensível e bela. Estava sempre sorridente e espalhava alegria em todos os lugares onde ia, apesar de não gozar de boa saúde.

Salvador, 13 de janeiro de 1987

Carlos Eduardo Politano

Querida Mosinha:

São decorridos um ano e meio que você nos deixou. Apesar do tempo, é como se tudo tivesse acontecido ontem! Reafirmo que jamais encontrarei alguém como você!

Seu marido.

Extraído do livro *Vitória da Vida* — médium Divaldo Pereira Franco SF LEAL-EDITORA, pgs. 72/73 — 1.* Edição.

Explicações

Durante a reunião pública do Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, na noite de seis de abril de 1991, Dona Carmosina Coutinho Politano, que já se comunicara anteriormente⁽⁴⁾, escreveu ao filhinho Bruno, ao esposo Carlos e à sobrinha Vanilda, uma comovente mensagem.

Ao lê-la, o médium, sintonizado com a missivista, experimentou a sua emoção, que sensibilizou os destinatários e o público em geral.

Sobre o conteúdo da comunicação, leiamos o que escreveu

o seu esposo:

(Depoimentos da Família)

“Mais uma vez, nossa querida Mosinha surpreende-nos com uma carta, que é um poema de beleza e ternura, sobressaindo-se em detalhes riquíssimos, que somente as pessoas muito íntimas teriam acesso. A assinatura continua a mesma das primeiras cartas e igual à que possuía quando ainda estava encarnada. Existe, entretanto, um detalhe muito importante que somente eu conheço. Na primeira carta, o “P”, de Politano, ela o fez da maneira que escrevia quando solteira. Na segunda carta, esta letra foi realizada igual à sua assinatura de casada, e isto foi ressaltado pelo caro irmão, após a leitura em público e de forma particular comigo, quando ela pediu-me para verificar se a forma estava certa... Nesta última, ela volta a colocar o “P” de solteira, como a divulgar que na *Vida Maior* inexistem os parâmetros que estamos habituados a nos impor, porém conceitos bem mais amplos de amor, sobretudo de um *Amor Global*, envolvendo todos os espíritos que vibram na mesma sintonia do amor

cristão...

“Nesta mesma noite, combinamos que quem desencarnasse primeiro, faria o possível para o outro não duvidar jamais. Ela o fez de maneira incontestável, com a sua assinatura exatamente igual à que tinha quando encarnada, e agora em três cartas, ainda também complementando com a sua assinatura diminutiva “Mosinha”.

É evidente, que esta é uma prova incontestável da sobrevivência do espírito imortal.

Analisando o teor da carta enviada sobretudo ao nosso querido Bruno, a quem carinhosamente Mosinha se referia como Bu-bu ou Moreninho, tenho a lhe dizer que há muito o nosso filho, atualmente com 9 anos, expressava o desejo de “conversar” com a mãezinha querida. Alguns fenômenos psíquicos passaram a ocorrer em nossa residência, como a antever a chegada da terceira carta. A sobrinha dela, Vanilda, que sempre foi muito querida de todos e é médium, pressentiu diversos fatos, como a antecipar seu desejo de comunicação. A separação física não diminuiu a intensidade do nosso amor, apesar de quase seis anos. Não existem amarguras, porém a saudade consciente da plena aceitação. O choro cessou, mas persistem as lembranças belas do passado. A carta fala da *Berceuse de Brahms* que ela canta ao embalar Bruno. Era com esta mesma música que sua

querida mãe adotiva, hoje na espiritualidade, embalava-a quando pequena aos 8 anos... A preocupação com Leonardo, nosso filho de 13 anos, que começa a desvendar os horizontes da juventude, é nossa também, embora nossa aceitação com a beleza do seu caráter e inteligência. O agradecimento à querida sobrinha, que divide o seu tempo entre os seus afazeres normais e a dedicação ao nosso lar, é belo e expressivo. Ficamos encantados em saber da presença dos avós paternos, Álvaro e Politano, juntos à querida mamãe. Que bom saber que todos se reúnem em comunhão de felicidades.”

Mensagem

Bu-Bu, filho da alma,

Carlos, esposo do coração,

Vanilda querida⁽¹⁾,

estou ajoelhada em espírito, orando, de modo a agradecer a Deus e louvá-Lo por todas as Suas concessões que reconheço não merecer.

Este è um momento entretecido com as vibrações da ternura, no qual me transformo em uma harpa, a fim de modular a música do eterno amor em balada que superou a saudade e o sofrimento.

A morte, que parecia haver-nos defraudado, tentando separar-nos, equivocou-se, porquanto, nestes quase seis anos de separação física, jamais estivemos distantes um do outro, graças ao nosso amor imorredouro.

Só há vitória em nós.

Eu os acompanho e ao nosso querido Léo, que atravessa esta fase mais difícil da juventude, em rebeldia injustificável. Observo o filho querido com carinho e tento norteá-lo, de forma a evitar que se comprometa, face as ilusões da mocidade.

O filhinho sente-me a falta e transforma os seus sentimentos em amargura e irritação, no entanto, é portador de excelentes qualidades do sentimento e do caráter. Oro em favor dele, aguardando que as experiências lhe amadureçam o temperamento e ele compreenda o magno sentido da vida.

Neste momento ele espera de nós paciência, bondade e orientação constante.

Não desanimemos, nem nos cansemos de auxiliá-lo e compreendê-lo.

Tenho ouvido, querido Bu-Bu, as suas interrogações e sentido as suas saudades. Busco atendê-lo, meu Moreninho^w, embalando-o nos meus braços e quando você adormece eu

o trago para cá, onde nos rejubilamos. Você, porém, ainda não pode entender, e somente sente a falta da mãezinha afetuosa que viajou para o país da imortalidade, deixando- o pequenino. Não sofra, meu amor, e procure escutar-me nos seus momentos de soledade e de dor. Você é muito amado, qual ocorre em relação ao nosso Léo, e nunca vocês estarão sem o nosso concurso afetuoso.

Estude e cresça, a fim de ser feliz, amparando a humanidade com os recursos do amor e do conhecimento. Mãezinha enxuga-lhe as lágrimas e abraça-o.

Carlos querido, aqui estão os nossos afetos desencarnados, entre os quais o meu pai Álvaro, o avô Politano ⁵, participando desta comunhão de almas.

Eu o acompanho mentalmente e compreendo as suas apreensões. A visão espiritual difere muito daquela que possuímos no corpo. Refiro-me à visão moral, espiritual, da vida e dos seus acontecimentos. O nosso amor é mais forte do que todos os acontecimentos que poderiam, talvez, abalá- lo. O nosso é um afeto de eternidade. Reencontro de luz, apoiamo-nos no sentimento de plenitude e o nosso foi e é um lar de ternura e dignidade.

Oro, suplicando a Deus que lhe brinde um coração

companheiro para o prosseguimento da jornada. Nossos filhinhos necessitam de mãe humana. Não há ciúme entre nós, pelo contrário, constitui felicidade, pois que, acima das aparências paira o profundo sentimento de pureza.

Agradeço a Vanilda^m o carinho com os meus anjos, particularmente com o meu, o nosso Bu-Bu. Você queria, filhinho, que mãezinha lhe viesse escrever aqui segue a carta escrita ao ritmo da música do coração, repetindo a balada da Berceuse de Brahms: ^ Acorda filhinho, acorda bem e ama...

Amado Carlos, aqui, em nossa Comunidade espiritual, fui honrada com a oportunidade de trabalhar com Espíritos que desencarnam idosos e demoram-se em perturbação, assim homenageando a santa mãe que me acolheu nos braços. Beijo- a com insistente gratidão e não cesso de bendizer-lhe o nome.

Encerro esta página de carinho e vida, envolvendo-os em amor e reconhecimento, suplicando a Deus sustentá-los na travessia carnal.

Léo querido e Bu-Bu amado, mãezinha os beija com fé no seu futuro feliz.

Mosinha

Carmosina Coutinho Politano

Identificações

- 1) Bu-Bu, Carlos, Vanilda Nomes dos destinatários.
- 2) ...nestes quase seis anos de separação física — Dado correto.
- 3) Léo R Refere-se ao outro filhinho.
- 4) ...as suas interrogações — Confirmado pelo filho.
- 5) Moreninho — Expressão carinhosa que usava para com ele.
- 6) ...pai Álvaro, o avô Politano — Nomes corretos.
- 7) Agradeço a Vanilda — Sobrinha dedicada e cuidadosa.
- 8) Você queria, filhinho, que mãezinha lhe Viesse escrever R

Detalhe confirmado pelos familiares, esclarecendo que ele se encontrava solicitando à mãezinha uma carta mediúnica.

9) Balada da Berceuse de Brahms — Ela cantava esta música para o filho dormir.

10) Mosinha — Carmosina Coutinho Politano — Nomes corretos e a letra conforme assinala o Dr. Carlos corresponde à sua firma quando encarnada.

(Dados Biográficos)

Márcio Ricardo Pinto nasceu no dia cinco de maio de 1972, na cidade de Jundiaí, SP, sendo filho do Sr. Marco Antônio Pinto e de Dona Maria de Lurdes Borin Pinto.

Estudou até o primeiro ano do segundo grau, no Colégio Divino Salvador, na sua cidade natal.

Era de temperamento quieto, estudioso, aplicado às experiências de microcomputador, no qual se detinha o máximo de tempo possível.

Jovial, mantinha um pequeno círculo de amigos, sendo por estes muito estimado.

Sem motivo aparente, tentou suicidar-se no dia vinte e três de março do ano de 1988, através de um projétil de revólver, vindo a desencarnar no dia vinte e sete do mesmo mês, havendo deixado uma carta dirigida aos seus pais.

Explicações

Divaldo Franco terminara de proferir uma conferência pública no Ginásio do SESÍ, em Santo André, SP, à qual acorreram mais de 1.500 pessoas.

Após autografar centenas de livros e como estivessem presentes algumas pessoas, o médium baiano sugeriu fazer-se uma oração de agradecimento, quando Dr. Bezerra de Menezes, trazendo-lhe um jovem em relativo sofrimento, este informou-lhe que desejava escrever ao genitor que ansiava por suas notícias e ali se encontrava ao lado do irmão.

Providenciado o material, Márcio escreveu com celeridade, porém, sem *memória* lúcida de fatos e detalhes, não se referindo, nominalmente ao tio presente, nem citando o nome da genitora, que se encontrava em Jundiáí.

A página, quando lida, comoveu os circunstantes. Posteriormente o seu genitor assim se expressou:

Depoimentos da família

“A nossa maior preocupação era sobre o seu estado *post-mortem*, por sabermos que o suicídio acarreta graves consequências para o desencarnado.

Assim, sofriamos, ao pensar no que lhe estaria sucedendo.

Anelávamos por uma mensagem, e sabíamos que não seria fácil ou imediata, face ao ocorrido.

Desse modo, a carta foi-nos uma surpresa, especialmente por

ocorrer após uma palestra, o que antes não havia acontecido ao médium.

Quando do recebimento dessa primeira mensagem, informados por ele de que se encontrava amparado pelos Benfeitores Joanna de Angelis e Dr. Bezerra de Menezes, ficamos tranqüilos e felizes, porque ele havia sido poupado ao assédio dos inimigos desencarnados. Igualmente sabíamos que a recuperação lhe seria difícil, não imediata, todavia, as notícias trouxeram-nos consolo e conforto moral.

Logo depois ficamos, os seus pais, na expectativa do seu refazimento e progresso espiritual.”

Mensagem

Meu querido paizinho,

encontro-me em torvelinho de emoções neste momento.

Há quase um ano⁽¹⁾ a dor se abateu sobre nosso lar e quase nos destroçou...

Inconscientemente eu fui o instrumento das aflições pesadas que ainda nos fazem chorar. Todavia, o seu filho não tinha intenção de despedaçar o seu e o coração da mãezinha querida.

Tudo aconteceu de repente.

A idéia me fulminou o cérebro, por primeira vez, em dias passados e depois permaneceu qual parafuso que mãos inclementes insistissem em cravar com força. Por fim, a gota d'água aconteceu, naquele terrível domingo, dia 27 de março do ano passado

É impossível descrever o que se passou em mim, o quanto sofri e tenho chorado, o arrependimento que me angustia e todas as recordações que não me dão repouso. No entanto, a misericórdia de Deus igualmente não me tem desamparado. Graças a ela encontro-me internado para refazimento, sob o carinho paternal do nosso amado Dr. Bezerra de Menezes⁽⁴⁾, que se revelou um anjo de ternura e devotamento desde as primeiras horas do infortúnio que eu buscara na minha alucinação juvenil.

Meu amado paizinho, seu filho aqui vem trazido, com o fim de acalmá-lo e dizer à amada mamãe, à querida Flávia⁽⁵⁾, que agora tudo ficará bem.

Recebo as suas preces e ajuda espiritual. O pensamento do lar me chega como ondas de ternura e de felicidade acalmando as dores do coração e diminuindo as angústias da alma arrependida.

Suplico que você e mamãe me perdoem, desculpando-me o fardo de dores que lhes trouxe.

Um dia, quando as circunstâncias o permitirem e eu estiver melhor, poderemos conversar mais demoradamente.

Este é um bilhete do coração ao seu sentimento, suplicando-lhe coragem e fé. Você é homem de bem e tem sabido superar as dificuldades.

O nosso amor prossegue e agora passo a sentir algum alívio.

Abençoe o seu filho que o ama e buscará reabilitar-se. Rogo a mamãe ter-me no coração com lembranças felizes, e beijando a Flávia e você, sou o filho em recuperação,

Márcio

(identificações)

- 1) *Há quase um ano* *rt- Dado exato.
- 2) *A idéia me fulminou o cérebro, por primeira vez, em dias passados* — Márcio deixou uma carta sobre o assunto.
- 3) *Domingo, dia 27 de março do ano passado* — Confirmado pelo pai.
- 4) *Carinho paternal do nosso amado Dr. Bezerra de Menezes*
tûin- O missivista conhecia a história do grande Missionário espiritual.
- 5) *A querida Flávia* Nome da irmã.

(Explicações)

Divaldo excursionava pelo Paraná, e o pai de Márcio uniu-se à caravana de amigos que cooperam com o médium no ministério doutrinário.

Na tarde de 16 de dezembro de 1989, na residência do casal Guaracy-Célia Vieira, onde se hospeda Divaldo, estando presente Marco Antônio, para o lanche, Joanna de Ângelis informou ao médium que Márcio iria escrever ao pai, após o estudo do Evangelho que se iria iniciar com a família anfitriã e alguns amigos presentes.

Realmente, providenciado o material, o desencarnado enviou-lhe a mensagem que segue:

(Mensagem)

Meu querido pai:

os dias da saudade são longos, assinalados pelas meditações, nas quais encontro forças para acarinhar a esperança.

Cada dia mais se agiganta no meu coração o amor por você e pela querida mãe que eu não soube honrar.

Repasso pelo pensamento todas as horas e compreendo quanto

fui egoísta e ingrato, não sabendo digerir os acontecimentos domésticos, os problemas da juventude.

Não desejo me justificar, no entanto, gostaria de recordar que os amo e somente não tive forças para vencer a impetuosidade, a imaturidade.

Mais de uma vez a idéia sinistra me passou pela cabeça qual se uma força poderosa me comandasse o pensamento, terminando na fuga de que me arrependo e tudo faria para evitar.

Retomo ao pedido de perdão. A arma, se não fosse aquela, não evitaria a consumação da tragédia, pois que outro seria o meio para a consumação infeliz e tresloucada.

Hoje me dou conta que fatores espirituais poderosos, que nos precederam ao berço, influenciaram terrivelmente a desditosa decisão.

Jamais desejei, em sã consciência, magoar você, a mãe, a Flávia, aos quais tanto amo.

Tenho procurado recuperar-me pelo sofrimento, buscando crescer no amor, aprendendo o valor da paciência e do bem.

Ainda me encontro internado sob cuidadoso tratamento físico e mental[^], recuperando as forças. Já posso vislumbrar possibilidades futuras de redenção, pelo estudo e renovação moral.

*Visito, vez que outra, nossa casa, sob o amparo da “vó ”
LázaraW>, que tem sido o anjo bom das nossas vidas.*

O futuro nos acena paz e bênção.

*Ouçõ os seus pensamentos, da mãezinha e dos nossos, que oram
por mim. Sou a todos muito agradecido.*

*Após esta noite longa, amanhece um dia de realizações para o
porvir.*

*Ouvindo a lição e os comentários deste momento, que o
Evangelho nos dá, comovo-me mais e suplico a Deus que abençoe
com sabedoria todos os infelizes filhos ingratos do mundo.*

*Nas recordações festivas do nosso afeto e ante o Natal que se
aproxima, desejo, meu paizinho, rogar a Jesus que lhe conceda, à
mãezinha Lurdes, à Flávia e a nossa família, festas de alegria e
esperança, bem diferentes daquela noite natalina do ano passado.*

Agradeço todo o bem que fazem, pensando em mim.

Joanna pede-me para encerrar a presente.

*É com emoção filial e reconhecimento que lhe beijo as mãos
generosas e abraço, beijando, a mãezinha, a Flávia e os nossos,
suplicando a Deus que nos ampare sempre.*

Seu filho, arrependido e afetuoso,

Identificações

- 2) *Mais de uma vez a idéia sinistra me passou pela cabeça* —
Aclara melhor a colocação feita na carta anterior.
- 3) *...uma força poderosa me comandasse o pensamento, terminando na fuga de que me arrependo e tudo faria para evitar* — Aqui se confirma a interferência de perseguidor desencarnado em processo de obsessão cruel com o paciente.
- 4) *A arma j**— um revólver de propriedade do pai, que se afligia por havê-lo possuído para defesa pessoal, por residir em um sítio fora da cidade.
- 5) *... fatores espirituais* — Conclui o missivista pela obsessão de que foi vítima, tendo-se-lhe atenuadas as dores por esta razão.
- 6) *... tratamento físico e mental* — O perispírito atingido permanece sob as rudes conjunturas do acontecimento infeliz, requerendo tratamento especializado pelos Mentores.
- 7) *“Vó ” Lázara Wt Bisavó paterna.*
- 8) *Mãezinha Lurdes, à Flávia* — Grafia correta do nome da

genitora e da irmã.

9) *Márcio Ricardo* — Nome correto do missivista com assinatura semelhante à que possuía.

Depoimentos da família

Sobre o seu conteúdo, assim se expressou o destinatário, agora feliz:

“Ao recebermos a segunda mensagem, igualmente de surpresa, na cidade de Ponta Grossa (PR), onde nos encontrávamos acompanhando o ciclo de conferências públicas de Divaldo, percebemos que havia mais lucidez no seu Espírito, fêce a haver-se adentrado em detalhes que mais o identificaram, considerando que a primeira fôra mais genérica, com a preocupação apenas de tranqüilizar-nos.

Explicações

Demo-nos conta então de que ele já iniciara a sua recuperação, pois que a memória era-lhe mais lúcida, toman-do-o o familiar querido que estava de volta.”

Marco Antônio veio a Salvador em visita à Mansão do

Caminho.

Na tarde de 6 de maio de 1990, Divaldo, informado pela Mentora Joanna de Ângelis que Márcio desejava escrever-lhe, convidou-o a ir à sala mediúcnica, em companhia da colaboradora da Instituição Lygia Banhos.

Após orarem e começar-se a leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, o filho emocionado escreveu a seguinte mensagem:

Meu querido pai:TM

estou ajoelhado como na época infantil para rogar a Deus que nos abençoe e nos dê forças para prosseguir na jornada.

Eu acreditava na imortalidade da alma, como é do seu conhecimentoTM, porque hauria a certeza no convívio da família, buscando algumas vezes, consolar amigos⁽³⁾ que haviam passado pela provação de verem partir pessoas amadas.

Mesmo quando optei pela fuga, na minha imaturidade, eu supunha que seria fácil me comunicar com voc&⁽⁴⁾ e a família, esquecido das grandes responsabilidades que decorrem do suicídio.

Naquela semana eu me encontrava anestesiado. A mente, que

era lúcida, parecia que estava envolvida por uma densa névoa, que dificultava o meu raciocínio. As idéias eram confusas e a única saída⁽⁵⁾; que me parecia feliz, para a minha realização, seria a morte. Eu temia ficar em coma ou em vida vegetativa, caso falhasse o meu gesto, tal o desejo de libertar-me do corpo. No íntimo eu sabia que morrer não era o fim, mas não tinha dimensão do que me aguardava...

Só mais tarde eu vim a ser informado que havia caído numa trama cruel de antigos inimigos que me desejavam infelicitar, o que, de certo modo, conseguiram.

Sofri muito e ainda experimento remorso e aflição reparadora, a fim de aprender a respeitar as Leis de Deus.

Eu me sentia diferente, insatisfeito, desajustado, e na minha angústia eu queria que tudo fosse a meu modo. Esqueci-me que eu me deveria ajustar ao mundo e às suas circunstâncias, ao invés de querer que tudo e todos se adaptassem a mim.

Quanto o lamento! Eu estava, é certo, hipnotizado, na minha juventude invigilante.

Não desejo arrolar recordações tristes que deveremos esquecer. Se o faço, é para demonstrar-lhe e aos familiares que eu sou o único responsável, e que se não fora com o revólver, seria de mil outras

formas como ocorre diariamente.

Amo você, pai, e amo imensamente a mãe e a Flávia. Vocês não imaginam o quanto me doem as ocorrências atuais, que tudo faria para evitar.

A Flávia é muito jovem e imatura. Nada justifica o seu raciocínio, e a mãezinha assume uma grande responsabilidade. Eu sei que sou o autor dos efeitos que hoje abalam nossa família.

Todos, porém, podemos errar, mas temos o direito de reparar os equívocos, especialmente os que produzem danos nas pessoas amadas.

Peço à mãezinha que pense mais e sem receio, antes de uma decisão final.

A vida é muito complexa.

Eu reconheço que não posso aconselhar. Todavia, porque me enganei é que me preocupo ante a possibilidade de algum Jiituro sofrimento em nossa família.

Como eu daria tudo, se pudesse recuar no tempo e evitar a catástrofe...

Rogo à querida Flávia que pense em Deus e peça-Lhe para ajudá-la, impedindo-lhe reações e pensamentos infelizes. É necessário que seja forte, porquanto, mesmo tendo, como è o caso de

nossa família, recursos materiais, há necessidades morais que não podem ser solucionadas, senão através dos valores morais.

Os pais exigentes, eu sei, desagradam os filhos, que, só depois os compreendem e os valorizam. No entanto é melhor que sejam assim, a tomarem-se omissos e coniventes, ante os desafios que vêm à família a cada passo.

Querido pai, não poderia deixar de vir agradecer-lhe pela lembrança querida do 5 de maio.⁽⁶⁾ Você esperava que o seu pobre filho viesse trazer-lhe notícias, falar-lhe do processo de restauração interior. Sim, eu estou melhor, aprendendo com os Benfeitores Espirituais. O Dr. Bezerra, a irmã Joanna, têm sido incansáveis. Eu estou ainda em tratamento adequado, preparando-me para crescer no futuro.

Agradeço-lhe, paizinho, tudo de bom que me oferece e rogo que não deixe de interceder por mim em suas orações e ações de caridade. O mesmo solicito à mãezinha, aos tios e aos avós de Santo André e de Jundiaí.

Beijo você, a mãezinha, a Flávia, a todos, e repito que eu os amo muito, suplicando mais uma vez que me perdoem.

Com um carinho enorme, desejando que tudo se regularize em paz e bondade, beija-o, o filho reconhecido,

Márcio.

Márcio Ricardo Pinto^m

(Identificações)

1) *Meu querido pai* — Repete-se a caligrafia de Márcio, muito diferente da letra do médium, e conforme escrevia quando reencamado.

2) *Eu acreditava na imortalidade da alma* — Fato confirmado. Márcio conhecia algo sobre a vida no Além-túmulo.

3) *Buscando, algumas vezes consolar amigos* — Havia escrito uma carta comovedora a um amigo que passara pela provação da morte do genitor.

4) *... seria fácil me comunicar com você* — Na carta- despedida, ele promete voltar logo, olvidando-se da gravidade do suicídio...

5) *... única saída ... seria a morte* — Visão distorcida e perturbadora dos que estão hipnotizados pela idéia infeliz do suicídio.

6) *Cinco de maio* SP Data aniversária do Márcio.

7) *Márcio Ricardo Pinto* — Nome correto com assinatura

semelhante à que usava na Terra.

(Depoimentos da Família)

A respeito, do conteúdo desta mensagem assim se expressou o genitor, Sr. Marco Antônio:

“Quando recebemos a última carta, o nosso filho estava realmente de retomo, mais ele, mais identificado, recobrando a razão, citando fatos, relacionando acontecimentos, nomeando familiares e amigos que nos são conhecidos, o que denota sua clareza mental, em processo de reconquista após as brumas pesadas do gesto infeliz.

“Também nos sensibilizou a sua assinatura mediúnica, semelhante à que mantinha quando encarnado.

Consolaram-nos estas dádivas de Deus, diminuindo-nos e até mesmo anulando-nos a angústia íntima, não obstante a grande saudade do filho querido, agora atenuada pela certeza da sua sobrevivência ao túmulo e do seu restabelecimento moral e espiritual, avançando para um futuro melhor que a todos nos aguarda...”

O Sr. Marco Antônio veio passar as atividades de fim de ano na Mansão do Caminho, em Salvador.

Na noite de vinte e seis de dezembro, para surpresa do visitante, seu filho voltou a escrever-lhe a bela e cuidadosa missiva, que

transcrevemos:

(Mensagem)

Meu querido pai,

retomo à nossa correspondência, trazendo um ânimo novo que me sustenta as aspirações futuras.

O silêncio aparente não tem sido proposital, antes necessário para o meu soerguimento moral e espiritual.

Hoje posso avaliar melhor os acontecimentos lamentáveis que sucederam à minha desencarnação.

Não apenas sofri o esfacelamento dos órgãos físicos, mas, em profundidade, provoquei lesões que ainda não cicatrizaram. Como descrevê-las? Despertei em estado de alucinação dolorosa, sem dar-me conta da extensão da tragédia. Tudo aconteceu de forma cruel e se prolongou até o momento em que a misericórdia de Deus, através dos Bons Espíritos, modificou o meu quadro de sofrimento, conduzindo-me a tratamento adequado, como você sabe.

As suas preces e as de minha mãe, como outras tantas, alcançaram-me naqueles primeiros dias mais rudes e ajudaram-me, qual acontece ainda hoje, diminuindo-me as angústias.

Já posso raciocinar com mais clareza, anotar recordações e a

memória funciona com equilíbrio.

Reincidente no ato suicida, os pobres antigos verdugos trabalharam em favor do desfecho. A minha fragilidade emocional é a única responsável pelo que ocorreu. Vez que outra, não nego, pensava na morte. Sentia-me fracassado em relação aos dias passados e sem coragem para enfrentar o futuro. Sentia-me diferente das demais pessoas e doía-me a hipocrisia, sem que eu procurasse compreender que somos quase todos doentes espirituais. Sitiado pelos inimigos, a fuga foi a alternativa que me empurrou ao fosso do erro...

Isto, porém, já vai longe, embora no calendário humano se haja passado há pouco tempo.

Eu amo você, meu pai, como a minha mãe, a Flávia. São a minha família, o meu coração. Lamento haver sido, de alguma forma, responsável pelo que sucedeu depois, em nosso lar, envolvendo vocês três.

Agora, que a consciência me liberta das algemas do remorso, oro a Deus em favor de todos nós e me esforço para crescer e recuperar-me, prometendo a mim mesmo que me erguerei do abismo e um dia me transformarei em uma estrela.

Há esperança no meu coração, após muito sofrimento, e amadureço na fixação do bem que está ao nosso alcance.

Internado, em tratamento, também estudo, e se desenha uma possibilidade, ainda remota, para que eu transforme a minha experiência em contribuição para outros jovens, a fim de que o meu grito-advertência os ajude nos transe e desafios da idade de incertezas.

A vida espiritual, agora que me encontro em melhor condição mental, é um calidoscôpio de surpresas.

Certo dia recebi a visita de um senhor, que me veio confortar. E porque eu não o conhecesse, ele me afirmou ser pai do Fábio, que havia desencarnado em 1985⁽¹⁾ de acidente automobilístico. Ele desejava agradecer a carta que eu fizera ao filho, confortando-o. Havia sido verdade. O Fábio, até que parecia não ir muito com a minha cara. Mas, quando soube, no colégio, do que havia acontecido com o seu pai, eu lhe escrevi, falando da morte e da sobrevivência, bem como da melhor maneira dele se comportar para não dificultar a situação do ser querido.

Todo bem que se faz, sempre se transforma em conquista para o doador.

Repasso, pela memória, nossos dias, nossas conversas, nossas discordâncias. Você fez o melhor para mim, meu pai. Aprendi muito com você e com o seu exemplo, com o carinho da minha mãe...

Eu tive a felicidade de ser acarinhado por uma família bondosa, que se empenhava em dar-me ternura e até mesmo excesso. Recordo-me do carinho dos meus avós Olga e Antônio, da assistência e dedicação dos avós Dionísio Luiz e Maria, dos tios de ambos os lados, particularmente do tio Luiz, parecendo-me ainda ouvi-lo chamar-me com imenso carinho, "rato", "alemão" e outros nomes, com o jeito todo dele... Sempre me vêm à memória, nos últimos tempos, os assuntos e conversas com o tio Sérgio e todos os demais familiares, as primas por parte da tia Sandra e tio Luiz, a tia Maria Helena e as visitas à sua casa, enfim, são tantos corações queridos!... As brincadeiras com os parentes em nossa propriedade da família, com Tadeu e Tiago, e o amor pela irmã Flávia. Como eu gostaria de falar-lhe de forma que ela amadureça e seja feliz. Confio em Deus que ela crescerá para a paz e a plenitude que merece.

Tenho recebido as visitas dos bivos Bueno, Lázara e Mentori Rossi^m que me constituem motivo de encorajamento.

Também vários amigos que vieram para cá em acidentes de moto e carro são lições vivas, porque um e outro são considerados suicidas indiretos, por causa da imprudência e desequilíbrio que lhes motivaram a morte...

Você lutou pai, para que eu não morresse de moto, enfrentou a

avó Maria e me resguardou como pôde. É como se você adivinhasse o meu breve retomo e se acautelasse, defendendo-me.

Graças a Deus, a visão clara da vida e ajuda dos Bons Espíritos, do Dr. Bezerra de Menezes e de Joanna de Ângelis, posso sentir-me outro e confio no futuro com festa nos sentimentos.

Hoje as minhas dores são morais, com alguns remanescentes no perispírito, que eu hei de superar.

Viva, meu pai, e cresça. Não tenho condições de sugerir-lhe nada. No entanto, em razão de encontrar-me na realidade maior é que o conclamo à luta mais intensa, sem amarra com os dias que passaram, e somente com as perspectivas do futuro.

Caminharemos juntos. Ajude-me ainda um pouco mais.

Sinto saudades dos nossos papos, lavando o carrof e noutras ocasiões.

Amo minha mãe e agradeço-lhe o envolvimento de ternura que me concede.

Amo a Flávia e desejo-lhe progresso, discernimento antes das atitudes, para que não se precipite.

Amo os nossos familiares.

Amo vocês.

Até breve, meu paizinho. Despeço-me emocionado e

agradecido.

Assino como antigamente⁽¹⁰⁾ e peço a Deus que tome conta de nós.

Seu filho de sempre, devotado e afetuoso,

Márcio.

(Depoimentos da Família)

Em tomo desta última mensagem, muito confortadora, que demonstra a sua recuperação e desenvolvimento, o genitor assim se referiu:

“Toda separação é dolorosa, tanto para quem fica como para quem parte. No entanto, a certeza de que a vida continua e de que a alma sobrevive à morte do coipo físico dá ao ser humano um apoio moral tão grande que ficaria difícil imaginar como seria sem esta realidade.

Os prolongados períodos de sofrimentos provocados pela solidão, pelo desespero e pela ansiedade à qual se entregam as pessoas quando da morte de um ser amado revelam, claramente, o quanto sofrem aqueles que não crêem na continuidade da vida após o desaparecimento do corpo. O nada é pura ilusão.

Ter noção dos acontecimentos, conhecer os mecanismos da lei de causa e efeito, a comunicabilidade entre os vivos e os “mortos” através da mediunidade etc, permitem a manutenção da serenidade e da convicção da Justiça Divina.

A morte deve acontecer pelo processo natural, pois assim não sendo, ocorrem dores e sofrimentos incalculáveis para todos, tanto os que ficaram como para aquele que partiu, com reflexos mais fortes neste último.

Por Misericórdia Divina, e através da mediunidade, sentimos o reconforto, inolvidável, do contato com o filho querido quando de sua 1ª psicografia, que aconteceu após uma palestra proferida por Divaldo Pereira Franco no Parque Duque de Caxias em Santo André-SP, no dia 15/03/89, quando Márcio, em espírito, fez questão de ressaltar o arrependimento do ato cometido e enaltecendo a bondade Divina, por permitir o amparo dos Benfeitores Espirituais, esforça-se redobradamente para consolar a família. Nesta comunicação deixa registradas as aflições e as angústias da alma arrependida.

Na 2.ª mensagem (16/12/89), notamos que Márcio já estava mais equilibrado, consciente do ato cometido. Podemos perceber sua preocupação em demonstrar que qualquer problema pode e deve ser administrado aqui mesmo, não valendo a pena nenhuma atitude

precipitada.

Com a evolução da lucidez, Márcio avalia o ato cometido e descreve a dor logo após o despertar. Já raciocina com clareza e a memória funciona com equilíbrio. Ressalta que a fragilidade emocional foi a grande responsável pelos acontecimentos.

Na mensagem de 26/12/90, conta-nos que o tratamento ainda continua. Aí fazemos a análise do tempo transcorrido (2 anos e 9 meses) ficando claro que a solução aparente e imediatista, resulta no sofrimento a longo prazo.

O desenrolar dos fatos, nos dá (pais e familiares), a certeza da Misericórdia de Deus e traz grandes esperanças para o futuro.

Márcio, agora lembra-se do amor entre nós e agradece a possibilidade do reencontro, recordando-se das lembranças felizes, diminuindo assim a ferida provocada.”⁷

Identificações

- 1) ... pai de Fábio, que havia desencarnado em 1985 — Dado confirmado pelo pai.
- 2) ...agradecer a carta — Igualmente confirmado.

- 3) Olga e Antônio — Nomes dos avós paternos.
- 4) Dionísio Luiz e Maria — Nomes dos avós maternos.
- 5) Tio Luiz ... rato, alemão — Informação exata.
- 6) Tio Sérgio — Igualmente confirmado.
- 7) Tia Sandra e tio Luiz, a tia Maria Helena Nomes confirmados.
- 8) *Tadeu e Tiago atr* Primos do missivista.
- 9) ... *bivós Bueno, Lázara e Mentori Rossi* — Nomes corretos.
- 10) *Assino como antigamente* — A assinatura confere.

Explicações

Divaldo Franco realizava atividades na cidade do Rio de Janeiro, qual o faz anualmente desde 1956, e o Sr. Marco Antônio foi acompanhá-lo.

Na manhã de dezessete de agosto, em reunião particular, Márcio escreveu ao genitor a seguinte mensagem:

Mensagem

Querido pai,

*a saudade é uma ponte colocada entre o passado e o presente,
falando das nossas experiências e do nosso afeto.*

Ela nos traz o filme dos acontecimentos que se desenrolam com frequência, fazendo-nos fixar as cenas mais marcantes, às vezes, ao contributo das lágrimas.

Seu filho prossegue na busca do equilíbrio, lutando com decisão, a fim de reencontrar-se.

A aprendizagem é longa e feita vagarosamente, em particular para mim, que abusei da concessão do corpo...

Não me têm faltado o carinho nem a misericórdia de Deus, ao lado da assistência dos Bons Espíritos que, com os nossos familiares, têm-me socorrido com verdadeiro desvelo. Dentre estes, a bisavó Lázara tem-se constituído o anjo bom do carinho, preenchendo a lacuna da mãe querida Lurdes, que me envolve nas suas preciosas vibrações de amor e de saudade.

Visito nossa casa com relativa freqüência e demoro-me na saleta que o carinho da mãezinha adornou de afeto, em favor da memória do filho egoísta e sofrido.

Como tudo é diferente do que eu pensava!

Eu supunha ser fácil retomar com brevidade, manter os contatos com o seu e os corações queridos. Agora constato que a vida è, não como gostaríamos todos que fosse, no modelo de cada qual.

Estou quase refeito, na aparência, dos danos causados pelo

método que escolhi para o retomo. Começo a pôr em ordem, calmamente — o nosso tempo tem a mesma dimensão do terreno, em razão da proximidade vibratória com o nosso planeta — a casa mental, e, embora em prolongado tratamento, continuo estudando com os olhos postos no futuro.

Tenho estado também no seu novo lar e acompanho-o, quanto me é possível, haurindo paz nas suas forças.

Recordo-me de tudo quanto fazíamos juntos e comovo-me ante a lembrança de quando lavavamos o carro e ouvíamos gravações... Eram dias de felicidade, cuja evocação me concede alegria, repouso.

Procuro recordar todas as ocorrências felizes, assim diminuindo a ferida provocada pela última fase, de forma que logo cicatrize...

Tenho estado com a Flávia e espero em Deus que ela seja muito feliz, conseguindo as vitórias que merece. A querida irmã é dotada de muitos valores e sistema nervoso delicado, aliás, uma característica da nossa família.

Tenho estado no mesmo grupo de estudos com o Reginaldo e outros amigos.

Sou mais feliz do que mereço, pois não caí nos umbrais e não permaneci vitimado pelos irmãos impiedosos, que me haviam iludido, graças à minha inexperiência e rebeldia.

Meu querido pai, avance no rumo certo para Deus e para o bem, que são os valores mais poderosos, como é do seu conhecimento.

Tenho ouvido muito, durante esta semana. A irmã Joanna trouxe-nos, a mim e a um grupo de Espíritos necessitados, para que participássemos desta semana de festas espirituais, e todos temos aproveitado muito bem.

Agradeço-lhe, pai, todo o carinho e dedicação, sua forma de ser que, às vezes, eu não compreendia, sentindo-me reconhecido a Deus pela nossa família.

Beijo a mãezinha querida, a Flávia, os quatro avós, os tios e primos.

O bivô Mentori, comigo aqui, representa os nossos, e a bisa Lázara suplica a Deus paz para todos nós.

Amo você e todos os nossos. Seu filho,

Meu querido pai, receba o abraço de seu filho renovado, no caminho da redenção.

Identificações

- 1) ...saleta — D. Lurdes reservou uma sala para orar em favor do filho.
- 2) ...ouvíamos gravações — Confirmado pelo pai.
- 3) Reginaldo — Nome de amigo de Márcio que desencarnou antes.
- 4) Assinatura muito semelhante à que tinha na Terra.

Allan Fernandes Pereira

(Dados Biográficos)

Allan Kardec Fernandes Pereira nasceu em Pirassununga, SP, no dia 1.º de janeiro de 1971 e desencarnou em acidente de automóvel, no dia 20 de julho de 1985, na Rodovia SP 225, entre Santa Cruz do Rio Pardo e Ourinhos.

A família esclarece que ele havia sido um *menino deslumbrante*, estudando, à época, na 7.* série do 1.º Grau, e participava ativamente da evangelização, aos domingos, no Albergue Noturno (Espírita) de Ourinhos, SP.

Era obediente e bom, estudioso, porém de olhar triste, como se aguardasse algum trágico acontecimento.

Aládia Fernandes Pereira nasceu em Pirassununga, SP, no dia 12 de abril de 1973 e desencarnou com o irmão no mesmo acidente, na data já referida.

Tratava-se de uma criança *maravilhosa, obediente, educada e dedicada aos seus afazeres, estudiosa*, mas também de *olhar triste, meiga, fazia amizade fácil com qualquer pessoa, inclusive andarilhos*.

Ana Tereza F. Pereira nasceu em Pirassununga, SP, no dia 23 de maio de 1984 e desencarnou em 20 de julho de 1985, no acidente que vitimou os irmãozinhos.

Explicações

Divaldo encontrava-se divulgando o Espiritismo pelo Triângulo Mineiro, havendo reservado a noite de 3 de agosto de 1988 para participar da reunião pública do Grupo Espírita da Prece, onde moureja o médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, Minas Gerais, como sempre o faz.

Durante o período reservado às psicografias, o médium baiano recebeu comovedora página, conforme leremos, de pessoas que jamais conhecera. A destinatária era-lhe igualmente desconhecida.

A mensagem comoveu os presentes e está elaborada nos seguintes termos:

(Mensagem)

*Querida Mãezinha Elisabeth,
rogamos a Jesus que nos abençoe.*

Acompanhamos, os seus filhos, a longa jornada desde Ourinhos até aqui, trazendo o coração ansioso e a alma em prece, na expectativa de nossas notícias.

Três anos são muito tempo no relógio da saudade, e não são quase nada na dimensão das distâncias que diminuem com o suceder das horas, que nos voltarão a reunir em uma família feliz no futuro.

Aquela noite de 20 de julho de 1985, no quilômetro da SP 225, está muito afastada do nosso pensamento e da nossa emoção, graças a Deus.

Todas as lágrimas e dores que sofremos foram substituídas pelas esperanças e alegrias em tomo da justiça de Deus, que estabelece os códigos perfeitos para a vida, facultando-nos crescer na direção do bem.

Passados os choques do acidente e do incêndio do carro, a misericórdia divina veio em nosso socorro, conforme já é do seu conhecimento.

Posteriormente, recuperamo-nos sob a caridosa assistência do

Dr. Bezerra de Menezes e da vovó Durvalina, que providenciaram para que pudéssemos compreender a ocorrência e substituíssemos a agonia da separação pela certeza de que no Amor nunca há ausência e de que a morte jamais afasta aqueles que se amam, antes aproximando-os muito mais.

Graças a isto, rogamos ao Venerando Benfeitor para que nos permitisse trazer-lhe a nossa palavra de carinho e fé, evocando o próximo aniversário da nossa desencarnação.

Aqui estamos, pois, recordando todas as alegrias que vivemos juntos em Ourinhos e as bênçãos que ainda nos enriquecem, consequência das lições que bebemos no culto evangélico do nosso lar, no qual a sua fé e a segurança do papai Antônio José(6) nos alimentavam de vida e de felicidade.

Todos aqueles ensinamentos ficaram insculpidos em nossos corações, e graças a eles passamos a compreender as explicações que nos foram dadas, de modo a entendermos a ocorrência que nos arrebatou do corpo.

Somente através da reencarnação é que se pode compreender a severidade das Leis que nos impõem, não poucas vezes, a taça de fêl, a fim de podermos libar, mais tarde, o licor adocicado da verdadeira ventura.

Acompanhamos todas as lágrimas e recebemos todas as cartas de ternura que procediam do nosso Lar, renovando- nos ante a convicção de que tudo está certo e as determinações superiores têm finalidades que nos levam sempre para a conquista do bem geral

Mãezinha Elisabete, compreendemos, sim, o seu calvário, do paizinho Antônio José, mas temos feito o possível para diminuir-lhes os sofrimentos.

Sempre que as circunstâncias nos permitem, adentramo- nos pela nossa casa, sorrindo e tentando enriquecê-la de festa, como gratidão a Deus pela alta honra de pertencermos a uma família que se ama e haveremos sido filhos dos melhores pais do mundo...

Estamos estudando aqui, em nossa Colônia Parque Alvorada, e esperamos crescer para o amanhã, a fim de que, em nosso reencontro mais tarde, quando Deus assim o determinar, possamos apresentar o resultado dos nossos esforços agradando os paizinhos amados, que não se sentirão defraudados pelo empreendimento de nos educarem na Terra.

A Aninha encontra-se numa creche e é acarinhada por todos, aguardando o regaço da mãezinha inesquecível

Acompanhamos o crescimento da nossa Aline& e estamos felizes por vê-la disposta, na luta de renovação que conduz a Deus.

Continue, mãezinha querida, no seu afã do bem.

Os filhos da ventania, sem teto e sem pão, são os irmãos do nosso destino, que a vida nos confia para a fraternidade e para o exercício do amor.

Hoje, nós os vemos ao desamparo e ao esquecimento, sob o manto escuro da noite e caminhando nos rumos da violência e da alucinação.

Compadecemos-nos e mais agradecemos o lar que nos foi oferecido, razão pela qual vimos rogar-lhe socorro para essas aves, que tombaram do ninho antes que a plumagem lhes permitisse voar com segurança.

O que lhes seja destinado chega até nós, pois todo aquele que alberga uma criança carente abraça o futuro, tomando a Humanidade melhor e mais digna.

Assim, com o papai e os nossos, com os amigos da nossa querida Ourinhos, ofereçamos a fortuna do nosso amor a esses irmãozinhos angustiados, sem nos preocuparmos com a excelência dos recursos técnicos, ajudando agora e agora evitando que enveredem pelas trilhas do mal.

A vovó Durvalina está muito feliz e agradece ao seu coração e ao do papai todos os esforços para perseverarem na boa luta que

Jesus nos legou.

Chega o momento de concluir esta carta, que o nosso Benfeitor nos ajuda a escrever, não, porém, a interromper o nosso invencível amor.

Continue forte e devotada, levando aos nossos familiares e amigos o afeto das nossas almas.

Abençoe-nos, mãezinha amada, como antigamente, e nos desculpe por não termos tido merecimento para ficar em nossa casa por mais tempo.

Unidos na Vida, conforme unidos retomamos, beijamo-la com todo o entemecimento do coração e devotamento da alma, abraçando papai, Aline, as avós Honorina e Ana, os filhinhos de sempre e sempre afetuosos,

*Allan Kardec Fernandes Pereira^m Aládia Fernandes Pereira Ana
Tereza Santana Fernandes Pereira*

(Depoimentos da Família)

A senhora Elisabete escreveu posteriormente a Divaldo concedendo autorização para que a mensagem fosse publicada e diz, textualmente:

“Quanto à mensagem achamo-la de muita valia e nos confortou muito.

Essa mensagem está falando de todos os acontecimentos reais em nossa vida. É autêntica e ficamos muito contentes. A emoção realmente nos alcançou os sentimentos e a alegria ao mesmo tempo, em receber notícias, sabendo como estão, aonde e como se sentem os nossos filhos. Isto é maravilhoso.”

(Identificações)

- 1) *Elisabete* — Elisabete dos Santos F. Pereira, genitora dos missivistas.
- 2) *Ourinhos* — cidade onde residia a família.
- 3) *20 de julho de 1988* — Data do acidente, que foi confirmada.
- 4) *Quilômetro da SP 225* ri Lugar da tragédia igualmente confirmado.
- 5) *Vovó Durvalina* — Avó desencarnada.
- 6) *Antonio José* Genitor dos missivistas.
- 7) *Aline'* — Irmã dos jovens.
- 8) *Honorina e Ana* — Familiares igualmente confirmados.

Lázaro Perazzo de Almeida

(Dados Biográficos)

Leonardo Perazzo de Almeida (Léo), nasceu na cidade de Salvador, Bahia, no dia 30 de junho de 1973 e desencarnou na mesma cidade, no dia 10 de março de 1990.

Filho do casal Roberto Osmar Carvalho de Almeida e Livia Perazzo de Almeida, foi vitimado por acidente de automóvel, próximo da sua residência, retomando de uma festinha depois de haver deixado seus colegas em suas casas.

Cursava o 2.º grau no colégio Marista, fazendo parte da Seleção Bahiana Juvenil de Vôlei, e estudava inglês no EBEC.

Era um jovem alegre, simples, brincalhão, bondoso, falava pouco, porém, tudo que fazia era com amor, porque amava muito a vida.

(Explicações)

Nesse sábado, dezoito de agosto de 1990, Divaldo Franco participou da reunião pública do Centro Espírita Caminho da Redenção, em uma breve pausa das suas viagens de divulgação do Espiritismo.

O Centro se encontrava superlotado, e era grande o número de pessoas aflitas aguardando cartas dos familiares desencarnados.

Divaldo sempre atende as pessoas que o buscam após os trabalhos, evitando contatos e informações que possam perturbá-lo ou influenciar-lhe a psicografia.

Ao terminar a reunião leu a página psicografada publicamente, assinada por Leonardo, produzindo uma grande emoção nos pais do desencarnado e na multidão presente.

(Depoimentos da Família)

A respeito da mensagem psicografada, os seus pais escreveram ao médium o que segue:

“Com muita ansiedade e cheios de muitas saudades, aguardávamos notícias do nosso Léo, quando fomos surpreendidos através da psicografia autêntica do nosso querido *tio* Divaldo, na noite do dia 18 de agosto de 1990, na sessão doutrinária do Centro Espírita Caminho da Redenção, Salvador, Bahia, com a palavra escrita, carinhosa e lenificadora do nosso querido filho, com depoimentos vivos e reais, somente do conhecimento de nós próprios.

A desencarnação, súbita e brutal, do nosso Léo, foi um duro golpe para nós.

Estávamos em Juazeiro do Norte, quando fomos surpreendidos com a notícia. Mas, graças à bênção da Doutrina Espírita e à certeza de que a vida continua, não nos desesperamos.

Sentimos o amparo dos Amigos Espirituais que nos sustentaram desde as primeiras horas, dando-nos o equilíbrio necessário.

Os dias que se seguiram foram tristes e saudosos, mas, o trabalho edificante que fazemos na Mansão do Caminho, no departamento da Caravana Auta de Souza, junto aos necessitados, foi e está sendo um lenitivo para nossas dores.

Nossa gratidão do fundo dos nossos corações, a você, *tio* Divaldo, pela palavra amiga cheia de conforto e sustentação nos momentos mais difíceis!

Não sabemos o que seria de nós, se não fosse essa abençoada Doutrina e a solidariedade dos irmãos e amigos.

O seu amor, querido *tio*, a sua mediunidade psicográfica, a abnegação da querida Mentora Joanna de Ângelis, continuam sendo a bússola de que necessitamos para prosseguir confiantes.

O nosso carinho e agradecimento aos queridos avós, ao amado irmão Waltinho, aos Mentores Espirituais, pela maneira devotada e amorosa com que receberam o nosso inesquecível filho Léo, que voltou conforme era, na mensagem psicografada, autêntica e real.”

(Mensagem)

Querida mãezinha Lívia,

foi há pouco que aconteceu a nossa separação física e, no entanto, faz tanto tempo!

Ralado de saudades retomo ao seu convívio doce e amigo, qual acontecia antes, buscando aconchego e paz.

Não estou sofrendo, no entanto; as recordações felizes de todas as nossas horas preenchem a memória com lembranças que voltam à tona, levando-me de um lugar para outro, nas paisagens da emoção.

Sem dúvida, a juventude é período de fantasia, imaginação e irreflexão. Porém, se não fosse assim, a vida terrena já começaria triste, sem o sabor da ilusão e da intrepidez. É, certamente, nessa fase que os riscos são maiores e os desafios mais perturbadores.

Uma das minhas ambições de rapaz imaturo de dezesseis anos chegando aos dezessete, que completei no dia 30 de julho passado, quando meu pai também aniversariou, era dirigir um carro. Aprendera a fazê-lo e ansiava pela liberdade de poder conduzir um como outros jovens, sem saber que ele seria o veículo de uma viagem mais demorada, ceifadora da existência carnal.

Meu pai guardava a chave do veículo e advertia-me; todavia,

uma tentação mais forte do que eu levou-me a usá-lo mais de uma vez sem licença e, particularmente, naquela noite.

Tudo havia transcorrido bem e feliz. Eu estava entusiasmado e ofereci-me para levar alguns amigos para casa e o fiz com segurança.⁽⁵⁾ Agradeço a Deus que a ocorrência mais dolorosa deuse quando eu estava a sós...

Um súbito cansaço se apossou de mim, uma forma de sonolência, quando o carro derrapou, com alguma velocidade, indo bater no poste.⁽⁶⁾ Foi muito rápido e eu não sofii. A pancada me tirou a consciência no corpo e dei-me conta somente quando era removido para o Hospital. Eu me encontrava estranho, sem noção do que acontecera. Foi nesse momento que adormeci, demoradamente.

Não sei quanto tempo transcorreu, desde aquele momento ao despertar. Foi um senhor idoso quem me acordou com muita bondade. Falava com dificuldade o nosso idioma, após o que me informou tratar-se do meu bisavô Bemardino. Fiquei surpreso, sem entender, e ele me disse que tudo estava bem e eu compreenderia mais tarde, o que realmente aconteceu quando eu vi entrar, sorrindo, o tio Waltinho⁽⁸⁾ que me abraçou com festas, dando-me as boas vindas.

Um súbito pavor tomou conta de mim e ele procurou acalmar-me, recordando-me o que havia acontecido.

Não tenho palavras para explicar o que se passou comigo. Eram dor e angústia, saudade e insegurança.

Passei a imaginar o que sucedia em nosso lar, as suas e as dores do querido pai, as saudades dos irmãos, enfim, as aflições da família e recordações dos amigos.

Ah! querida mãezinha! Amparado pelo tio Waltinho, orei muito e tomei conhecimento da presença da bisavó Izaura^w e todo um grupo de familiares nossos foi chegando e encorajando-me.

Lentamente me reanimei e passei a meditar em paz.

Soube que o acidente não estava previsto, no entanto, eu não fora responsável por ele, e sim vítima circunstancial da ocorrência.

Agora, era recomeçar, adaptar-me à situação nova e avançar.

É o que estou procurando fazer com o tio Waltinho, que prossegue muito amigo.

Recebi as cartas que os colegas escreveram^(,0) (não sei explicar como). Ainda estou aprendendo as leis que aqui governam a vida, e são fantásticas!

Comoveu-me a carta que foi feita por Dona Joana Angélica, a

mãezinha de Luciano⁽¹¹⁾ Igualmente me sensibilizaram a do Davi e a que foi lida na missa para os colegas da Escola.⁽¹²⁾ Essas palavras ajudaram-me a crescer moralmente para o meu próprio progresso espiritual.

Rogo a Deus que abençoe a todos.

Tenho acompanhado as suas lágrimas, e todas as vezes que meu pai ia chorar no meu quarto⁽¹³⁾, sem ninguém ver, eu lhe sentia a imensa dor.

Encontro-me feliz por poder escrever esta primeira carta de gratidão e de amor.

Agradeço a Escolinha em memória do seu filho e todo o carinho que você e o meu pai têm tido para com as crianças necessitadas; o que têm feito por elas se reflete como paz em mim. Também a bondade da Dona Jacy e Senhor Urbano⁽¹⁴⁾ constitui lição de amor, preparando-os para o futuro.

Acompanhei você e meu pai, quanto possível, na sua viagem.

A visão da minha avó Elza⁽¹⁵⁾, sofrida e triste, toca-me a alma. Alegre-se, “velha”⁽¹⁶⁾ e siga derramando luz pelos caminhos do mundo. São felizes os que fazem o bem e se esquecem de si mesmos.

Abraço com ternura Xando e Livinha⁽¹⁷⁾, com saudade, desejando-lhes toda a felicidade que merecem. Que saibam viver em paz e preencham o meu espaço junto ao seu e ao coração do paizinho!

Abraço também a Kate⁽¹⁸⁾, rogando que expresse meu carinho a toda a família.

Escrevo sob o controle do tio Waltinho, já acostumado a este tipo de correspondência.

Beijo-a, mãezinha, ao paizinho e aos irmãos queridos, abraçando a vó Elza e todos os familiares, suplicando a Deus que nos ampare e socorra sempre.

*Com todo o carinho, seu filho afetuososo e devotado de sempre,
Léo.*

(identificações)

- 1) *Dezesseis anos chegando aos dezessete* — Idade correta.
- 2) *Trinta de julho passado* — ^ Dado exato.
- 3) *Quando meu pai também aniversariou* — Confirmado pela família.
- 4) Trecho confirmado pela família.

- 5) ... e o fiz com segurança^ Fato que realmente aconteceu.
- 6) ... bater no poste — Realmente foi assim.
- 7) *Bisavô Bernardino* — Este detalhe é de alta importância, porque o seu bisavô era conhecido pelo nome correto apenas por poucos familiares que lhe constataram a denominação em recentes documentos descobertos na Itália.
- 8) *O tio Waltinho* — Irmão de sua genitora.
- 9) *Bisavó Izaura* — Bisavó materna.
- 10) ... as cartas que os colegas escreveram — A família confirmou também este detalhe.
- 11) *Dona Joana Angélica, a mãezinha do Luciano* — O fato realmente aconteceu.
- 12) ... a do Davi e a que foi lida na missa... Confirmado pelos pais.
- 13) ... ia chorar no meu quarto -ggDetalhe confirmado.
- 14) *Dona Jacy e Senhor Urbano* — Cooperadores da Escolinha que foi criada em sua homenagem e se encontra com 27 alunos que tudo recebem, inclusive refeições...
- 15) ^4 *visão da minha avó Elza* — Fato verídico.
- 16) *Velha* — Assim chamava carinhosamente a avó.
- 17) *Xando e Livinha Irmãos*.
- 18) *Kaíe* — Prima que reside na Itália e se encontrava presente na reunião.

Christian Eduardo Tupiná

(Dados Biográficos)

Christian Eduardo Tupiná nasceu na cidade de Assis (SP), no dia 13 de junho de 1972 e desencarnou em Cuiabá (MT), no dia 30 de maio de 1991.

Desenvolveu os seus estudos no Colégio Diocesano de Assis, transferindo-se, aos quinze anos, para Cuiabá, acompanhando a genitora, D. Heloísa Marques Tupiná.

Foi aluno exemplar, muito amado por todos.

Portador de um caráter nobre e gentil, granjeava amigos em toda parte. Gostava de dirigir veículos desde muito jovem, havendo ganho de sua mãezinha um automóvel *Passai* branco, no qual foi assassinado barbaramente por policiais. O crime hediondo comoveu a cidade, a todos revoltando.

Poucos meses antes de morrer, Christian registrou em uma avaliação escolar sua concepção sobre a vida e a morte, nas seguintes palavras: — “Acredito que esta vida é um estágio para uma vida melhor e a morte é um descanso entre as duas.”

(Explicações)

No dia 21 de agosto do ano de 1992, Divaldo Franco encontrava-se em Cuiabá, a convite da Universidade Federal de Mato Grosso, a fim de realizar um Seminário com o Magnífico Reitor José Passini, da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

Terminando o tema da noite, acercaram-se mais de dez pessoas que sofriam a saudade de familiares, que desencarnaram em circunstâncias trágicas.

Após confortar algumas, acercou-se D. Heloísa, que lhe falou da desencarnação de um filho, por assassinato, sem explicar mais nada, oferecendo ao médium baiano um livro de sua autoria. Desejava, pelo menos, qual ocorrera com as outras criaturas ali presentes, notícias de como se encontrava o jovem no Além.

Ficou concertado, que se Divaldo colhesse alguma informação, na noite seguinte, após a conferência, ele transmitiria à interessada, qual o faria com os demais.

Na manhã seguinte, D. Heloísa telefonou a Divaldo, hospedado na residência da Sra. Arminda Müller, que explicou encontrar-se o médium atendendo visitantes. Ato contínuo, convidou a senhora a uma reunião na Instituição que dirige, e onde Divaldo e o Dr. Passini

iriam dialogar com os membros da Casa, com horário assinalado para as 10 horas.

Já na reunião, após responder inúmeras perguntas do público, enquanto realizava os comentários finais, os Bons Espíritos apresentaram-lhe um jovem desencarnado, que desejava escrever.

Encerrada a palestra, Divaldo psicografou comovedora página, motivo dos comentários que apresentamos.

A respeito do seu conteúdo, assim se referiu D. Heloísa, genitora do desencarnado, em carta ao médium, datada de 24 de agosto de 1992:

(Depoimentos da Família)

“Ainda bastante aturdida, como se dividida entre dois mundos, entre duas vidas, sem o distanciamento necessário para avaliar os vários aspectos envolvidos, tento concentrar-me nos dados específicos da mensagem. Jamais duvidei de que Christian fosse merecedor de um socorro imediato após sua desencarnação”...

...“Com a orientação que recebi, já posso vislumbrar um caminho. Sei que nada será fácil”...

...“Obrigada pela sua presença em Cuiabá. Obrigada pela sua presença em minha vida e, principalmente, na Vida de Christian”...

(Mensagem)

Querida mãezinha Heloisa⁽¹⁾,

dominado pela saudade e pela emoção, venho escrever-lhe poucas frases.

O seu longo sofrimento e a sua luta me sensibilizam profundamente.

Nós, que vivíamos um para o outro, sem nos alienarmos do mundo, agora nos buscamos em diferentes vibrações, e você persevera clamando por uma justiça que a Terra não pode proporcionar.

A morte não é o fim, e eu escrevi sobre isto: é um repouso entre dois estados da vida.

Quando viemos para cá, ricos de sonho, em 1987, deixando a querida Assis, em São Paulo, não poderíamos imaginar que haveria uma dolorosa interrupção na noite de 30 de maio de 1991, quando a bala mortal me vararia o pâncreas, o fígado, os intestinos, levando-

me à libertação do corpo, na madrugada seguinte, aos seus primeiros minutos.

Naquela noite de quinta-feira eu saíra com o carro, como você recorda, e fui rever os amigos no SOS Burgers, não imaginando o que iria suceder...

Tudo foi muito rápido, que não irei detalhar, porque você conhece com riqueza de pormenores.

*Desejo alentá-la, e não evocar tristezas; por isto, recordar-me-
ei do sono que me tomou após as dores e o frio lancinantes.*

Repousei, e nada mais soube.

Não lhe posso dizer quantos dias permaneci nesse estado. Ao despertar, amparado por bondosos seres, um médico me tranquilizou, afirmando-me que tudo estava bem e que eu ficaria bom.

Só depois, porque notasse a sua ausência e a dos nossos, que um sacerdote se aproximou e com infinito carinho disse-me que era o Monsenhor Vinhetas, que vivera em Santa Rita do Passa-Quatro⁽¹⁰⁾ e que ali estava em nome dos nossos familiares para me auxiliar. Ele explicou-me tudo, e fui tomado pelas lágrimas.

O tempo, lentamente, educou-me e sinto-me hoje muito feliz.

Não fosse a circunstância da separação física, e eu me consideraria em plenitude.

Acompanhei, passo a passo, as suas dores e as suas lutas. Você fez o máximo e cumpriu com o seu dever.

Agora é tempo de perdão, de esquecimento do mal e planificação do bem.

Ninguém foge de si mesmo, e os infelizes que se tomaram instrumento das Divinas Leis não fugirão de si mesmos.

Nós resgatamos, mãezinha, pesado compromisso passado, cruel, e estamos liberados. Eles seguirão adiante e recolherão as sementes da violência que usam.

Portanto, planifiquemos o futuro.

Há muita criança esperando por nós. As ruas estão abarrotadas e a nós cabe a tarefa de amá-las e socorrê-las.

Você é idealista e dedicada, possuidora de excelentes valores morais, que pode e deve aplicar na construção de um mundo melhor e justo.

Seu filho não trouxe marcas de vícios: nem álcool, fumo ou drogas, como você o sabe.

Estou em paz e tenho visitado os amados avós Telésforo e Irene, as tias Irene e Maria Eliza⁽¹¹⁾, os primos queridos, e recordo-me especialmente do Herberth.⁽¹²⁾

Acompanho a renovação da querida Poliana ^{<13)}, que merece amar e ser amada. Ela è digna, e sei que triunfará.

Agradeço aos muitos amigos que a ampararam e a auxiliaram na luta, entre as quais a Marinês, a Rachel e Morgado... ⁽⁴⁾

Mãezinha querida, renove-se e viva. Levante-se e conquiste o espaço do bem.

Com beijos e carinho, afetuosos em relação à nossa amada família, ao paizinho Álvaro ⁽¹⁵⁾, seu filho de todo coração,

Chris

Christian Eduardo

(identificações)

- 1) *Heloísa* — Nome da genitora.
- 2) *Uma justiça que a Terra não pode proporcionar* — A genitora empreendeu grande luta pela punição do homicida.
- 3) *Um repouso* — Palavras que o comunicante escreveu antes de desencarnar.
- 4) *1978* — Dado correto.
- 5) *Deixando a querida Assis, em São Paulo* — Confirmado.
- 6) *Noite de 30 de maio de 1991* — Data da desencarnação.

- 7) Na madrugada seguinte, aos primeiros minutos —
Confirmado.
- 8) *Naquela noite de quinta-feira, eu saíra com o carro -£•*
Dados exatos.
- 9) *SOS Burgers* — Lugar da ocorrência, confirmado.
- 10) *Monsenhor Vinhetas que vivera em Santa Rita do Passa-Quatro* — Venerando sacerdote que viveu na cidade referida. Dado Correto.
- 11) *Avós Telésforo e Irene, as tias Irene e Maria Eliza* — Familiares do missivista.
- 12) *Especialmente de Herberth* — Primo do desencarnado.
Confirmado.
- 13) *Querida Poliana* Namorada do jovem. Idem.
- 14) *Marinês, Rachel e Morgado* — Amigas da genitora. Ibidem.
- 15) *Ao paizinho Álvaro* — Padrinho e familiar querido.
Confirmado.
- 16) *Chris. Christian Eduardo* — Nome correto do missivista.

(Explicações)

Além da página escrita, Divaldo transmitiu inúmeras informações que o desencarnado lhe deu e foram comentadas,

porque autênticas, por D. Heloísa:

- 1) a grafia dos nomes Rac/iel/C/jristian;
- 2) fugiu do lugar porque não se encontrava habilitado (o que colegas haviam dito);
- 3) Álvaro não era seu pai — Christian explicou isso ao *médium*;
- 4) nossa relação era como a de dois irmãos;
- 5) não quer que eu tenha outro filho para substituí-lo (D. Heloísa pensava em tê-lo e o filho sugere que adote os *filhos do sofrimento*);
- 6) está muito bem;
- 7) foi visto por Divaldo, que o descreveu: magro, moreno, olhos mais puxados que os meus, alegre;
- 8) o SOS era freqüentado por uma turma *barra pesada* (lugar onde se originou a perseguição policial);
- 9) tudo começou em 31/03/91 (Fato confirmado por muitas pessoas);
- 10) ele jamais consumiu drogas;
- 11) não viemos para cá como *aventureiros*;
- 12) vai escrever outras vezes;
- 13) sentiu muita dor; a bala queimava; (o médium havia-o dito);

- 14) não seria salvo ainda que socorrido imediatamente;
- 15) perguntou se Divaldo leu POLI AN A? (O nome da sua namorada foi inspirado nesse livro);
- 16) observou que éramos nós 2 contra o mundo e o mundo contra nós dois;
- 17) Christian diz que não xingou ninguém depois de baleado (a polícia caluniara-o com essa acusação, que o médium ignorava, como tudo mais.)

EXALTAÇÃO à Vida

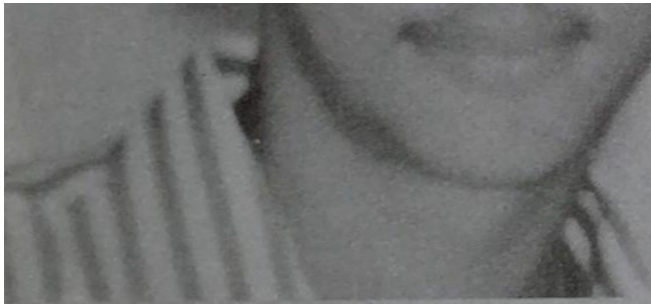


*Luciede Petersen
B. da Silva*



EXALTAÇÃO *à Vida*





Luciede Petersen Barros da Silva e Edlúcio Petersen Barros da Silva

Dados bibliográficos

Luciede Petersen Barros da Silva nasceu no dia 15 de setembro de 1968 e Edlúcio Petersen Barros da Silva em 9 de setembro de 1971, filhos do Sr. Edgard Barros da Silva e D. Maria Lúcia Petersen Barros da Silva.

Vítimas de um acidente de moto, desencarnaram no dia 16 de agosto de 1988, quando retomavam de um passeio.

Edlúcio estudava no Ginásio Anísio Teixeira onde cursava o 1.º

ano do II grau, em desenho arquitetônico; tinha muita afinidade por motos.

Luciede, aluna do 4.º período em eletrotécnica, na escola Técnica Federal, já tinha concluído o II grau em desenho, no Anísio Teixeira. Seu amor pelo estudo constituía o estímulo para que se tomasse uma aluna caprichosa.

Os dois eram alegres, comunicativos e tinham muitos planos para o futuro.

(Explicações)

Realizava-se a reunião hebdomadária de sábado, no Centro Espírita Caminho da Redenção, na noite de 18 de março de 1989.

Enquanto o convidado para a explanação do tema da noite discorria sobre o assunto, Divaldo Franco psicografava.

Terminando o mister, leu, para o público que repletava o amplo salão, a mensagem que iremos estudar.

A respeito do seu conteúdo, assim se expressou a genitora dos missivistas:

(Depoimentos da Família)

“Aceitar a Vida, acreditar na Vida é nossa obrigação, porque a Vida nos pertence. As provas nos alcançam e, por vezes, as esperanças se desfazem. Habitualmente a morte aparece e rasga-nos o peito em sofrimento. A perda de dois filhos e únicos entes amados é uma dor irreparável.

A misericórdia de Deus porém nos protege, nos acolhe e nos abre novos caminhos para a Vida imperecível.

Luciede e Edlúcio emergem do acidente cruel, clareando o caminho dos familiares qual fonte de luz. Mostram com detalhes as próprias personalidades. Dizem lastimar o modo com que se lhes assinalou a desencarnação; seu amor a seus pais, e informações surpreendentes em seus comunicados, são verdadeiras revelações para a família a lhe marcarem nova vida.

Um pouco de socorro à saudade, um pouco mais de paz.

Uma esperança a mais no reencontro.”

(Mensagem)

Querida mãezinha Lucinha(l),

você não pode imaginar as emoções que nos invadem, a mim e ao Ed, neste momento, em que vimos trazer-lhe as nossas notícias.

Acalentávamos este desejo com todas as forças da alma, de

forma a diminuir-lhe a dor da saudade e o impacto das circunstâncias em que viemos para cá.

Foi, porém, a sua cirurgia recentél) que nos facultou esta oportunidade, graças às suas preces e ação no bem incessante, fazendo-nos granjear a bênção de poder escrever-lhe.

Esta é, portanto, uma experiência totalmente nova para mim e para o Ed. Oramos muito e fomos treinados para lograr êxito agora, por se tratar de um mecanismo inteiramente novo, a que nos devemos ajustar.

A verdade é, mãezinha Lucinha, que agora se confundem, na alma, os sorrisos e as lágrimas num festival de amor.

Conforme recordamos, eu não era fã de motos, embora Ed fosse ligado inteiramente nelas⁴⁾ Naquela terça feira, dezesseis de agosto do ano passado fomos dar uma volta, por insistência dele, e nunca poderíamos imaginar que seria a nossa despedida terrena. Tudo aconteceu como num sonho que se transformou num pesadelo.

Quando o caminhão cresceu à nossa frente e engavetamos pelos fundos⁽⁶⁾, não houve tempo para qualquer raciocínio. Parecia que estávamos hipnotizados, e o choque, jogando-nos no asfalto, entre as ferragens da moto, causou-nos, em um instante, quase um estado de

alucinação.

Eu vi as pessoas correrem para nos ajudarem, os comentários, e sentindo dores, desmaiei. Não sei quanto tempo durou esse estado...

Ao acordar, encontrava-me em um recinto asseado, como um quarto de hospital, e, apesar das dores, havia tanta serenidade ambiente, que um grande bem-estar tomou conta de mim e recordei-me do Ed. Ao perguntar por ele, fui informada que estava internado também.

Recordei-me de você e procurei saber por que não estava ali. Só devagar, fui sendo esclarecida sobre o que havia sucedido. A memória funcionava, magoando-me e fazendo-me chorar, quando me dei conta de tudo. Não tenho como descrever-lhe a dor, a angústia. Como teria morrido aos vinte anos menos um mêsPK com a mente rica de planos e ideais?

A realidade, porém, era maior do que tudo, e confortada, fui aceitando, a fim de poder ajudar você na sua infinita dor pela nossa separação orgânica.

Fui visitar o Ed, que estava mais desanimado do que eu, e sentia-se culpado do acontecimento. Um senhor bondoso, que fora médico aqui, em Salvador, e morrera no ano de 1919, o Dr. José Carneiro de Campos, explicou-nos as razões de tudo e nos

aconselhou coragem, que pensássemos em você e no papai Edgar d...

Na sucessão do tempo, ajustamo-nos ao novo ambiente e passamos a aguardar o instante de visitá-la.

Você é a nossa heroína, cuja alma sofrida sempre nos causou admiração e amor.

Os seus testemunhos no lar, as suas lutas em nosso favor, o que a senhora tem sofrido com a separação de papai⁽¹⁰⁾, tudo isto nos faz amá-la muito mais e orar em seu favor, mãezinha, agradecendo a Deus a honra de havermos sido seus filhos.

Felizmente, na sua solidão, você vem adotando os filhos do infortúnio e abraçando os corações amargurados, como se os quisesse colocar no lugar dos seus filhos. Desde que você adotou este comportamento, passamos a melhorar e a ser felizes.

O bem é bom para quem ama. Prossiga, mãezinha amada, ajudando-os porque eles são os irmãos e filhos do nosso coração, através de cujo amor crescemos para Deus. Os seus filhos, às vezes, fazemo-nos presentes, enquanto você os socorre, trabalha para eles, procura amá-los.

Deus a guarde em paz!

Estou escrevendo esta primeira missiva sob o amparo da irmã Joanna de Ângelis, que tem sido uma outra mãe para nós e nos

premia com este momento ditoso de reencontro e consolação.

O bivô Petersen(II) está aqui conosco, e outros familiares, abraçando você e os nossos amigos, a nossa D. Jacy e esposo.(12)

Deus pague a eles toda a bondade para conosco.

Estávamos ao seu lado, no cemitério, quando você procurou nos visitar ali, uma ou outra vez/13) Agora, mamãe- zinha, o importante não é mais o corpo, que não existe, e sim o nosso eterno afeto.

Agradecemos as flores, as preces, o carinho, e unimos as vozes para dizer: Deus a coroe de estrelas, mãezinha da alma !

Abraçando-a com carinho e orando pelo papai Edgard, sou a sua filha de sempre,

Luciede^(I4)

O querido irmão Ed assina também esta carta de amor.

Edlúcio Petersen B. da Silva^(I5)

(identificações')

- 1) *Lucinha* — Forma carinhosa como é chamada D. Lúcia.
- 2) *Ed* — Apelido do filho Edlúcio.

- 3) *Cirurgia recente* — Dado confirmado.
- 4) *Eu não era fã de motos.*ÆMi Idem.
- 5) *Terça-feira, 16 de agosto do ano passado* — Correto.
- 6) *Quando o caminhão cresceu...*—Assim ocorreu o acidente fatal.
- 7) *Vinte anos menos um mês* Jg Correto.
- 8) *Morrera no ano de 1919, Dr. José Carneiro de Campos* —
Realmente existiu esse médico que desencarnou no ano referido.
- 9) *Papai Edgard* — Nome certo do genitor.
- 10) *A separação de papai* — O casal encontra-se separado, o que foi confirmado.
- 11) *Bivô Petersen* — Bisavô paterno desencarnado.
- 12) *D. Jacy e esposo* — Amigos da família.
- 13) *Estávamos ao seu lado no cemitério* — A mãe, saudosa, visitava o Cemitério com frequência.
- 14) *Luciede* — Nome da filha desencarnada.
- 15) *Edlúcio Petersen B. da Silva* — Nome correto do outro filho desencarnado.

(Explicações

Na noite de 3 de janeiro de 1983, Divaldo Franco participava da reunião habitual do Centro, quando começou a psicografar.

Ao ler a mensagem, que foi dirigida ao Meritíssimo Juiz de Menores da Comarca de

Salvador, Dr. Agnaldo Bahia Monteiro, e ditada pela sua esposa Amenayde, há pouco desencarnada, os assistentes sensibilizaram-se.

Am enay de de O. Bahia Monteiro

(Dados Biográficos)

D. Amenayde de O. Bahia Monteiro nasceu no dia 17 de dezembro de 1919. Era filha do Engenheiro Álvaro Amado Soares Bahia e de Amenayde de Oliveira Bahia.

Fez o seu curso no Colégio das Sacramentinas, sendo orientada pela religião católica, formando-se — após curso especializado — em Secretária.

Consoiciou-se, em 1944, com o Desembargador Agnaldo Bahia Monteiro, com quem teve três filhos: Agnaldo José, Lisete Maria e Maria Lúcia.

Esposa, mãe e filha extremosa, era, também, dotada de grande tino comercial, vindo a desencarnar em 14 de dezembro de 1982, vitimada por um edema pulmonar.

Alguns dias antes, porém, pediu a seu esposo que lhe falasse sobre a Doutrina Espírita, de algo acerca do mundo espiritual e, sobretudo, sobre Joanna de Angelis, entretecendo com o mesmo uma

curiosa conversação sobre vários problemas, todos, posteriormente, reafirmados pelo médium Divaldo Franco, em reunião de janeiro de 1983, em todos os seus detalhes, numa admirável comprovação da imortalidade da alma.

(Depoimentos da Família)

A respeito da página, o Dr. Agnaldo prestou os seguintes esclarecimentos, confirmando, ademais, informações que o médium adicionou e que as havia ouvido da comunicante:

1) Eu me adentrei na sala de reuniões, sem que ninguém me visse, por encontrar-me exausto, após um dia de estafantes atividades.

Ali fui, porque ouvi psiquicamente alguém dizer-me: *Vá à Mansão do Caminho*. O médium concentrado, de olhos fechados não me percebeu a presença;

2) Divaldo revelou o que a minha esposa me havia dito na manhã do dia em que ela caiu doente, sendo isso “sensacional”;

3) O apelido “Guinozinho” era o nome pelo qual me chamava para agradecer-me e que o médium não sabia;

4) Divaldo recordou do que ela havia conversado comigo no dia da sua enfermidade, “por pressentir a morte” e que lhe era totalmente desconhecido. Os pormenores da conversa foram absolutamente

exatos;

- 5) Outrossim, o médium repetiu a única conversa que ela teve comigo no Hospital;
- 6) A revelação da sua alegria pela presença na cidade de Dias Dávila, nos meses de janeiro, outro fato estranho ao médium;
- 7) Divaldo informou que ela preferira assinar o seu nome Amenayde, porque gostava muito dele, embora, na intimidade, eu a tratasse por “Yayá”, o que é absolutamente exato e o médium também ignorava;
- 8) A assinatura dela é igual à que tinha na Terra;
- 9) Por fim, ela transmitiu “que não lhe saíram da memória” as lições que lhe ministrei em tomo da morte e o que ela tem que enfrentar no Mundo Espiritual, “de acordo com a concepção espírita”, igualmente sabido somente por ela e por mim.”

(Mensagem)

Meu querido Guinozinho:

Ainda não se passou um mês da nossa separação física e aqui eu estou, trazida pela nossa mãe espiritual Joanna, para esta carta de gratidão, uma experiência para mim totalmente nova e que, há algum tempo, eu não seria capaz de imaginar.

Estou viva, meu querido!

Ainda me sinto atordoada e escrevo sob a direção desse anjo amigo que nos protege e que nos tem socorrido em todas as horas, como aconteceu comigo no momento em que despertei...

Quero agradecer a você toda a bondade, toda a atenção e toda a paciência que me dedicou, durante longos anos, e mais particularmente nos últimos tempos. É verdade que eu temia que você viesse primeiro, porque eu não encontraria paciência e devotamento igual, embora os filhos que Deus nos deu, bondosos e caridosos. Eles, porém, têm as suas famílias, as suas preocupações.

Agora, Deus lhe permitirá dedicar-se mais às suas tarefas, que, de certo modo, ficavam reduzidas com a presença das minhas doenças, das minhas dificuldades...

Quando eu puder, tentarei crescer com você.

Estou amparada por mamãe e tenho recebido muitas visitas dos nossos familiares.

Tudo é muito complexo para uma pessoa como eu.

Desejo pedir a Deus que lhe dê forças para você levar adiante os seus planos e trabalhos no Bem.

Abraço com carinho e beijo os filhos, nossos netinhos e todos os familiares.

*Com carinho e comovida, a velha esposa,
Amenayde.*

Walter Perazzo Filho

(Dados Biográficas)

Walter Perazzo Filho (Waltinho), nasceu em 19 de julho de 1951, em Salvador (BA) e faleceu em 5 de outubro de 1982, nesta mesma cidade.

Filho de Walter Perazzo e Elza Lins Perazzo, era membro de numerosa família (10 irmãos) e viveu sua infância no bairro de Roma, em Salvador.

Fez o curso primário na Escola N.S. da Guia. Coursou o ginásial no Colégio João Florêncio Gomes. Completou o 2.º Grau no Colégio Central de Salvador.

Submeteu-se ao vestibular da Universidade Católica do Sálvador, tendo sido aprovado no curso de Processamento de Dados, onde estudou dois anos.

Sentindo-se atraído pela carreira de Administrador, após novo vestibular, matriculou-se na Escola de Administração de Empresas da

Bahia, sendo diplomado em 1980.

Trabalhou durante muitos anos no Grupo Econômico, de cujo labor obtinha recursos para financiar seus estudos.

Quando a desencarnação o surpreendeu, ele estava prestes a galgar o cargo de Gerente do Banco Econômico, para o qual foi habilitado através de curso específico.⁸

Explicações

Na noite de 19 de setembro de 1983, na sessão mediúnica hebdomadária do Centro Espírita Caminho da Redenção, com a presença de D. Elza e Sr. Walter Perazzo, cooperadores da Casa, Divaldo psicografou, do filho desencarnado desses amigos, uma bela mensagem.

Anteriormente, Waltinho escrevera à família, conforme se encontra publicado no livro VIDAS EM TRIUNFO, pelo mesmo médium.

(Depoimentos da Família)

“A mensagem do nosso filho veio suavizar a dor imensa da saudade que nos dominava.

Quando recebemos sua primeira carta a alegria de viver retomou, aumentando-nos o desejo de amar e servir com abnegação. Já sabíamos dos benefícios que a conscientização dos postulados espíritas nos proporciona. Jamais nos faltaram provas disso. No entanto, a desencarnação de um filho querido fere em demasia o ser no mais profundo da sua sensibilidade. Através do contato espiritual, porém, renovamo-nos para a luta, especialmente quando o reencontramos em cada palavra, cada detalhe e em cada informação que ele nos envia do Além- Túmulo.

Esta página mediúnica é de nosso filho retomando, sem qualquer dúvida.”

(Mensagem)

Passam-se os meses que nos distanciam da hora culminante da libertação, sem que diminua o oceano do nosso bem- querer.

Adaptamo-nos às circunstâncias, no entanto, prosseguimos mais unidos e perfeitamente identificados uns com os outros, sem distância nem separação real.

Ausência física não significa ruptura de laços, porque mudam as modalidades da vida, sem que se modifique, na essência, a realidade do ser.

Graças ao carinho das queridas “vós ” Izaura e Otilia⁽¹⁾ pude ajustar-me às realidades locais, de que já me olvidara, com o mergulho na carne... Hoje, felizmente, enquadro-me em tarefas de aprendizagem e de socorro àqueles que se apresentam mais aturdidos e mais sofrendores do que eu...

As bases da fé e os ensinamentos espirituais que recebi no santuário do lar, embora parecessem esquecidos, permaneceram adormecidos e despertaram com toda a sua pujança tão logo acordei. Valorizei as lições que não conseguira digerir e permaneciam em latência, então com significado profundo, facultando-me melhor apreender e situar-me na vida espiritual.

Bendigo todo o esforço que vocês desenvolveram em favor da minha formação moral e da minha realidade espiritual.

Hoje resido em região próxima da Terra, com as queridas avós, denominada Parque da Esperança, onde se preparam obreiros do bem com vistas ao futuro.

Frequento curso de edificação moral e adestro-me nas ciências do porvir. Sinto-me feliz! Todavia, vez por outra, as saudades irrompem e fazem-me voltar ao lar, ansioso, para rever a família, participar... Tenho conseguido essa permissão, e após renovar-me, retomo ao labor de preparação intelecto- moral, buscando crescer, a

fim de prosseguir merecendo o seu amor.

Que é a vida sem o amor? A que se reduzem todas as coisas, quando desaparecem os objetivos do sentimento nobre?

É, portanto, esse “hálito de Deus ” que nos estreita e reúne, mediante a força equivalente, conhecida como de “agregação molecular”.

Acompanho os irmãos queridos Bebeto, César, Telma, Livia, Cacau, Silvinho, Paulinho e Otilinha com emoção e ternura. Suplico a ajuda divina para os que já constituíram família e sinto-me ditoso por encontrá-los na batalha do progresso, envidando esforços e colhendo bênção.

Comovo-me com a presença da Livia, que despertou para mais altas aspirações, vinculando-se às realizações que nada destruirá. É o campo, irmã querida, no qual as sementes da ternura medram como estrelas luminescentes, clareando rumos felizes para todos nós...

Minha mãezinha querida, meu querido velho, nunca desanimem, mantendo a coragem e o valor moral diante de quaisquer circunstâncias. Somos o que fazemos e valem o que conquistamos moralmente.

Vocês nos ensinam equilíbrio e amor numa vida conjugal harmoniosa e perfeita, quanto possível, demonstrando que a verdadeira união é a das almas. Felizes os que sabem amadurecer o

amor e vivificam a afeição que o tempo santifica.

Nesta oportunidade especial de reencontro escrito, gostaria de entretecer uma coroa de luz e depositá-la nas suas venerandas cabeças, rogando-lhes perdoarem o seu filho, nem sempre obediente, nem portador de valores ideais.

O meu retomo, aparentemente prematuro, prende-se a compromissos guerreiros, que me levaram a façanhas levianas, no passado, gerando-me o imperativo de um corpo breve e uma recuperação imediata...

Guardo o desejo de dar assistência a um amigo dantanho, cujo retomo violento foi causa de dores para todos nós... Espero poder conquistá-lo para as lides do Cristo, crescendo juntos...

Queridos pais, é o momento de agradecer-lhes, com todo o sentimento, pelo que vocês têm sido para os filhos, familiares e amigos, mas as palavras ficam sufocando-me a alma, sem exteriorizar-se no conteúdo das letras.

Faço, então, um silêncio que fale mil palavras de amor e de reconhecimento, sem a necessidade de verbalizá-las.

Abraço os queridos familiares e amigos, e, suplicando-lhes que me abençoem mais uma vez, sou o seu filho de sempre, muito carinhoso e alegre,

(Novas Identificações)

1) *“Vós ” Izaura e Otilia — Avós, respectivamente paterna e materna.*

2) *Bebeto, César, Telma, Lívia, Cacau, Silvinho, Paulinho e Otilinha — Irmãos do missivista.*

3) *... dar assistência a um amigo dantanho cujo retomo violento foi causa de dores para todos nós.:. -^Detalhe confirmado pela família e de muita importância.*

Rita Maria Ribeiro Carletto

Dados biográficos

Rita Maria Ribeiro Carletto nasceu na cidade de Salvador, Bahia, no dia 22 de novembro de 1968, filha do Sr. José Magalhães Carletto e Dona Vandina Amélia Ribeiro Carletto.

Teve uma vida normal, como estudante, e sempre se tomou

querida onde quer que estivesse.

Gostava de fazer poesias e amava os animais, a Natureza, alma sensível que era.

Dois meses antes da desencarnação escreveu sobre a vida e a morte, demonstrando não ter medo de partir, embora gostasse muito de viver.

No dia 30 de dezembro de 1988, Rita estava muito pensativa e triste, não sabendo explicar o que estava acontecendo com ela. Resolveu ir a um cinema com uma colega de trabalho. No caminho, porque já estava atrasada para a sessão, resolveu tomar a garupa da moto de um vizinho que passava em frente à igreja do bairro e lhe ofereceu carona. Não chegou nem ao meio do caminho... Um automóvel, ao dar uma **roubada** (entrou na contramão, permitido por um ônibus que parou para o mesmo passar) chocou-se com a moto pelo meio, jogando Rita de encontro a um poste de iluminação pública, no qual bateu fortemente com a cabeça, sofrendo traumatismo craniano.

Passou oito dias em coma profundo, vindo a desencarnar no dia seis de janeiro de 1989.

Na véspera daquele 30 de dezembro, realizara-se uma festinha de confraternização na Caixa Econômica Federal, na Agência onde trabalhava e, ao terminar, um colega ofereceu-lhe uma carona de moto, que ela recusou, alegando *que dessa jamais morreria, pois nunca montaria em uma moto.*

Era a perfeita intuição do que lhe iria acontecer.

Explicações

Divaldo Franco participava da reunião pública do Centro Espírita Caminho da Redenção, no sábado, onze de maio de 1991 e, enquanto o expositor abordava um tema inspirado em oportuna mensagem que Joanna de Ângelis ditara ao médium, ele psicografou a mensagem de Rita, que se lerá adiante.

Sobre a legitimidade da mesma, assim escreveram os seus genitores, presentes à reunião:

“Não esperavam que teriam semelhante felicidade, qual a de receber uma primeira comunicação da tão saudosa filha, que cedo saíra do seu convívio. Foi muita emoção.

Agradecemos a Deus essa oportunidade e pedimos forças para que nossos laços de amor continuem inquebrantáveis.”

Mensagem

Paizinhos queridos, meus queridos irmãos:

Quanta saudade!

Um punhal cravado no coração não produziria tanta dor quanto a saudade me proporciona.

Vai-se distanciando no tempo aquele tormentoso janeiro. No entanto, permanecem vivas em nossa memória as lembranças ltuosas que alcançaram nossas vidas, em forma da tragédia que me roubou o corpo.

O ano começara rico de esperanças e eu amava. Trazia o coração iluminado pela expectativa de um lar onde iniciasse uma família com perspectivas de felicidade.

*Não que eu não me sentisse feliz, porém o sonho da realização pessoal se delineava favorável, sem imaginar que ainda nas vibrações dos **Santos Reis**, eu deveria retomar sem aviso prévio.*

No meu programa de evolução estava prevista a ocorrência que se transformou na dor que nos fere a alma.

No começo, quando eu despertei e o meu bisavô Carletto me explicou o que sucedera, eu não pude acreditar. Parecia-me um pesadelo. Eu que nunca dera importância aos problemas espirituais,

além daqueles que a maioria humana dedica, vi-me transferida para uma realidade que não esperava.

Confesso que não foi fácil. Ao lado disso, sentia o desespero da querida família, a dor e a angústia que mais me afligiam.

A pouco e pouco, sob assistência carinhosa, fui-me acalmando e aceitando o inevitável, de forma que tivessem diminuídas as próprias aflições que dependiam do meu comportamento.

As preces da família, dos amigos e os recursos da religião começaram a chegar-me, o que me foi renovando e abrindo-me a compreensão para a vida.

Tudo porém passou e agora sou feliz, embora a saudade que me toma uma que outra vez, porquanto, tenho tido a felicidade de visitar nosso lar.

De alguma forma, a minha partida para o além-túmulo trouxe belas lições para a nossa família.

Uma família grande como a nossa tem os seus normais problemas, pois que cada um dos seus membros tem suas próprias características, formando um calidoscópio de variados pedaços para a harmonia do conjunto.

Passei a acompanhar os nossos e a rogar por todos, suplicando a Deus as suas bênçãos, a fim de que consigamos o êxito do grupo e

a felicidade de cada um.

Há tempos que acalento o desejo de trazer notícias em uma carta, no entanto, fui informada de que hoje deveria escrever à querida família, e, nesta mensagem, homenagearia as mães, na pessoa da minha querida mãezinha Vandina.(4)

A maternidade é contribuição da vida à vida. A mulher, por isso mesmo, dizem os Guias Espirituais, é co-criadora, contribuindo com o Pai Amantíssimo pela multiplicação dos corpos na Terra e pela oportunidade de crescimento dos seres na busca da sua perfeição.

Assim, querida mãezinha, venho beijá-la e agradecer todo o seu carinho e bondade, sua abnegação e espírito de serviço.

Liberte-se hoje de quaisquer mágoas e ressentimentos.

Ninguém teve culpa pelo que aconteceu, não devendo merecer qualquer antipatia. Aquele fato traumatizou a todos e a todos fez sofrer. Assim, deixe que o amor lhe adorne a alma sensível e o coração generoso.

Esqueça todos os acontecimentos negativos do passado, para recordar-se de todas as coisas boas de quase quatro décadas de matrimônio, de família.

Deus tem sido muito bom conosco e nossa família. Os incidentes fazem parte da evolução, como os acidentes sucedem em qualquer

viagem.

Sorria e ame, contribuindo com a sua experiência para o bem de todos.

Tenho recebido os seus presentes por ocasião do meu aniversário⁽⁶⁾ e agradeço-lhe emocionada. Não se sacrifique, porém; eu sei que todos a ajudam com o trabalho maior do seu sacrifício. O seu amor, é o mais importante. Você tem ajudado a muitos, todavia, não se deixe crucificar em preocupações. ; .

Eu quero abraçar o querido pai, que participa da nossa saudade e tem sofrido muito.

Você é um herói, meu velho, e deve continuar crescendo para Deus, melhorando-se, a fim de amparar os familiares, porque a sua missão ainda não terminou.

A família multiplica-se cada vez mais e os pais são os esteios, tomando-se avós e sustentáculos de todos pela sabedoria e experiência.

Desejo abraçar com carinho os irmãos e rogar perdão por alguma das minhas impertinências e incompreensões.

Acima de tudo sobrevêm o amor e a ternura abrindo lembranças na

mente e no coração.

Espero que noutra experiência por escrito possa detalhar outros acontecimentos que nos interessam, à luz da reencarnação.

Assim, agradecida pela sua presença aqui e homenageando todas as mães presentes, em nome dos seus filhinhos desencarnados, conosco do lado de cá, elevo o meu pensamento a Deus em reconhecimento por esta oportunidade abençoada.

Mãezinha querida, meu querido pai, meus irmãos, eu os envolvo todos em um abraço de carinho e rogo-lhes que me abençoem.

Emocionada e com a alma cantando um hino de esperança para o futuro, sou a filha dedicada e agradecida,

Rita

Identificações

- 1) ... *estava prevista a ocorrência* — Confirmado pelos pais.
- 2) *Bisavô Carletto* — Membro da família desencarnado.
- 3) *Belas lições para a família* — Igualmente confirmado.
- 4) *Vandina* — Nome da genitora.
- 5) *Mágoas e ressentimentos* — Também confirmado.
- 6) ... *os seus presentes por ocasião do meu aniversário* — Dona

Vandina explicou que comemorava a data, ajudando os mais necessitados em uma festa de carinho.

7) ... *crucificar em preocupações* — A mãezinha confirmou esse seu estado à época da mensagem.

René Oliva Strang

(Dados Biográficos)

René Oliva Strang nasceu no dia 1^o de outubro de 1959 e desencarnou na manhã de 6 de julho de 1979, em acidente automobilístico na Via Anhangüera, com somente 19 anos de idade.

Comunicou-se com os seus familiares, após seis meses de desencarnação.[^]

Posteriormente, estando em Uberaba, Divaldo psicografou uma carta por ele ditada e dirigida aos seus pais.

A partir dessa ocasião, Renezinho passou a transmitir recados aos familiares, nos encontros que estes mantiveram com o médium baiano, antes e depois das suas conferências, em várias cidades paulistas.

Transcrevemos o que narram os seus pais a respeito.

(Explicações)

Espontaneamente, os pais do missivista assim se expressaram: “A separação temporária de entes queridos, principalmente de um filho, é uma das provas difíceis a que somos submetidos. Devemos aproveitá-la, com muita resignação, para nossa evolução espiritual.

Fomos já agraciados pela Espiritualidade, recebendo mensagens mediúnicas de nosso filho querido Renezinho, desencarnado em 6 de julho de 1979, em acidente automobilístico. Esta última, porém, pela mediunidade psicofônica de nosso abençoado amigo Divaldo Pereira Franco, balançou-nos em nossas bases, não só pela emoção, mas também pelas ⁹ revelações de vínculos do passado, em reencarnação na Dinamarca, há mais de quatro séculos.

Devemos também dizer da autenticidade da identidade de nosso querido filho, não deixando nenhuma dúvida, revelando-nos fatos, dados e personagens, comprovando a veracidade da mensagem.

Agradecemos eternamente, ao nosso querido irmão e amigo Divaldo, o prêmio e incentivo recebido.”

(Depoimentos da Família)

A mensagem de Renezinho, tocada de muita emoção, que a psicofonia permite, parecia ter chegado ao fim, já que seu pai lhe dirigia palavras de profunda gratidão, em nome da família ali reunida, na certeza plena da imortalidade e pelas alegrias daquele momento indescritível, pois haviam aceitado com resignação a desencarnação do filho querido, confiantes nos desígnios superiores da Vida, quando, para se despedir, Renezinho, ainda incorporado mediunicamente pela psicofonia, complementa sua mensagem, com informações que a todos sensibiliza, explicando a “causa” dos fatos que o levaram ao desencarne acidental, justamente no período em que seus pais viajavam pelo Exterior, estando ambos na Dinamarca, quando receberam a comunicação da morte do filho.

Eis a mensagem explicativa:

(Mensagem)

amor. Pela minha memória repassam as lutas do século XVII, na Dinamarca, sim, as lutas religiosas, quando tínhamos a nossa família unida.

Ali contraí o débito que agora terminei de resgatar, com

Serginho, na violência da estrada arrebatadora. O nosso amor procede de longa data e o vínculo é de 340 anos, de lá para cá. Quando defendíamos Odin, o deus soberano dos países nórdicos europeus, tentando evitar a intolerância religiosa, uma reação, não contra Jesus, mas contra os absurdos dogmas, fez com que nos comprometéssemos, para que hoje a saudade nos selasse em união perfeita, junto ao Descrucificado Vitorioso, ao Herói Transcendente da Cruz: eis por que, Paizinho e Mãezinha, o nosso amor data de longo tempo. ”

Renezinho.

(Explicações)

No dia 20 de janeiro de 1988, o médium Divaldo P. Franco foi à Americana-SP, proferir uma conferência, e os pais de Renezinho lá estavam às vésperas da palestra. **Em** café **matinal** no Hotel Florença, em companhia do médium e de outros amigos, deu-se a oportunidade em que Renê, pai de Renezinho, contou a Divaldo que na passagem de 31 de dezembro de 87, para 1^o de janeiro de 88, em reunião espírita, com a presença espiritual de Renezinho, haviam solicitado ao filho, que, se possível, levasse um abraço fraternal ao médium

Divaldo e demais amigos daquele grupo de obreiros do bem, na Bahia.

Para surpresa dos pais de Renezinho, Divaldo relata-lhes interessante experiência vivida naquela mesma madrugada da passagem de ano citada, lá na Bahia, portanto, poucas horas depois do contato mediúnico da família com Renezinho, aqui em Ribeirão.

Diz o médium que, naquela noite, através de um desdobramento mediúnico, foi convidado por Renezinho para conhecer a Colônia Espiritual Boa Esperança, localizada na esfera espiritual de Ribeirão Preto, onde residia o jovem desencarnado. Disse que Renezinho prosseguia seus estudos cursando uma Universidade na Colônia, sendo auxiliado por antigo religioso local, de nome Monsenhor Vinhetas, oriundo da cidade de Santa Rita do Passa-Quatro-SP. Logo após as saudações habituais, Renezinho o conduziu até um jardim na periferia da Colônia, todo formado de muitas flores, predominando entre elas os lírios e agapantos, não sendo permitido colhê-las, apenas aspirá-las.

Divaldo pergunta a Renezinho se seria bom para sua saúde e recebe resposta afirmativa. Aproxima-se de um lírio e aspira-o, notando que a bela flor desfazia-se até ao caule, sentindo posteriormente agradável conforto e bem-estar. Dr- rigiram-se até um

banco do jardim, notando que o mesmo se moldava anatomicamente ao seu corpo, dando-lhe ótima acomodação, onde dialogaram sobre diversos assuntos, em tomo da família, dos entes queridos domiciliados na Terra, as causas dos vínculos atuais, etc, quando, ao final da visita, Divaldo disse a Renezinho que se sentiria honrado em psicografar, oportunamente, uma mensagem dele aos seus pais.

De fato, no dia 2 de julho de 1988, estando seus pais participando em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Divaldo Pereira Franco, ao lado do médium Chico Xavier, em Uberaba, MG, psicografa a mensagem de Renezinho, endereçada aos seus pais René e Yonne:

Mensagem

"Meus amados pais, René e Yonne, exultemos de gratidão a Deus, como decorrência da nossa permanente união.

São duas palavras neste bilhete escrito com as tintas da emoção.

Larga e ditosa tem sido a nossa convivência no lar e no trabalho, como resultado de um amor que a morte somente aumentou.

Vivemos a nossa tarefa do lado de cá, jubiloso com as suas realizações do lado de lá.

Ouvindo as suas ansiedades quando preparavam a viagem de vinda, não me poderia furtar à alegria de dizer-lhes que tudo está bem, queridos velhos.

Aceitemos as determinações de Deus com a consciência serena, nós que nos identificamos com a vida, mediante os recursos da compreensão e da razão.

As últimas lutas no lar somente nos ajudam a crescer e a evoluir.

Renteando com os seus e os corações dos nossos, sigamos na direção da felicidade que nos aguarda.

Espero oportunidade para uma carta mais longa. Enquanto isto não se dá, demo-nos as mãos e, envolvendo os nossos na mesma ciranda de amor e de vida, beija-os, o filho sempre afetuoso,

Renezinho”

(Explicações)

Na noite de 31 de outubro de 1988, por ocasião da visita do médium Divaldo P. Franco a Ribeirão Preto, Renezinho envia nova e confortadora mensagem aos seus pais, através da psicofonia:

(Mensagem)

“Querido papai René, Mãezinha Yonne⁽¹⁾, meus queridos.

Estou pedindo a Deus que me conceda serenidade, para os reunir, no coração agradecido, e perfumar-íhes as almas com o aroma da gratidão. A emoção me empolga e não sei se mantereí a lucidez para dizer tudo que eu trago nos sentimentos saudosos.

Vovô Valério e Vovô Gildo^m me ajudaram na experiência nova, a fim de podermos entrelaçar as nossas emoções, demonstrando que a ausência física não é distância, e o nosso amor cada vez é mais forte na direção do tempo, que passa lento, que passa rápido, testando as nossas resistências.

Aprendi com você, papai, a ser forte e rijo, e aprendi com mamãe, a melhor mãe do mundo, a ser dócil e emocional; por isso eu reuno os dois sentimentos na mesma expressão de alma, para beijar as mãos de Vovó, agradecendo o seu carinho que não cessa e a sua oração que não se interrompe.

O Vovô, jubiloso, nesta noite de festa a abraça, unido à querida Tatá, com a mesma vibração de gratidão e alegria pela bênção do nosso encontro festivo.

Não estranhem a experiência psicofônica; mas a desejei neste último dia de outubro, mês tão significativo para nós, evocativo dos

29 anos em que vi a luz solar pela reencarnação bendita nos braços da Mamãe, e o olhar enternecido do meu Velho, lá no recuado 1^ª de outubro de 1959.gj

Quero agradecer-lhes as homenagens dirigidas aos sofredores, na festa aniversário do nosso perene carinho.

Passo, pela tela da imaginação, a via Anhanguera ensanguentada e em companhia do Serginho, aqui conosco, sob o amparo do irmão Ângeloque nos hospeda na sua comunidade ribeirão-pretana. Dizer que estes largos-curtos anos de separação carnal, somente nos aproximaram da verdade e da vida...

Meu querido Pai, o seu exemplo de fé e de vigor, e as suas orações com Mamãe, na minha sala, fitando as evocações das minhas várias fases da vida, nas fotografias que marcaram épocas de nossas vidas, transformaram nossa casa num santuário. E aqui, o Monsenhor Siqueira estabeleceu um verdadeiro reduto de amor e de paz para, com o Monsenhor Vinhetaspoder atender os sofredores que chegam até nós, provenientes da Terra com o coração despedaçado e a alma angustiada. Retiram energias balsâmicas no nosso santuário, para depois remover esses recém- chegados para as respectivas Colônias de recomposição.

Martha querida, as nossas preocupações continuam, mas as

bênçãos de Deus não cessam nunca. Beijo as suas mãos e o seu coração, algumas vezes sofrido nos testemunhos que as circunstâncias nos brindam, e lhe peço fortaleza de ânimo.

Estamos juntos com a nossa querida Irene, com a Zizi, com a Cristina^m, nesta obra de edificação da felicidade da nossa querida família. Não desanime Martha. Dificuldade é desafio e problema é teste para o crescimento. Raia novo dia de esperança para você. Guarde alegria na sua alma; reconsidere alguns valores e de mãos dadas vamos adiante.

Com que júbilo eu vejo nosso lar enfiorecido nesta noite! São tantos amigos, o Cônego Barros⁽¹⁰⁾ aqui, evocando os dias formosos da igreja de Ribeirão Preto, abençoando a nossa família; o irmão Ramos⁽¹¹⁾, verdadeiro exemplo de trabalhador do bem, na arte da ciência de educar; a professora Euphrásia^{f(12)}, veneranda, dando-nos lições ininterruptas de vida e de vigor, para que os nossos sentimentos se voltem para Deus nesta oportunidade ímpar da nossa existência.

Amigos abençoados participam conosco neste culto de prece, mas sobretudo, de evocação e de saudade que o tempo não apaga.

Mãezinha querida, quando eu ouço o seu coração e como sei

que ainda existem dias muito difíceis para você, o seu filho não se afasta, e quando a depressão e o problema parecem que vão esmagá-la, eu me ajoelho aos seus pés e lhe digo: "Aguenta o tranco", Mãezinha, porque a vida nos surpreende sempre com os inesperados convites à reflexão.

Continuo orando pela Bell e vejo o Renê o meu Jilho, que vocês souberam dignificar, oferecendo parte da minha vida, sem cogitarem de quaisquer consequências que não parecem importantes. Ante o dever, Papai, você é o homem íntegro e nunca me esquecerei dos seus conselhos, do seu exemplo e da sua coragem em enfrentar as circunstâncias.

Quando viajei aos Estados Unidos, em Coral Gables⁽¹⁴⁾, mantive as experiências que me consolidaram o caráter e me preparei para viver a vida que melhor condizia com a nossa situação. Você continuava como o meu modelo, Mamãe continuava como a minha rainha, as irmãs queridas, o meu entusiasmo, e hoje, vendo a Tatiana crescer, nos desafios da atualidade, eu quero dizer que participo das nossas orações confiadas em Deus.

Você pôs no nosso coração, Papai, a luz da verdade e a aparente negligência que nós os jovens tínhamos, para com as informações que herdamos do Vovô Valério pela sua boca, nunca

ficaram esquecidas nas horas difíceis.

Quando Vovó Conceição^{I5)} pôs as mãos generosas sobre mim e eu senti as mãos da Mamãe me acariciando no leito do despertar da vida, tudo que eu aprendi em casa me voltou à memória, dulcificando a saudade, falando-me de esperanças que o tempo iria confirmar. Por isso, pedi a Deus que, em vez de usar o lápis, eu pudesse usar a emotividade, experienciando, nesta oportunidade, o convívio ainda mais intenso, para me ajoelhar na evocação dos vivos, porque não estamos finados na vida, e lhes agradecer com uma coroa de mirto, com que se homenageavam os heróis na Grécia e na Roma antiga, dizendo: Deus o abençoe meu pai, Deus a abençoe mãezinha! Deus abençoe a Tatá, a Vovó, a Martha, os corações amigos da nossa reunião, tão pequenina e tão rica de luz, onde tenho aprendido a solidariedade, onde tenho aprendido o serviço anônimo, como o Serginho com os amigos da nossa comunidade espiritual!*

Quero dizer-lhe, papai, que estou estudando, num curso para a aprendizagem que o acidente interrompeu no corpo, mas não impediu de prosseguir na vida.

Sei que você tem a alma tímida de júbilo pela evocação de seu filho, mas, saiba você, tenha certeza mamãe, que eu tenho o espírito

coroado de felicidade e deste orgulho santo, por haver sido premiado com os pais que são a razão da minha luta para crescer para Deus, a fim de que, no mundo além do mundo, um dia possamos nos reunir outra vez e jogar o tênis da esperança eterna, com a raqueta da solidariedade na mão, ante as redes ricas de almas que pescaremos no mar da humanidade.

Meu querido Pai, eu quero lhe agradecer a homenagem do “Estadium w, onde o seu coração e dos amigos se lembraram de pôr o meu nome, a fim de que a memória do seu filho, sempre viva, permaneça conclamando outros jovens a crescer sadios, sem a vinculação do vício, sem a escravidão da droga e sem a perturbação do denegrir das almas.

Não passei incólume pelo mundo, mas não deixei um rastro de lama para que as suas mãos apressadas pudessem limpar.

No coração da Bell, Deus me permitiu deixar uma semente, para que os seus braços amigos, mesmo sofrendo, pudessem ver a perpetuidade do seu Renezinho, dando prosseguimento à nossa família, nesta área da sucessão dos tempos.

Quero agradecer a todos os amigos que são da família da minha família, ao José Luiz^{f17)}, que as circunstâncias espirituais de alguma forma colocaram junto aos seus corações, queridos pais,

numa lembrança do filho varão, e agradecer a todos que aqui estão contribuindo para este momento de festa, e suplicar, é a palavra, ao Pai Criador, que nos mantenha unidos para sempre, tomando-nos pilotos de segurança, para os de passos vacilantes, alavanca para os caídos e socorro para os que estiverem à borda do abismo.

Querido Papai Renê, minha mãezinha Yonne, que posso dizer que já não tenha dito, quando as palavras são tão pobres, para expressar emoções?! Vocês me têm hoje, mais vivo do que, quando no corpo, estávamos lado a lado; sentem-me mais, do que quando viajavamos, sorriamos e projetávamos planos para o futuro. Seu filho não chegou a atingir o campeonato maior, mas atingiu a glória de ser campeão da vida, não deixando a bola cair, Papai, depois da rede da cortina da imortalidade. Continuo sacando com todo o vigor, certo de que, do outro lado, está a sua mão forte, para rebater a caridade que você tem sabido distribuir.

Que lhe sejam abençoadas as horas do seu ritmo e que o coração de Mamãe, jardim de flores, continue perfumando as existências em redor, em calma e paz, superando os desafios da vida, que são perfeitamente legais.

Beijo a Vovó, beijo a Tatá e vou continuar indo no quarto para mexer com ela; beijo a Martha querida, pedindo-lhe para que seja

forte e vença esta nova etapa que Deus lhe está brindando; beijo a Mãezinha, num vínculo de eterna união, e beijo meu Velho com este amor que não pode ser maior, porque ele já atingiu o infinito. Beijando a todos e entoando o meu hino de vitória, num aperto de mão depois de cada triunfo ou de cada perda na partida da vida; rogando a Jesus, o Juiz por excelência, que nos dê ganho de causa em todos os empreendimentos e todas as flores da vida, pelos 29 anos e 30 dias, do seu eterno Renezinho.

Renê Oliva Strang.

Identificações

Papai René e Mãezinha Yonne — Nomes dos genitores do missivista.

Vovô Valério e vovô Gildo — Gildo, avô materno, desencarnado em 1978. Valério, avô paterno.

3) *Tatá — Apelido carinhoso de Clementina Alves de Oliveira, mãe preta.*

4) *1^a de outubro de 1959 — Data do nascimento de Renezinho.*

5) *Serginho e do irmão Ângelo — Sérgio Neves Z. Filho, também desencarnou no mesmo acidente.*

Irmão Ângelo Philedony Torres foi o primeiro Vigário de Ribeirão Preto, desencarnado em 1890.

6) *Monsenhor Siqueira* — Monsenhor Joaquim Antônio da Siqueira, 3² Vigário de Ribeirão Preto.

7) *Monsenhor Vinhetas* — Sacerdote da cidade de Santa Rita do Passa-Quatro, desencarnado.

8) *Martha* — Irmã de Renezinho.

9) *Irene, Zizi e Cristina* — Irmãs de Renezinho.

10) *Cônego Barros* - ^Cônego Dr. Francisco de Assis Barros 5^*^* Vigário da Catedral de Ribeirão Preto, desencarnado

em 1942.

11) *O irmão Ramos* — Péricles de Freitas Ramos, prof, de Educação Física, desencarnado.

12) *Professora Euphrásia* ^ÊX Prof* Euphrásia Eugênia de Almeida, desencarnada.

13) *Bell e Renê III***— Isabel Cristina e filhinho.

14) *Coral GablesW§*- Cidade da Flórida, USA, onde esteve.

15) *Vovó Conceição* — Maria da Conceição Lima Strang, avó paterna.

16) *Estadium* — Um estadium de tênis que o pai construiu e deu

o nome de Renezinho.

17) *José Luiz* — Amigo da família.

18) *Renê Oliva Strang* — Nome correto do missivista.

Edmar Alexandrino Trindade

(Dados biográficos)

O Sr. Edmar Alexandrino Trindade nasceu a 30 de outubro de 1902, em Itaparica, no Estado da Bahia e desencarnou no dia 6 de dezembro de 1972, em Salvador (BA).

Foi casado com Roselinda Albuquerque Trindade, com quem teve oito filhos: Osvaldo, Noélia, Edron, Darçy, Jacy, Maria Helena e Juracy. Foi ótimo esposo e excelente pai.

Major do Exército Brasileiro, oficial muito disciplinado e benquisto de superiores e subordinados.

Recebeu várias condecorações: Medalha de Prata relativa a 20 anos de serviços; Medalha Comemorativa do Centenário de Ruy Barbosa; Medalha de Guerra.

Granjeou, dos seus superiores, elogios pela maneira correta e

digna com que se conduzia no desempenho das missões que lhe foram dadas, revelando acentuadas virtudes profissionais.

Indo para a reserva, não aceitou nenhum cargo remunerado.

Dedicou-se à Agência do Clube Militar de Salvador, regularizando a vida dos militares e sendo um grande conselheiro de todos.

(Explicações)

Divaldo Franco participava da reunião hebdomadária do Centro Espírita Caminho da Redenção no dia 13 de agosto de 1991, às vésperas do *Workshop* que ia realizar no dia imediato no Hotel da Bahia, em Salvador, a convite do Instituto de Pesquisas Psíquicas.

A atividade reuniu, no Centro, confrades vindos de várias cidades do interior bahiano.

Durante a mesma, Divaldo psicografou a mensagem que segue:

Mensagem

Jacy, Urbano, Noélia, José Luiz, Osvaldo, Juracyt^J \ meus amados filhos:

Formulo votos fervorosos de paz em nome de Jesus-Cristol

Exulto de júbilo ante a bênção desta noite. Vê-los aqui, com alguns dos queridos netinhos, é uma felicidade que me leva às lágrimas. A emoção toma os meus sentimentos de pai e com a Roselinda, aqui conosco, os envolvemos em ondas de amor que não cessa.

Lá se vai longe o dia seis de dezembro de 1972, quando o câncer da próstata me arrebatou do convívio carnal da família, sem que me houvesse anulado ou destruído. Após os momentos primeiros na Pátria, fui agraciado pelo apoio dos seres queridos que me haviam antecedido e que contribuíram para o meu restabelecimento.

Não sofri no além-túmulo. Homem severo no cumprimento do dever, algumas vezes até exagerado no que dizia respeito à honra e aos compromissos assumidos, a minha passagem pelo mundo físico foi coroada de realizações saudáveis. Deus me permitiu e à sua mãe a honra de educar oito filhos, oferecendo-lhes exemplos e os contributos da cultura, sendo retribuído com homens e mulheres nobres, que têm sabido perpetuar o nome da família e a memória dos genitores.

Por outro lado, Deus nos concedeu genros, noras, amados, que são também filhos, e netinhos maravilhosos que se vão destacando pela bondade e consciência de responsabilidade. Poderá haver ventura maior, do que olhar para o ontem e não ter remorsos,

caminhar pelo hoje com o espírito voltado para o amanhã, que nos reunirá outra vez, para futuros cometimentos? ! Sinto-me profundamente recompensado pela misericórdia divina e repasso essa alegria a vocês, filhos e familiares queridos aqui presentes, e aos demais que se encontram nos compromissos da vida, em outras cidades ou nesta...

Em fevereiro, estive com vocês, especialmente sustentando Urbano e Jacy, até o dia nove quando Roselinda retomou e acolhi-a nos meus braços e coração

Tenho ouvido os apelos de todos e particularmente do Urbano, perguntando quando eu viria trazer notícias. As suas indagações mentais chegavam-me, porém eu confiava poder fazê-lo em uma noite como esta, tendo parte da família aqui reunida.

Orei muito para que tal sucedesse e hoje fomos aquinhoados com este prêmio do céu.

Vê-los trabalhando pela própria iluminação, auxiliando o próximo e servindo a sociedade, é o prêmio que recolho no coração e o caminho único pelo qual vocês alcançarão a plenitude.

Veio conosco, para participar desta reunião, o querido filho Edronque está do lado de cá desde o ano passado, como vocês se recordam. Ele está convocado e já se adaptou, começando, há

pouco, as atividades de crescimento pessoal no rumo da sua perfeição relativa, que alcançará.

Também informo ao Urbano, que Dona Raimunda⁽¹⁰⁾ veio participar da festa e agradecer o carinho do filho junto ao paizinho durante o transe de saúde que ele experimentou, há pouco tempo.

Filhos e familiares da alma, prossigam ditosos na tarefa do bem!

Esta oportunidade é única, porque o conhecimento da Verdade ilumina suas vidas e projeta claridade à frente.

Necessitamos continuar juntos, embora os dois mundos de vibrações diferentes, aumentando o número dos que servem e amam, dispostos à realização plena.

São poucos aqueles que estão dispostos à construção do bem geral.

Sejamos nós, entre outros, aqueles que nos resolvemos edificar a Era Nova, iniciando-a no domicílio da alma, transformando-nos para melhor.

Sejam embaixadores do nosso carinho, meu, da Roselinda e do Edron a Maria Helena, a Darcy, Edmar^{01}} e demais familiares.

Beijo os netinhos queridos, especialmente a Jaciara (lembrem-se

da minha preocupação com o seu nome?), Francis quinho^{0 2}), as lindas meninas-sorrisos e todos: genros, noras e membros do coração.

Sua mãe abençoa-os com emoção, o seu irmão os abraça, e suplicando a Deus que nos ampare sempre, o pai, avô, sogro e amigo dedicado,

Edmar Alexandrino Trindade.

(Identificações)

- 1) Jacy, Urbano, Noélia, José Luiz, Osvaldo e Juracy — Filhos e genros do missivista.
- 2) Roselinda — Nome da esposa desencarnada confirmado.
- 3) 6 de dezembro de 1972 — Data correta da desencarnação.
- 4) Câncer da próstata — Causa mortis confirmada.
- 5) Não sofri no além-túmulo..M— Todo o tópico foi confirmado pela família.
- 6) Oito filhos — Correto.
- 7) Em fevereiro... — Todo o tópico foi confirmado.
- 8) Urbano — Genro — Casado com D. Jacy.
- 9) Edron — Filho desencarnado no dia 27.09.89.

10) Dona Raimunda — Genitora de Sr. Uibano já desencarnada.

11) ... a Maria Helena, a Darcy, Edmar — Nomes dos filhos ausentes também confirmados.

12) *Jaciara, Francisquinho* — Nomes dos netos e o detalhe do nome da primeira neta, que a família confirmou.

Depoimentos da família

A filha do missivista, Sra. Jacy Trindade Urbano, traduzindo a emoção dos demais familiares, assim se expressou:

“Sempre esperávamos com a maior ansiedade uma mensagem do nosso exemplar e querido pai, por termos a felicidade de crer na imortalidade da alma.

No dia 13 de agosto de 1991, tivemos a grande oportunidade de nos reunirmos, quase casualmente, na sessão, quando Divaldo recebeu a mensagem psicografada do nosso pai, transmitindo mais palavras de esclarecimento, de ânimo, de saudade e de amor.

Nossa emoção foi tão forte, que não temos palavras para expressar o que sentimos nesse momento, principalmente quando ele se referiu à participação que teve no nome da nossa filha Jaciara, o apelido carinhoso do filho Juracy e outros vários detalhes, dando também alento e conforto sobre a nossa mãe, sogra e irmão.

As lágrimas eram de alegria e saudade, como se a presença espiritual tomasse integralmente o lugar da ausência física.

Suas palavras lindas nos transmitiram imensa paz, que sentimos quando temos a certeza de que não estamos sós.”

Jacy Trindade Urbano

Américo Paterno

(Dados Biográficos)

Américo Palermo nasceu em Franca, SP, em 25 de maio de 1914, filho de pais italianos, João Palermo e Maria Thereza Tortorelli Palermo. Foi o segundo de uma família de oito irmãos.

No seu registro de nascimento constou, por engano, a data de seu nascimento como sendo 28 de maio de 1914. Faleceu em 28 de maio de 1991, após um ano de moléstia dolorosa, pois foi acometido de um derrame cerebral, grave, em 28 de maio de 1990.

Viveu toda a sua existência em Franca. Formou-se em Contabilidade em 1932.

Foi casado por mais de cinqüenta e cinco anos com Maria Stella Ferreira Palermo. Tiveram quatro filhos e seis netos.

Lutou com problemas de saúde durante toda sua vida, tendo nascido com deficiência cardíaca séria.

Começou a trabalhar aos dez anos de idade numa antiga fábrica de calçados e arreios, cujo proprietário era amigo de seu pai. Aos treze anos passou a trabalhar na fábrica de seus pais, percorrendo, ao longo dos anos, todas as posições até que, em 1948, assumiu a direção, permanecendo, nessa função, até o final da vida.

Apesar da saúde precária teve sempre uma disposição e dedicação invejáveis para os mais diversos tipos de atividades, todas voltadas para a comunidade.

Pertenceu à Loja Maçônica “Amor à Virtude” por mais de quarenta anos, atingindo o Grau 33, e sendo Venerável por duas gestões.

Fundou a Associação do Comércio e Indústria de Franca, sendo presidente da mesma por doze anos. Fundou o Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, primeiro do interior e segundo do Estado de São Paulo.

Foi, também, presidente da Associação Atlética Francana, do Lion's Club, do antigo Conselho Municipal de Impostos e Taxas.

Colaborou por muitos anos consecutivos na direção da Santa Casa de Misericórdia e da Fundação e Creche *José Marques Garcia*.

Espírita convicto e militante construiu, em terreno de sua indústria, a atual sede do Centro Espírita *Mons. Cândido Rosa e Sopa do Patrício*.

Explicações

Divaldo Franco encontrava-se na cidade de Franca, realizando um *Seminário de Ciência do Espírito*.

Hospedado na residência da família Palermo, no dia 7 de julho de 1991, durante a realização do estudo do Evangelho, e diante dos membros do clã, psicografou comovedora página do senhor Américo, que se identifica à saciedade.

Depoimentos da família

Sobre o conteúdo da mensagem, assim se expressou a família do desencarnado:

“Como sempre acontece, desde tantos anos, quando esperamos uma visita de Divaldo à Franca, vivíamos dias de expectativa feliz, lembrando momentos de convívio abençoado no passado e antecipando os porvindouros.

Durante o mês de junho deste ano de 1991, sofridos, todos nós,

mas resignados à vontade de Deus, a expectativa era maior. Seria a primeira visita de Divaldo ao nosso lar, após a desencarnação de papai ocorrida no último 28 de maio. Sabíamos que ele estava amparado pelos Espíritos Amigos e familiares, mas, quem sabe, teríamos notícias mais precisas? A saudade já era grande demais...

Divaldo chegou no dia 6 de julho para ministrar o *Curso de Ciência do Espírito* e fazer a palestra no dia seguinte.

No domingo, dia 7, às 17 horas, ele convidou a família toda, e alguns amigos presentes, para orarmos. Iniciamos a concentração, e logo teve início a psicografia. Sentados ao seu lado, vimos quando as primeiras palavras foram traçadas de maneira vagarosa, hesitante, própria de alguém muito enfraquecido, prosseguindo, a seguir, com desenvoltura. As lágrimas vieram aos nossos olhos, quando lemos as primeiras palavras, mas procuramos conter as emoções, para que nossa mãe, sentada do outro lado, não percebesse de imediato de quem se tratava e a nossa emotividade, ante a surpresa maravilhosa, não perturbasse papai.

Sentada, um pouco mais longe, a netinha caçula de cinco anos disse à sua mãe: “É o vovôzinho que está escrevendo!” E a mensagem prosseguiu... Quando terminou e Divaldo procedeu à leitura,

deixamos cair as lágrimas de intensa alegria. Apenas quarenta e um dias após a viagem de retomo ao Mundo Espiritual, ele regressava com o mesmo carinho, a mesma preocupação para com todos, atestando, inofismavelmente, que os laços de amor são eternos.

Só nos restava agradecer ao Pai Criador pela fê que nos dá a compreensão e a resignação, e rogar-lhe, mais uma vez, que ampare sempre o nosso irmão Divaldo, cujas mãos e voz, abençoadas pela mediunidade com Jesus, têm trazido a incontáveis corações sofredores o lenitivo, a esperança e a fê.

Dirce

D.P.Falleiros

Dirce Palermo Falleiros (filha) "

(Mensagem)

Querida Stella, queridos filhos, nora, genros e netinhos, estou emocionado, rogando a Deus que nos dê amparo e paz.

Há dias que venho sendo preparado para o nosso encontro feliz. Fui informado que seria possível escrever a presente carta⁽¹⁾, oferecendo as notícias da Vida Nova.

Em oração venho atravessando este período de convalescença,

experimentando diferentes emoções...

O vinte e oito de maio assinalará a história do nosso amor, em definitivo...

Maio tem-me sido um mês especial, em razão dos acontecimentos que ficaram registrados em minha existência, especialmente o dia vinte e oito...

Repassando pela memória os vários acontecimentos a que me refiro, agradeço a Deus todos eles, que me constituíram lições de sabor eterno.

No último dia vinte e oito de maio, eu me sentia já combalido demais. Quando, no ano passado, começou o calvário da doença na sua etapa mais grave, que terminaria por encerrar o ciclo da atual existência, acalentei a esperança de continuar no corpo. Lentamente, porém, à medida que se sucediam o agravamento da saúde e o desgaste do corpo, eu comecei a compreender que não haveria mais possibilidade de continuar reencamado. Chorei muito, intimamente, até o dia em que tive um encontro espiritual com mamãe, após a traqueostomia, que me elucidou quanto à desnecessidade de continuar lutando... Eu os via cansados, sofridos, e sentia a carga pesada que lhes impunha sem o desejar, aumentando as minhas próprias dores. Ouvia você, querida Stella, pedindo-me que não a

deixasse*⁴*, e padecia porque era chegada a minha vez. O seu amor, abnegação até o sacrifício, significaram-me muito. Jamais duvidei do seu espírito de devotamento, **até** o holocausto se necessário. No entanto, quando eu a via e a sentia cansada, exaurida, a um passo do desequilíbrio das energias, eu suplicava, em silêncio, socorro para você e libertação para mim. Além disso, eu me preocupava com o aumento das despesas, num período de demoradas provações para a nossa família.

Venho hoje, ainda combalido, agradecer a todos o imenso carinho e devotamento com que me envolveram em todas as passadas horas largas, que pareciam infinitas.

Resgatei na Terra as pesadas penas. **A desencarnação** não me produziu dor nem angústia. Senti a sensação no peito e o sono imediato. Não participei de mais nada...

Quando acordei, mamãe estava com a minha cabeça no seu regaço, o que me causou uma imensa felicidade, em forma de surpresa carinhosa. Logo depois chegaram Dona Alcina, Eurípedes e Monsenhor Cândido Rosa<6) que me elucidaram quanto ao fenômeno da morte.

Chorei preocupado com os meus queridos familiares e senti o abraço da saudade. Muito enfraquecido, banhado pelas lágrimas

voltei a dormir.

Suavemente venho-me adaptando à situação atual, sob tratamento espiritual nas áreas do perispírito.

*O médico amoroso que se encarrega da minha recuperação, e reajusta as junções do meu perispírito, afirmou-me que as dilacerações constatadas são velhas, pois que procedem da existência passada em Veneza... Quando ele enunciou o nome da querida e antiga cidade, revi-me, encaminhando vidas pela **ponte dos suspiros** para a forca.... Recordei-me também da visita que fizera ao Museu e como ficara impressionado diante da pintura do **Doge**, o que senti naquele recinto... Estavam explicadas várias das nossas provações e meu doloroso processo de desgaste orgânico, do abandono a que estivemos submetidos, constituindo a revelação uma bênção libertadora.*

Agora, meus amados, é recomeço, são esperança e paz.

Refaçam a vida e prossigam em confiança.

Eu estarei ao lado, carinhosamente, de todos, tão logo me seja permitido.

Escrevo esta carta, conduzido por Euripedes, que me treina para o futuro.

Ainda ficarei no Pouso da Paz por algum tempo, até a

recuperação total.

Nunca lhes agradecerei totalmente o amor e o bem com que me felicitam.

As minhas orações serão permanentes em favor de vocês.

Chega o momento de interromper a presente, que visa somente dar-lhes as auspiciosas notícias.

Abraço-a, querida Stella e beijo-a com profundo amor, o mesmo fazendo a Dirce, Myrtes e José Antônio, Stellinha e Joacir, Helil e Suely^K os netinhos queridos e os amigos presentes.

Abraço, com carinho renovado, Fernando Américo^{f10)} e a nova geração que continuará a levar ao mundo o nosso amor e a memória da minha pobre existência terrena.

Envolvendo todos em imenso afeto e sempre reconhecido, o esposo, pai, sogro, avô e amigo-irmão, Américo.

P.S. — Cyro^(u) aqui está conosco, bem como o Sr. José Russo^(I2) e diversos amigos da nossa querida Franca.

Américo.

(identificações)

1) A presente carta — Em todas as suas cartas, mesmo as particulares para sua esposa, começava e terminava usando a expressão a presente carta ou a presente missiva.

2) *Vinte e oito de maio* — Nasceu, adoeceu e desencarnou a **vinte e oito** de maio.

3) *Traqueostomia* — Confirmado pela família.

4) *Pedindo que não a deixasse* — confirmado por D. Stella.

5) *Demoradas provações para a família* — Assunto confirmado.

6) *Dona Alcina, Eurípedes e Monsenhor Cândido Rosa* — **Sogra e amigos Espirituais.**

7) *Existência passada em Veneza* Acreditava haver vivido **antes nessa cidade.**

8) *Visita que fizera ao Museu* — Confirmado. Visitou o Museu **com o filho.**

9) *Dirce, Myrtes e José Antônio, Stellinha e Joacir, Helil e Suely* — Filhos, genros e nora.

10) *Fernando Américo* — Neto encarnado.

Cyro — Genro desencarnado.

11)

12) *José Russo* — Benfeitor da cidade de Franca.

Sérgio Lourenço

(Dados Biográficos)

Sérgio Lourenço nasceu na cidade de Penápolis (SP), no dia 15 de setembro de 1930, onde passou a infância. Formou-se em advogado e consorciou-se mais tarde com D. Esther Antunes Lourenço, de cuja união nasceram dois varões e uma menina.

Trabalhador espírita devotado, jornalista, escritor e excelente articulista, desencarnou, repentinamente, no dia 19 de agosto de 1990, após um processo lento de pertinaz enfermidade cardíaca.

(Explicações)

Divaldo Franco e Dr. Miguel de Jesus Sardano viajavam em tarefa de divulgação espírita por diversas cidades paulistas. Na noite de 17 de setembro, em Osvaldo Cruz, Divaldo proferiu uma conferência pública para mais de 1.500 pessoas que acorreram a ouvi-lo. Ao terminar a palestra, e atendendo a fila de abraços e autógrafos, recebeu a família do Dr. Sérgio Lourenço, desencarnado, há 29 dias apenas. Antes de afastar-se do recinto, ao fazer a prece de agradecimento diante de um grupo de confrades e de parte da família

Lourenço, sob a anuência de Joanna de Ângelis, o recém-desencamado ditou a mensagem que transcrevemos:

(Mensagem)

Querida Zita⁽¹⁾,

meus queridos filhos Serginho, Silas e Selma,

meus queridos filhos do coração Roberto e Doralice, meus queridos irmãos e amigos, estou suplicando a Deus que nos retempere o ânimo para o prosseguimento das lutas que deveremos travar em favor da nossa evolução.

... E a desencarnação chegou, surpreendendo-nos a todos. Embora os avisos prévios recebidos, teimávamos em adiar a fatalidade biológica, como se fôssemos constituído de material não transformável.

Naquele domingo, dezenove de agosto passado, quando comecei com a dispnéia às 5h30m⁽⁴⁾ da madrugada, pensei que fosse uma crise a mais, longe de dar-me conta do momento decisivo.

Recordo-me, penalizado, da apreensão da esposa querida e da chegada do Serginho, bem como da imediata remoção para o HospitalP

Realmente eu não gostava de Hospital... Amainada a dificuldade respiratória, pedi ao Richard o passe reconfortante⁽⁶⁾, que me iria constituir o passaporte de libertação, porquanto, logo depois, nova e violenta angina arrebatou-me, e foi o começo da viagem inevitável...

*Não acompanhei mais os acontecimentos, vindo a ter ciência deles mais tarde, ao despertar nos braços de minha mãe? * carinhosa e sorridente, que me acalmou, qual acontecia nos dias distantes da infância em Penápolis...*

Fiquei perplexo e não pude sopitar o pranto. Um turbilhão emocional perturbando-me o raciocínio e a dor persistente no peito fizeram-me adormecer novamente.

Só mais tarde recobrei a lucidez, quando, acordando, senti-me examinado por abnegado médico que se identificou com o nome de Dr. Militão Pacheco, das lides espíritas da capital paulistana.

Ele elucidou-me toda a ocorrência, afirmando que, acabada a minha moratória, era chegada a hora do retomo.

Confesso que sofri a dor da saudade e acompanhei, no calidoscópico da memória, toda a vida, no desfile rico de detalhes que me comoveu demoradamente...

Soube, então, da coragem da família, do estoicismo do

Serginho e da sua grandeza, querida Zita, com a alma dilacerada, mas, o coração e o pensamento fixados no amor de Deus e confiantes nEle.

Nunca lhes retribuirei tanto amor!

Ante a alternativa, recorri ao conhecimento espírita e busquei retemperar o ânimo para a convalescença, na qual ainda me encontro.

Readapto-me ao Lar, e no Hospital onde me encontro recebo carinho, orientação e assistência, a fim de, muito em breve, dar continuidade ao compromisso que não se interrompeu...

Desde ontem fui informado, pela bondosa Mentora Joanna, sobre esta possibilidade de comunicação, que agora se concretiza, e busquei preparar-me, sob sua orientação, para o tentame, porém a emoção me trai. Há muito para dizer, e o tempo, como as circunstâncias, impõem-me limite, brevidade.

Agradeço tudo quanto têm sabido e podido dispensar-me. O seu elevado amor ultrapassa as minhas expectativas, e o devotamento de todos para comigo é força para minha fraqueza e apoio para a minha renovação.

Amo-os muito e espero poder continuar merecedor da ternura dos seus corações.

Ainda tenho lapsos de memória, como é compreensível, e a dor, só a pouco e pouco, vai cedendo, porém estou feliz, realmente feliz.

Meu pai⁽¹⁰⁾ tem-me visitado, e diversos amigos e parentes me envolvem em esperança e gratidão.

Sinto saudades demais da Leila⁽¹⁾ e rogo a Deus abençoá-la.

*Abraçando-a, querida Zita, e tranquilizando-a, envolvo Serginho, Silas, Selma, Roberto, Doralice, D. Esther*¹²*, Leila e os amigos presentes num grande abraço, e sorrio, exclamando como o Apóstolo Paulo:— “Oh! morte! Onde está a tua vitória, onde está o teu galardão?” A vida triunfa da morte e estou vivo.*

Até breve, vidas da minha vida!

Com todo afeto e ternura, o esposo, pai, sogro, avô, genro e amigo devotado,

Sérgio

depoimentos da Família)

Sobre a autenticidade da mensagem, escreveu-nos D. Zita Lourenço, sua viúva.

“A mensagem recebida no dia 17 de setembro, na cidade de Osvaldo Cruz-SP, foi a mais grata lembrança que ficou. Todos nós

demos o testemunho de sua veracidade, publicando- a no jornal *O Imortal*, da cidade de Cambé-PR. Trouxe-nos a certeza da imortalidade e o que é mais importante, trouxe- nos o Sérgio de volta.

Quando éramos noivos, fiz-lhe o seguinte verso:

Vida de minha vida

Alma de minh'alma

Esperança que me acalma

A existência querida.

O tempo passou, ele sempre me chamou de Vida de minha vida, e sempre dizia: Ah! se não fosse você, eu seria um boêmio.

Tivemos divergências, passamos pedaços amargos, mas como a vida é feita de retalhos, tivemos muito mais felicidade e entendimentos. Nos últimos dias, ou melhor, na última semana, quando o Richard estava em nossa casa, foi para mim um corre-corre para bem servir, e o nosso tempo, juntos, foi

bem pouco. Então, conversávamos pelo pensamento: o Sérgio me olhava e eu entendia. Uma situação nunca antes vivida. Eu passei, então, a brincar: *nesta casa não tem mais diálogo, é?* Mas foram os últimos momentos. Graças a Deus! Tudo em paz e

alegria. Ficou a lembrança de um jovem chefe de família que viveu por amor. Lutou por amor. Venceu por amor. Quando lembramos dele é sempre com alegria/’

(identificações)

1) *Zita* — Esposa de Sérgio Lourenço, cujo nome' é Esther Antunes Lourenço.

2) *Serginho, Silas e Selma* — Sérgio Henrique Antunes Lourenço, filho mais velho; Silas Helder Antunes Lourenço, segundo filho, Selma Helena Antunes Lourenço* filha caçula do casal.

3) *Roberto e Doralice* — Roberto Salvato, genro, e Doralice Moraes Pinto Lourenço, nora, casada com Sérgio Henrique.

4) *Domingo, 19 de agosto passado, quando comecei com a dispnéia às 5h30m da madrugada* — Dado correto.

5) *Imediata remoção para o Hospital* — Assim ocorreu.

6) *Richard Simonetti* — Orador e escritor espírita, primo do casal Sérgio-Zita, que na ocasião estava fazendo palestras na região de Presidente Prudente, onde o casal reside, tendo sido hóspede em seu lar e aplicado o passe mencionado.

- 7) *Mãe* — Lúcia Bíscaro Lourenço, desencarnada a 22/05/ 67, na cidade de Bauru/SP.
- 8) *Infância em Penápolis* -r— Cidade do seu nascimento e infância.
- 9) *Dr. Militão Pacheco* — Médico espírita paulista desencarnado.
- 10) *Pai* — Rogélio Lourenço, desencarnado na cidade de Araxá/MG, em 1944.
- 11) *Lei la* — Leila Cristina Lourenço, neta, filha de Sérgio Henrique e Doralice, com 6 anos de idade.
- 12) *D. Esther* — Esther Dias Simonetti, sogra de Sérgio Lourenço.

(Explicações)

Tendo ido divulgar o Espiritismo, na cidade de Presidente Prudente, no dia 1 de outubro de 1991, Divaldo hospedou-se com a família Lourenço.

No dia imediato, pela manhã, quando orava com as pessoas e familiares presentes, Dr. Sérgio escreveu a mensagem que segue:

(Mensagem)

Zita querida, meus amados familiares:

estou em paz.

Não passam as horas quando se ama.

O amor é a presença de Deus em nós, e quando nos oferecemos à Vida, ele flui através de nós e predomina como hálito divino a sustentar-nos.

O milagre das horas sustenta-nos no bom combate, e prossigo na Seara com o mesmo entusiasmo de ontem, hoje enriquecido de mais amplas oportunidades de serviço.

O rio dos dias corre na direção do mar da eternidade, e somos qual barca segura ganhando espaço...

A saudade sorrateira, vez que outra, tenta cochichar-me agonias. Nesses momentos, as recordações se avolumam, abençoadas, e luarizam com a certeza do nosso próximo reencontro no país de cá, sem futuras separações, nem amarguras ou quaisquer desesperos.

Agradeço, sem cessar, ao Pai, a honra da família, que me sustenta as lembranças e as aspirações.

Vê-los, com a mão na charma, crescendo para Deus, através do serviço na Doutrina Consoladora do Espiritismo, è a maior dádiva

que disputo em preservar, orando, a fim de que prossigam, sem temer as circunstâncias, quando mais difíceis ou desafiadoras'

Não se detenham ante o bem a fazer, nem se aflijam face aos testemunhos.

Metais que não sofrem a aspereza do calor enferrujam com facilidade e perdem a finalidade para a qual são reservados.

O cristão decidido é hoje pessoa estranha na sociedade imediatista e ególatra.

*A nossa família possui, como outras igualmente, o **mapa** do tesouro. Seguir-lhe a trilha com facilidade è o que devemos realizar.*

Agradeço-lhes, comovido, a dedicação ao Bem e a preservação da memória do pai, ampliando a área dos trabalhos com que a existência me brindou executar, especialmente na etapa final do corpo.

Necessitamos de espalhar a luz do conhecimento e da esperança, nas sombras do mundo.

O nosso, é um ministério que não tem limites. Quanto mais ampliarmos os espaços, mais descobriremos horizontes a atender.

Tenho estado em casa, quanto me permitem os deveres atuais.

Vocês prosseguem a razão imediata do meu esforço. Busco renovação e coragem, a fim de não os decepcionar, procurando

encorajá-los na jornada, sustentando-lhes o ânimo nos momentos difíceis.

Amadureço experiências, objetivando os futuros labores.

Sinto-me ditoso com o trabalho recém-executado pelo Serginho e todos os familiares queridos, na divulgação do Espiritismo, ontem coroado de bênçãos inimagináveis.

Uma satisfação impar dominou-me, e permanece...

Foram inúmeros os consolados e serão incontáveis aqueles que se beneficiarão com a Mensagem espalhada a flux.

Desejo dizer à querida Selma que é necessário ser feliz, trabalhando pela auto-estima e saindo um pouco mais da lamentação. A vida, filha querida, são convites constantes ao crescimento e à realização. Multiplique as horas em favor do próximo e amplie a família na fraternidade com os sofredores.

O que fazemos, toma-se nosso testemunho pelo caminho da evolução.

Faça uma sincera auto-análise e lute com o bem, ao lado do Roberto, de modo que a perturbação e o desequilíbrio não dominem o seu lar.

Confio no genro, a quem sempre amei como filho, que considero ser, de modo que a estrutura do lar se tome cada vez mais poderosa.

Agradeço a Dona Esther, a querida sogra, pela proverbial dedicação. Os nossos daqui abraçam-na, o mesmo faço-o eu.

Com ternura, sou afetuoso e reconhecido à Dora, a filha que veio de outro corpo, para ampliar a nossa família.

Beijo a netinha Leila com emoção. Qual violeta sublime, perfuma em derredor, alminha querida.

Espero que os filhos amados, Serginho e Silas, cresçam amparados por Jesus.

*O trabalho no Sanatório exige paciência e discernimento, perseverança e abnegaçãoP**

Zita querida, prossigamos juntos. Nunca nos separaremos. Nosso rumo está traçado e seguiremos adiante com Jesus.

Abraço os companheiros que honram o nosso lar com sua presença.

Peço a Jesus que nos abençoe. E com a alma em festa, cantando carinho e gratidão, beija-os a todos, o esposo, genro, pai, sogro e avô dedicado,

Sérgio

(Identificações)

1) A divulgação da Doutrina Espírita e a divulgação do Livro

Espírita.

- 2) Incentivo à família pelo trabalho na Doutrina Espírita.
- 3) *O mapa do tesouro* é a Doutrina Espírita.
- 4) A divulgação do Livro Espírita.
- 5) O ministério referido é a divulgação da Doutrina Espírita.
- 6) O feto narrado, refere-se a: Entrevista concedida ao jornalista Barbosa da Silveira, do Jornal “O Imparcial” e para o programa mantido pelo entrevistador na Rádio Comercial-AM, programa esse intitulado “Os Ouvintes Querem Ouvir-lo”; Programa realizado pela TV Bandeirantes de Presidente Prudente — Canal 10, com 1 hora e meia de duração e ao vivo, abrangendo metade do Estado de São Paulo, de Presidente Prudente a Araraquara; e à noite, Conferência Espírita, às 20h, no salão de festas da *Moby Dick*, com a presença de mais de 2.500 pessoas, no dia 1 de outubro de 1991.
- 7) Sanatório Allan Kardec, de Presidente Prudente.
- 8) Divaldo Pereira Franco, Miguel de Jesus Sardano e o casal Oliveira, da cidade de São Paulo.

Família referidos:

Zita — (Esther Antunes Lourenço)

Serginho — (Sérgio Henrique Antunes Lourenço)

Selma — (Selma Helena Antunes Lourenço Salvato) *Roberto* —
(Roberto Salvato — genro)

Dona Esther — (Esther Dias Simonetti)

Dora — (Doralice Moraes Pinto Lourenço ^ esposa de Sérgio
Henrique)

Leila — (Leila Cristina Lourenço --=>7 anos)

Silas — (Silas Helder Antunes Lourenço)

Ana Maria Fernandes de Oliveira

Dados biográficos

D. Ana Maria Fernandes de Oliveira nasceu no dia 14 de dezembro de 1940, na cidade mineira de Araguari e desencarnou no dia 13 de novembro de 1991, na Capital de São Paulo.

Filha do Sr. Emílio Fernandes e de D. Benjamira Ferreira Fernandes, veio preencher na família a lacuna deixada pela desencarnação do irmão Patrício, ocorrida um ano antes.

Estudou em Colégios Católicos na sua cidade natal, transferindo-se para Franca (SP) em 1955, onde concluiu o curso de magistério em 1958.

Casou-se com o Sr. Antônio Galvão Martiniano de Oliveira, com quem viveu feliz por cerca de trinta anos. Do consórcio, nasceram Elaine, Galvão Jr. e Fabiano, que lhe enriqueceram a vida com netos saudáveis e queridos.

Sua existência transcorreu rica de bondade, tomando-se benfeitora de várias Instituições e protetora de muitas vidas, que nela encontravam apoio e socorro constantes.

Vitimada por uma neoplasia maligna, manteve-se serena e confiante até o momento da desencarnação.

(Explicações)

No dia vinte e sete de setembro de 1992, realizou-se, em Santo André (SP), um Bazar beneficente pró Mansão do Caminho, pelo quarto ano consecutivo.

Como das vezes anteriores, estando presente, Divaldo Franco permaneceu todo o dia autografando suas Obras mediúnicas e atendendo as pessoas. Entre essas, um senhor falou-lhe da aflição pela perda da esposa. Mesmo sem indagar-lhe o nome, Divaldo

apresentou-lhe dados confortadores, fornecidos pelos Espíritos que o acompanhavam, sugerindo que o mesmo permanecesse no recinto até a hora da prece de encerramento, para eventual complementação, caso houvesse nova informação.

Somente às dezenove horas, diante de um público de mais de mil pessoas, enquanto era proferida a prece, Divaldo psicografou a mensagem que consta do presente livro.

Chamando nominalmente o destinatário, que muito se comoveu, Divaldo leu a confortadora carta da sua esposa desencarnada, com imensa riqueza de detalhes.

(Depoimentos da Família

A respeito do conteúdo da mensagem, assim se expressou o esposo:

“Primeiramente gostaria de agradecer, de todo coração, a mensagem que o amigo psicografou da minha querida e imortal Ana, a qual nos trouxe imensa alegria e consolo.

É com grande satisfação que autorizo inclui-la em algum dos seus livros, a fim de consolar outras pessoas.”

(Mensagem)

Meu amado Galvão,

a morte jamais poderia destruir um amor que se prolongou, na Terra, por mais de três décadas.

O afeto prolongado, cimentado na ternura e na fidelidade, prossegue inalterado, qual se nos estivéssemos a reencontrar neste momento.

Caminhantes de inúmeras jornadas, reencetamos a marcha, na última etapa, com os objetivos elevados da edificação de um Mundo Novo.

Recordo-me dos nossos sonhos e aspirações, ricos de entusiasmo efê. O nosso tem sido um amor especial, que Deus abençoou com filhos e netos, verdadeiras jóias do escrínio dos nossos corações.

A enfermidade sorrateira e cruel, no entanto, instalando-se no meu organismo até então saudável, não conseguiu a sua meta — interromper a nossa imorredoura vinculação amorosa.

Tudo parecia bem, quando os primeiros sintomas começaram a afligir-me, em junho e julho do ano passado, como se fossem problemas de coluna. Em agosto, como você recorda, após os exames cuidadosos, em São Paulo, veio o diagnóstico assustador e fatal —

hepatoma com metástase pulmonar... ,

Ficamos estarecidos, e você pensou em levar-me aos Estados Unidos para que recursos mais sofisticados detivessem o insidioso mal... Relutei, apoiada na fé robusta, e consegui enfrentar o depauperamento orgânico até a inesquecível quarta-feira, dia 13 de novembro, quando o ciclo carnal se encerrou.

As dores aguardadas não me acometeram, como receavam os médicos.⁽¹⁰⁾ Sucede que o amor de Deus poupou-nos a aflições mais angustiantes.

Você foi o esposo extraordinário, que abandonou tudo, a fim de auxiliar-me com sua presença e carinho, enriquecendo-me as horas tristes com esperança, conforto e pazⁿ⁾

Deixei nossa Franca e o carinho dos familiares, da mãezinha Beijinha e do pai Emílio⁽¹²⁾, para partir desta grande cidade, na direção da Pátria.

Agora, são novos planos e diversas atividades, a que me dedico com o ardor que você conhece.

A morte é vida em abundância.

Preparo-me para continuar digna de você e dos amados familiares.

Fui recebida por carinhosos benfeitores espirituais e tratada, recuperando-me totalmente, e mantendo os deveres da visita constante ao lar.

Agradeço o socorro oportuno que você vem dispensando ao Lar Espirita do Menor, em Franca^{03}, ajudando o trabalho da querida Fátima^{04*} e dos corações afeiçãoados ao Bem. Deus o ampare sempre!*

Novos planos me dominam as paisagens mentais e contemplo o amanhã com coragem e amor.

Volveremos a reencetar o matrimônio, quando você terminar a sua tarefa, que há de ser longa, formosa e produtiva.

Não desfaleça, permanecendo animado e dando prosseguimento aos seus deveres.

Não me esqueço dos nossos amados Elaine, a filha exemplar, e do Miguel, o genro afetuoso, de Júnior e da Cláudia, do Fabiano e da Renata^{05}, dos netinhos — que são sublimes retalhos do coração...*

Aqui, de alma ditosa, embora as saudades, desejo beijar as mãos e as cabeças dos meus pais, dos meus sogros Genésio e Alzira!¹⁰, envolvendo os amigos em ternura, em gratidão, incluindo*

a nossa Walkyria...⁰⁷*

Beijando-o, esposo amado, e aos nossos, com o carinho de sempre, a esposa imortal e sempre afetuosa,

Identificações

*Ana Maria*⁰⁸*

1) *Galvão* — Refere-se ao esposo Antônio Galvão Martiniano de Oliveira, chamado pela missivista Galvão.

167

2) *Mais de três décadas* — Correto. Pouco mais de trinta e oito anos de convivência.

3) *Com filhos e netos* — Idem.

4) *Em junho e julho do ano passado* — Ibidem.

5) *Em agosto* — A referência é exata.

6) *Exames cuidadosos em São Paulo* — Residindo em Franca, os exames definitivos foram realizados na Capital.

7) *Hepatoma com metástase pulmonar* — Confirmado.

8) *Levar-me aos Estados Unidos* — Confere a informação.

9) *Inesquecível quarta-feira, dia 13 de novembro* — Dado exato.

10) *Como receavam os médicos* — Realmente, eram previstas dores

superlativas o que não aconteceu.

- 11) *Esperança, conforto e paz* — Confirmado.
- 12) *Mãezinha Beijinha e do pai Emílio* — Nomes corretos dos pais da missivista.
- 13) *Lar Espírita do Menor, em Franca* - ^Nome de edificante Obra Espírita, onde o Sr. Galvão trabalha e ajuda.
- 14) *Da querida Fátima* — Nome da diretora da Obra acima referida.
- 15) *Elaine, a filha exemplar, e do Miguel, o genro afetuoso, do Júnior e da Cláudia, do Fabiano e da Renata* ^ Nomes corretos dos filhos, genro e noras da desencarnada.
- 16) *Genésio e Alzira* — Nomes corretos dos sogros da missivista.
- 17) *A nossa Walkyria* — Nome de pessoa querida.
- 18) *Ana Maria* — Nome da desencarnada.

Guaracy Paraná Vieira

(Dados Biográficos)

Guaracy Paraná Vieira nasceu em Paulo Frontin, então

município de Mallet, Estado do Paraná, no dia 4 de agosto de 1918. Foram seus pais Maurílio Fabrício Vieira e Nicolina Granier Lins Vieira. cursou o primário no Grupo Escolar Balduino Cardoso, em Porto União, Santa Catarina; Curso Complementar, no Colégio Santos Anjos, Porto União, Santa Catarina; Curso Ginásial, no Ginásio Santa Cruz, de Castro, Paraná, e no Colégio Iguaçu, em Curitiba, Paraná.

Desencarnou aos 72 anos de idade, no dia 18 de junho de 1991, na Santa Casa de Misericórdia, em Curitiba, Paraná, onde se encontrava internado em tratamento médico. Era casado há 48 anos com dona Célia Madalosso Vieira e dessa união vieram os filhos Alcione, solteira; Armando, casado com Margarida de Andrade Vieira e pai de quatro filhos; Alberto casado com Márcia Zan Madalosso Vieira e pai de um filho; Josélia, casada com Dante Luís Ricci Jacob e mãe de dois filhos, e Flávio, casado com Silvana Weinhardt de Oliveira Madalosso Vieira e pai de dois filhos. Guaracy deixou longa ficha de atividades no campo profissional e da Doutrina Espírita, religião que ele abraçou muito cedo e da qual se tomou um líder seguro e respeitado em Ponta Grossa e em todo o Paraná. Ainda menino começou a trabalhar em ofícios os mais diversos para ajudar no sustento de sua família.

O profissional: Ingressou no 13 Regimento de Infantaria em

1937, de onde saiu no posto de 2 Sargento. Posteriormente, trabalhou na Comissão de Estrada de Rodagem CER- 1, de onde transferiu-se para a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. No serviço público municipal desempenhou várias e importantes funções, dentre as quais se destacam a de Fiscal Geral, Chefe da Seção Mecanizada, Diretor do Gabinete e da Secretaria, Diretor da Biblioteca Pública Municipal e Diretor do Departamento de Educação e Cultura, cargo equivalente ao de Secretário Municipal.

Em 1966, foi nomeado secretário da então Faculdade Estadual de Farmácia e Bioquímica de Ponta Grossa. Em 1970, com a criação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Fundação que ele ajudou a organizar, foi nomeado Secretário Geral da Universidade, sendo seu primeiro funcionário. A partir de 1980, em virtude de nova estrutura da entidade, assumiu a função de Chefe da Secretaria da Reitoria, cargo que ocupou até sua desencarnação.

O jornalista: Sua primeira atividade na imprensa foi na redação e depois na direção do jornal espírita “Voz da Espiritualidade”, mantido pela União da Mocidade Espírita Cristã de Ponta Grossa, da qual ele participava desde a fundação em 1948. Em 1949, ingressou como amador na equipe de Rádio e Teatro da Rádio Clube Pontagrossense, onde posteriormente redigiu e apresentou programas

variados. A partir de 1951, passou a colaborar na redação do Grande Jornal Falado H.M. (Hermes Macedo S/A) e a escrever a crônica “Bom dia, Ouvintes” para a abertura da emissora. A partir de 1952, com a reformulação dos programas noticiosos da Rádio Clube, passou a redigir a crônica “Perfis da Cidade”, que era apresentada pelo saudoso Barros Júnior e que passou a ser transcrita diariamente no jornal “Diário dos Campos”. Nesse jornal, Guaracy atuou como redator de 1958 a 1959 e mais tarde, de 1963 a 1964, foi secretário de redação, mantendo a coluna “Um homem dentro da vida”, que focalizava os homens de maior destaque na vida da cidade, por serem em relação a esta os agentes diretos do progresso. Era também responsável pela crônica “O assunto é Diário”. Foi ainda secretário de redação do jornal “Itapejara”, do Centro Cultural Euclides da Cunha, e sócio correspondente do Centro de Letras do Paraná. Na década de 80, transferiu-se para a Rádio Difusora de Ponta Grossa com o “Perfis da Cidade”, mas, muito envolvido com as atividades profissionais e religiosas, viu-se obrigado a deixar de escrever sua tradicional crônica diária. Participava do programa “Sem Censura” do Hélio Porto na Rádio Pitangui de 2* a 6* feira, desde 1983. Foi colaborador do programa “Alvorada Cristã”, levado ao ar aos domingos pela Rádio Central de Ponta Grossa durante três anos.

O religioso: Movido por problemas de saúde, recém-casado, foi encontrar no Espiritismo o lenitivo para seu problema. Convencido pelo fenômeno mediúnico e pelo estudo, tomou-se espírita a partir de 1946, tendo ingressado na Sociedade Espírita Paz e Amor a Jesus, onde exerceu vários cargos. Passou depois a colaborar na Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados, da qual, à época de sua desencarnação, era vice-presidente e diretor do Departamento Doutrinário. Participou da Fundação da Mansão Bezerra de Menezes, onde foi Conselheiro, da Casa Transitória Fabiana de Jesus e da Organização Espírita Cristã Irmã Scheilla, além de incentivar e colaborar com outras instituições espíritas. Foi, por diversas vezes, presidente da União Regional Espírita ^ 2ª Região, da qual ultimamente era diretor doutrinário. Atuava também na Federação Espírita do Paraná, onde exercia os cargos de 2ª vice-presidente e conselheiro. Viajou por quase todo o Paraná realizando palestras, participando de cursos e reuniões, levando sua abalizada experiência.

Guaracy foi um homem modesto, simples, compreensivo, cuja palavra sempre amiga cativava todos aqueles que dele se aproximassem. Nunca teve ambições, achando sempre bom e

suficiente o que possuía. Embora procurasse se manter no anonimato, foi alvo de muitas homenagens, tendo recebido diplomas, medalhas, título de cidadão ponta-grossense e outras menções de mérito.

Seu retomo ao Mundo Espiritual ensejou, por iniciativa de pessoas que o admiravam, a realização de várias homenagens, como mensagens e crônicas que conseguiram, mediante a revelação de um perfil de homem íntegro e caridoso, expressar exatamente o que ele foi e o exemplo que deixou.

Alcione Madal&so Vieira

Explicações

Divaldo Franco viajava pelo Paraná, a convite da Federação Espírita desse Estado.

Amigo da família Guaracy Paraná Vieira, estando hospedado no seu lar, na tarde de oito de agosto de 1991, durante o Culto Evangélico psicografou uma mensagem por ele firmada.

A respeito da mesma, assim se expressou a família:

Depoimentos da família

“Há 40 anos, liderada por Guaracy, a família se reúne sempre às

quintas-feiras, para a realização do Culto do Evangelho no Lar. Na quinta-feira, dia 8 de agosto, às 17 horas, reuniu-se a família para esta finalidade, contando com a presença do médium Divaldo Pereira Franco que, de passagem por Ponta Grossa, visitou a família e participou do Culto. Graças à sua mediunidade, fez-se intermediário da primeira comunicação de Guaracy Paraná Vieira.

A mensagem psicografada por Divaldo trouxe à família, aos amigos e à comunidade ponta-grossense um novo alento, face à saudade e sentimento de *abandono* que reinava entre todos desde o dia 18 de junho.

Foi uma dádiva, uma bênção que Ele nos concedeu ao permitir esta manifestação tão gratificante, que também veio abalizar o trabalho que o nosso Guaracy **realizou** por quase meio século, através de sua palavra, falada ou escrita, levada aos ponta-grossenses e paranaenses sob várias formas.

Receber Papai, ouvi-lo, senti-lo entre nós, saber da sua sanidade e lucidez espiritual, foi tão reconfortante quanto seria o sucesso da cirurgia, se realizada. A sua presença física faz falta, e muito, porém sentimos que ele está livre para ser não apenas o pai-amigo e o amigo, mas, também, e principalmente, o nosso mentor e protetor espiritual, que tanto necessitamos.

Mensagem

Querida Célia, meus queridos filhos, netos, irmãos, sobrinho, familiares e amigos,

a emoção toma os meus sentimentos e não posso negar que a lucidez mental cede lugar à prece de gratidão e de júbilo, pensando em Deus pela felicidade do retomo ao lar, ao doce aconchego doméstico.

Não é fácil arrolar notícias neste momento de reencontro, embora me houvesse preparado com carinho para a correspondência mediúnica.

Há pouco estávamos juntos na dimensão corporal e hoje, transcorrido um breve período, encontramos-nos em círculos diferentes de ação, não obstante sempre juntos.

Confesso que, por ocasião da viagem a Curitiba para o internamento na Santa Casa de Misericórdia, eu me encontrava preocupado, face ao diagnóstico alarmante... Lá, porém, enquanto aguardava a cirurgia, asserenei-me, e a confiança em Deus, que nunca me faltou, pareceu estabelecer-me a convicção da saúde.

As minhas lembranças finais naquela terça-feira, dezoito de

junho, foram o pedido de um copo com água, pois senti sede e, depois, a sensação do frio...

Tive a impressão do apagar da luz e de um grande silêncio que me interrompeu as atividades físicas.

Ao despertar, encontrava-me no colo de minha mãe e, embora atordoado, não foram necessárias palavras aclaratórias, porque, chorando de alegria, ela me deu as boas-vindas.

Foi uma grande surpresa, que me dominou o raciocínio. Naquele momento, vi toda a minha existência transcorrer retrospectivamente com celeridade inimaginável. Tudo me passava pela mente, qual fosse uma tela mágica, na qual as imagens vivas e tridimensionais colocavam-me como um espectador deslumbrado, que transitava da surpresa ao encantamento, do receio à tristeza, conforme as cenas que se imprimiam e passavam.

Sem poder concatenar as idéias, voltei a dormir um sono profundo, do qual despertei mais tarde, recuperado e lúcido.

Chorei de saudades, como vocês o fizeram também. Lavava as lembranças felizes com as lágrimas, e a gratidão a Deus pela família que Ele me concedeu cantava igualmente no meu coração.

Comecei a receber então as visitas queridas, começando por meu pai, Dona Balbina Branco, ⁴seu ” Fidélis Alves e os queridos

companheiros espíritas das lides do passado.

Posteriormente, Dr. Bezerra de Menezes e Scheilla vieram examinar-me e eu não pude conter as emoções. Passadas aquelas primeiras impressões, o venerável médico examinou-me e esclareceu que o ato cirúrgico não me iria restituir a saúde, porque o órgão cardíaco não possuía resistência para prosseguir, confirmando o término da jornada terrestre.

Esclareceu que o incidente na UniversidadeW não era responsável pelo apressamento das dores que me excruciam, dando início ao processo desencamatório...

Elucidou que havíamos recebido um breve protelamento, porque o fenômeno da morte deveria ter sido na primeira crise⁽⁶⁾, havendo uma divina concessão que nos facultou uma breve preparação para a realidade que hoje nos domina.

A partir daí, iniciou-se a necessidade de adaptação ao novo Lar.

Não fossem vocês todos, os amores da retaguarda, e poderia dizer que me sentiria feliz. Essa felicidade, porém, somente se dará quando estivermos juntos, sem mais sombras, nem separação.

Repasso agora todos os nossos momentos felizes em uma larga existência assinalada pelas lutas, a fé, o amor e a dignidade, na

condição de servidores de Jesus. São, todas, lembranças ricas de bênçãos, sem as marcas dolorosas das ações infelizes.

Tomei conhecimento das homenagens à minha memória, e agradeço o carinho de todos, a partir da nossa Universidade, incluindo os queridos amigos da Imprensa falada e escrita que me ofereceram os seus sentimentos bons e carinhosos.

São-me estímulo ao prosseguimento na trilha do bem servir.

Agradeço com lágrimas a você, querida Célia, o estoicismo revelado, poupando-me aflições. A nossa longa existência conjugal ofereceu-nos estrutura para estes dias. Retome à sua alegria, retome as rédeas das suas atividades e confie. Estamos juntos como sempre e teremos os nossos momentos de rabugice, porque a morte não nos transforma de um momento para outro. Não nos separaremos, porque o nosso é um amor que soube resistir a todas as vicissitudes com dignidade, compreensão e carinho.

Beijo os filhos amados e confio que seguirão fiéis a todas as lições-exemplos que lhes ministramos.

Envolve em forças Alcione, de modo que prossiga a filha abnegada de sempre.

Agradeço a decisão da família em favor da filha querida.^m

Nada possuí que pudesse deixar, exceto a conduta de homem

lutador e amante do bem.

Agradeço a Armando e Margarida, Josélia e Dante, Alberto e Márcia, Silvana e o meu menino Flávio querido⁽¹⁰⁾, aos netinhos, todo o amor que me devotam, suplicando a Deus que os abençoe e sustente no prosseguimento das suas lutas.

Abraço os irmãos queridos e sobrinho, aos quais nossa mãe aqui presente abençoa com carinhosa ternura.

Também abraço os amigos presentes, reconhecido ao seu afeto e apoio emocional.

...Eu pensava em aposentar-me, querida Célia, em julho, recorda-se?⁽¹¹⁾ Era uma forma de intuição, pois que julho chegou-nos e me encontrou na injunção livre da matéria.

Recebi as homenagens pelo transcurso dos setenta e três anos, no último dia quatro do corrente.⁽¹²⁾

Agora, com a alma comovida pela gratidão, encerro esta primeira carta, esperando retomar noutras vezes, a fim de continuarmos juntos no rumo do Senhor.

Beijo-os a todos e agradeço-lhes o amor e a ternura.

A você, Célia querida, o devotamento e o profundo reconhecimento que estendo também aos filhos, noras, genro,

Identificações

- 1) *Internamento na Santa Casa de Misericórdia* — Dado exato.
- 2) *Terça-feira, dezoito de junho* — Correto.
- 3) *Um copo com água... a sensação de frio* — Idem.
- 4) *Dona Balbina Branco, "seu" Fidélis Alves* — Trabalha dores espíritas de Ponta Grossa e amigos do missivista.
- 5) *Incidente na Universidade* — Assunto conhecido somente da Família.
- 6) *Primeira crise* — Ocorrência no dia doze de junho de 1991, havendo sido internado em Ponta Grossa.
- 7) *Da nossa Universidade* — Universidade Estadual do Paraná, onde trabalhou desde sua fundação em 1970, havendo participado de sua fundação e sendo o seu primeiro funcionário.
- 8) *Imprensa falada e escrita* — Como jornalista foi muito homenageado pelos colegas da Imprensa escrita, falada e televisada.
- 9) Alusão ao Culto Evangélico no Lar realizado pelos familiares, no dia em que completaria 73 anos (04/08/91) e

às referências feitas na reunião da Sociedade Espírita Francisco de Assis, da qual era Vice-Presidente e Diretor do Departamento Doutrinário.

10) *Armando e Margarida, Josélia e Dante, Alberto e Márcia,*

Silvana e o meu menino Flávio querido — **Nomes dos filhos, noras e genro.**

11) *Eu pensava em aposentar-me em julho, recorda-se?* —

Assunto que ele conversou apenas com a esposa.

12) *Setenta e três anos, no último dia quatro do corrente* —

Correto.

13) *O velho Guaracy* — Expressão carinhosa usada pela esposa

e pelo filho Alberto.

(Depoimentos da Familiar)

Vindo visitar a Mansão do Caminho e repousar um pouco, D. Célia Madalosso Vieira, na reunião mediúnică da noite de vinte e três de setembro de 1991, recebeu nova carta do esposo desencarnado, através da psicografia de Divaldo.

A respeito do seu conteúdo, assim se expressou:

“A mensagem do meu marido, é o próprio retomo dele — o mesmo estilo, os dados desconhecidos do médium, os detalhes de fatos, que somente eu e poucos familiares participamos — trazendo-nos o lenitivo à saudade e a certeza da sua sobrevivência à morte.

Em cada frase reencontro o seu pensamento e a sua forma de ser, características vivas da sua personalidade nobre, qual o fazia, quando em viagem, escrevendo-me e à família.

Verdadeira carta de próprio punho, é uma bênção de Deus ao nosso imorredouro afeto.”

Mensagem

Querida Célia,

ergamo-nos ao Pai, em prece de amor, a fim de agradecermos todas as concessões que nos têm chegado.

Transcorreram apenas três meses da nossa separação física. Parece muito tempo e foram poucos dias... A saudade sabe alongar as horas, e a espera consegue afligir com a incerteza.

Lentamente, porém, o tempo dilui o choque da morte, que mesmo aguardada é sempre surpresa desagradável e dilaceradora.

A vida é um dos milagres do amor de Deus e ela sempre vence, superando todas as ocorrências e predominando, vitoriosa.

Não posso negar que me é muito dolorosa a saudade. Os hábitos de uma convivência, relativamente longa, não desaparecem num piscar de olhos. Tudo quanto construímos juntos — e não foi muito — com lágrimas e renúncias, ofereceu-nos estrutura na fé espírita. Apesar disso, dilaceram os sentimentos os processos da desencarnação. Conforta-nos a certeza do reencontro e alegra-nos a dádiva da correspondência mediúnica, lenificadora.

Continuo o mesmo, no jeito habitual.

Recupero-me, cada dia mais, já podendo movimentar-me com alguma liberdade, porém reaprendendo o que a carne amorteceu na memória...

Vendo-a e aos familiares em equilíbrio, posso renovar-me e já pensar em trabalhar, porque o tempo urge.

Vocês têm sabido viver com a elevação dignificadora para a qual procurei prepará-los, e isto me dá tranquilidade.

Continue, como sempre, cuidando dos seus deveres. As forças serão recuperadas e o serviço da caridade é a estrada da felicidade.

Bem-aventurados aqueles que se encontram no dever que o amor favorece junto aos que sofrem.

Sinto-me feliz com o trabalho da Alcione, na "Scheilla", no entanto ela necessita de algum repouso, a fim de servir mais e por

tempo dilatado. Tenho rogado a Jesus que a ajude, ampliando os quadros de cooperadores diretos ao seu -lado.

Estive ao lado do Armando, quando da sua enfermidade.⁽¹⁾ Da vez anterior preocupei-me muito, e agora não foi diferente, pois ele necessita criar a família.

O choque com a minha viagem para cá deixou-lhe sequelas, e o aparelho digestivo ressentiu-se. Que o filho querido cuide-se mais e fortaleça-se.

Parece-me muito cedo para que a "pequena Scheilla " se separe do lar, mesmo que para estudar. Ela se recorda de mim e gostaria que eu opinasse. Pois, se lhe for possível, continue mesmo em Ponta Grossa, e, à época do Vestibular, já mais amadurecida, que o tente em Curitiba, com tranquilidade, confiando em Deus. Estudando com afinco, em qualquer lugar ela se preparará bem, e isto, sim, é o importante.

Já tenho estado com os Madalosso. A família tem-me visitado, e, há poucos dias, estive com vários deles, nossos familiares, na desencarnação do üo...⁽⁴⁾

Dilatando a minha visão da realidade espiritual, observo melhor a grandeza da mediunidade. Você recorda do carinho dos

nossos Guias receitando homeopantias e medicamentos da flora por meu intermédio. As vezes, eu receava da eficiência deles, em razão dos meus parcos registros psíquicos. Pois bem, aqui fui recebido pelos bondosos médicos espirituais que me utilizavam, e, também, por alguns irmãos aos quais atendera no mister, quando na Terra.

Gostaria de dizer aos companheiros do nosso Grupo, dos nossos trabalhos, da grandeza e da responsabilidade ante a bênção do exercício mediúnico. Embora todas as faculdades sejam nobres, o receitista exige mais cuidados, calma e equilíbrio interiores, e preparação contínua, especialmente nos dias reservados ao seu ministério. É necessária a pontualidade, ao lado da harmonia mental, sem as excitações habituais, para a filtragem correta do pensamento, da orientação espiritual.*

Tenho estado em nossos trabalhos e aprendo mais, ampliando o entendimento em tomo do socorro aos padecentes, nas entrevistas e, depois, nos diálogos com os seus acompanhantes...

Não tinha tendência para escrever biografia, razão pela qual retardei o compromisso, que o Flávio agora enceta. Será um trabalho exaustivo, que merecerá reescrita, anotações, reflexões. Ele tem condições de fazê-lo com a ajuda da Márcia. Agradeço o gesto dele.

Também planejo um pequeno livro de observações, à forma de perfis do lado de cá. Os queridos Hugo Reis e Vianna de Carvalho estão estimulando-me e ajudando-me. Conto com as suas orações.

O compadre Muzzillo está muito bem e temos estado juntos.

Agradeço, emocionado, o gesto do Napoleão, quando do meu internamento, tranqüilizando-a e ao Armando. Você recorda? Nunca retribuiremos, em gratidão, a bondade que se nos oferece nos momentos difíceis. Deus que o abençoe!

Há tanto para escrever-lhe e aos familiares!

Seu gesto para com a minha irmã alcançou-me a alma.(10) Você é alma querida, rica de renúncia e de amor. Somente possuímos o que repartimos; esta é a verdade.

Os filhos, noras, genro e netinhos estão na pauta dos meus profundos sentimentos de amor, e abraço-os com carinho.

Sigamos adiante, juntos, porquanto, nada nos separará. O amor vence tudo, mesmo quando, na Terra, tem e sofre os arranhões do cansaço e da rabugice da idade(n), ficando, aliás, mais profundo.

... E você que estava sentindo-se desgastada e pensando que nos íamos separar, através da sua morte!(12) Felizmente, fui eu, porque você é mais útil, no mundo físico, do que eu.

Ainda me sensibilizam as homenagens dos amigos, espíritas ou

não. *Expresse-lhes os meus sentimentos de homem simples, espírito modesto. Nos próximos dias, traduza-lhes estas minhas emoções..*

Abraço Dante e Josèlia, Armando e Margarida, Alberto e Márcia, Flávio e Silvana, Alcione(I4) e os netinhos da alma, que não esqueço.

*Beijando-a com todo o carinho, o seu **velho** Guaracy*

(identificações)

- 1)... Armando, quando da sua enfermidade — Realmente o *filho adoeceu gravemente após a desencarnação do missivista.*
- 2)... “*pequena Scheilla*” se separe do lar... — A netinha queria do avô um conselho, pois pensava estudar em Curitiba.
- 3)... *os Madalosso* — Familiares de D. Célia.
- 4)... *desencarnação do Tio* — Tio de D. Célia, Sr. Antônio Madalosso, que aconteceu no dia 08/09/91.
- 5)... *Guias receitando por meu intermédio* — O missivista exerceu a mediunidade curativa.
- 6)... *que o Flávio agora enceta* — Um amigo solicitou a Guaracy que escrevesse a biografia do genitor — do amigo —, que nascera na Alemanha. Ele tentou, várias vezes, não conseguindo, e após sua morte o filho Flávio aceitou fazê-la em homenagem ao pai

desencarnado.

7) *Hugo Reis e Vianna de Carvalho* — Nomes de Espíritos amigos que lhe são muito queridos.

8) *Compadre Muzzillo* — Não havia esse compromisso, mas ambos se consideravam e tratavam como tal.

9) ... *o gesto de Napoleão* — Ocorrência nobre que foi apresentada a D. Célia e seu filho Armando, pelo atual presidente da Federação Espírita do Paraná, Dr. Napoleão Araújo.

10) *Seu gesto para com a minha irmã* — Confirmado.

11) ... *rabugice da idade* — Expressão muito repetida entre os cônjuges.

12) ... *que nos íamos separar* — Assunto comentado pelos esposos, poucos dias antes da partida dele.

13) ... *estas minhas emoções* — Dado correto.

14) *Dante e Josélia, Armando e Margarida, Flávio e Silvana, Alberto e Márcia, Alcione* — Nomes dos filhos, genro e noras.

Notas

[←1]

Uma tristeza súbita então me assaltava — Dra. Evanir afirmou que sempre o surpreendia nesse estado, e, ao perguntar-lhe, ele prometia dizer ou escrever depois, o que não concretizou.

[←2]

Em Jequié r- Cidade, na Bahia, onde a família residia.*

Mônika — Esposa de Eurípedes.

12) *João Francisco* — Filho, já referido no item 3.

13) *Toninho e Dona Maria Rezende, a Profit. Angélica*

Alessandre — Trabalhadores espíritas

desencarnados da cidade de Uberlândia (MG).

Vitória da Vida — Divaldo Franco — Diversos Espíritos —
Livraria Espírita Alvorada Editora — 1987.

[←5]

...pai *Álvaro*, o avô *Politano* — Nomes corretos.

[←6]

Meu querido pai — A caligrafia é semelhante àquela que possuía na Terra.

... *pai de Fábio, que havia desencarnado em 1985* —

Dado

confirmado pelo pai.

2) ...*agradecer a carta* — Igualmente confirmado.

3) *Olga e Antônio* — Nomes dos avós paternos.

4) *Dionísio Luiz e Maria* — Nomes dos avós maternos.

5) *Tio Luiz ... rato, alemão* — Informação exata.

6) *Tio Sérgio* — Igualmente confirmado.

7) *Tia Sandra e tio Luiz, a tia Maria Helena* Nomes confirmados.

*Minha querida mãe, meu pai querido,
rogo a Deus auxiliar-nos a vencer as dificuldades que
defrontamos pelo caminho da nossa evolução.*

Estamos no Além — IDE (Araras). Hércio Marcos C. Arantes. (médiun
Francisco Cândido Xavier.)

*"Papai, meu tesouro, mãezinha, minha jóia. Vovô Valério
pede para que eu adite estas palavras. Não é de hoje o nosso*

